

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas


COMPLEMENTOS ORACIONAIS EM PORTUGUÊS  
Uma Abordagem Transformacional

Tese submetida à Universidade Federal de  
Santa Catarina para a obtenção de grau  
de MESTRE EM LETRAS — opção Linguística,  
por:

LAURO CHOCIAI

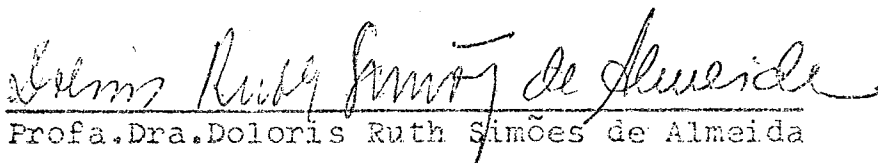
junho — 1977

ESTA TESE FOI JULGADA ADEQUADA PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE  
MESTRE EM LETRAS - OPÇÃO LINGÜÍSTICA -  
E APROVADA EM SUA FORMA FINAL PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO.



Prof. Dr. Paulino Vandresen

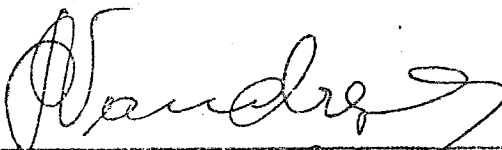
Orientador



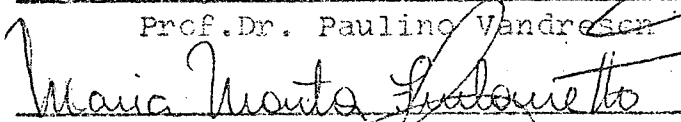
Profa. Dra. Doloris Ruth Simões de Almeida

Integradora

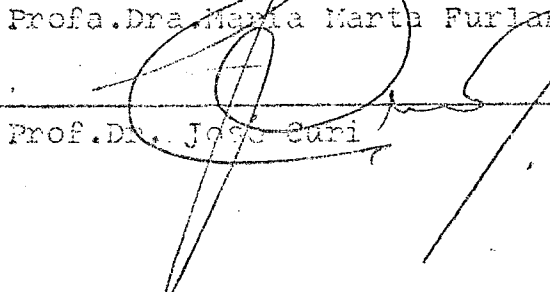
Apresentada perante  
a Banca Examinadora  
composta dos  
professores:



Prof. Dr. Paulino Vandresen



Profa. Dra. Maria Marta Furlanetto



Prof. Dr. José Curi

A meus pais e primeiros mestres,  
Mariano Chociai  
e  
Emília Koslovski Chociai.

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Paulino Vandresen, pelo incentivo e pela dedicação com que orientou esta tese;

À Profa. Solange de Azambuja Lira, pelo apoio recebido durante o curso;

À Universidade Federal de Santa Catarina e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelos sábios ensinamentos;

À Universidade Estadual de Mato Grosso, pela oportunidade que me concedeu para realizar o Mestrado;

A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, comigo colaboraram.

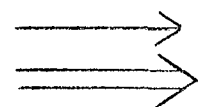
## SUMÁRIO

	Página
Introdução.....	1
Capítulo I - O Problema.....	2
1. Apresentação.....	2
2. Pressuposições.....	3
2.1. Características Principais de Uma Gramática Ge rativo-Transformacional.....	3
2.2. Regras de Estrutura Frasal.....	12
2.3. Estruturas Básicas.....	15
2.4. Regras Transformacionais.....	20
3. Delimitações.....	28
Notas.....	29
Capítulo II - Resenha da Bibliografia Pertinente.....	31
1. Abordagem Tradicional.....	31
2. Abordagem Gerativo-Transformacional.....	40
Notas.....	50
Capítulo III - Análise das Orações Dominadas pelo Sintag ma Verbal.....	51
1. Introdução à Análise.....	51
2. Análise das Orações.....	52
Notas.....	82
Capítulo IV - Análise das Orações Dominadas pelo Sintag ma Adverbial.....	84
1. Introdução à Análise.....	84
2. Análise das Orações Derivadas por Complementação...	87
2.1. Orações Introduzidas por Conjunções Adverbiais	87
2.2. Orações Introduzidas por Advérbio + Preposição	91
2.3. Orações Introduzidas por Preposições.....	97
3. Orações Derivadas por Relativização.....	103

Notas.....	113
Conclusão.....	114
Bibliografia.....	116

## RELAÇÃO DE SÍMBOLOS

Esta relação contém, em ordem alfabética, os símbolos utilizados nesta dissertação.



reescreve-se

transforma-se

\*

agramatical

Adj.

adjetivo

Aux.

auxiliar

C.C.B.

Camilo Castelo Branco

Comp

comparação

Compl.

complementizador

Conj. Adv.

conjunção adverbial

DE

descrição estrutural

Det

determinante

EF

estrutura frasal

EP

estrutura profunda

ES

estrutura de superfície

F

oração

G.B.

Gustavo Barroso

G. Lakoff

George Lakoff

GV

grupo verbal

Hum

humano

Igual

igualdade

Interpret.

interpretação

M.A.

Machado de Assis

ME

mudança estrutural

M.M.

Marquês de Maricá

N

Nome

NGB

Nomenclatura Gramatical Brasileira

O	oração
Pass.	passado
Prep.	preposição
Pres.	presente
Pro	elemento abstrato
Pron	pronome
ProN	proforma nominal
Quant	quantidade
Rel	relativo
RS	regra de estrutura frasal
RT	regra transformacional
S	sentença
SA	sintagma adjetival
SAdv.	sintagma adverbial
SC	símbolo complexo
SI	sujeito idêntico
Sintagma Prep	sintagma preposicional
SN	sintagma nominal
SP	sintagma preposicional
SPred	sintagma predicativo
SPrep	sintagma preposicional
Subct.	subcategorização
Sup	superioridade
SV	sintagma verbal
T	tempo
Te	tempo
Tp	tempo
V	verbo
Vc	verbo copulativo ou de ligação
Vi	verbo intransitivo
Vt	verbo transitivo



## RESUMO

Esta dissertação procura analisar as orações do Português dominadas pelo sintagma verbal, introduzidas pelos complementizadores que e infinitivo, e as orações dominadas pelo sintagma adverbial, de acordo com a teoria de Chomsky, apresentada em Aspects of the Theory of Syntax.

De acordo com essa teoria, existem três processos recursivos, que permitem que uma oração possa ser encaixada em outra: conjunção e dois tipos de subordinação: complementação e relativização.

Procura-se demonstrar que as orações dominadas pelo sintagma verbal podem ser derivadas de um único nóculo verbal. As orações introduzidas pelo complementizador infinitivo ocorrem quando existe identidade de sujeitos. As orações introduzidas pelo complementizador que, dependendo da classe de verbos, podem ocorrer quando os sujeitos são diferentes ou quando existe identidade de sujeitos.

Procura-se demonstrar também que as orações dominadas pelo sintagma adverbial podem ser derivadas por complementação e relativização. As orações derivadas por complementação se comportam, no aspecto sintático e semântico, como orações adverbiais, enquanto que as orações derivadas por relativização se comportam, no aspecto sintático, como orações relativas, e no semântico, como orações adverbiais.

## ABSTRACT

This dissertation seeks to analyze both Portuguese sentences dominated by verbal phrase - which are introduced by "que" and infinitive complementizers - and sentences dominated by adverbial phrase, in accordance with Chomsky's theory, as presented in Aspects of the Theory of Syntax.

According to this theory, there are three recursive processes which enable sentence to be embedded into another one. The processes are "conjunction", and two types of subordination, i. e., complementation and relativization.

The author tries to demonstrate that sentences dominated by verbal phrase can be derived from one and only one verbal nodule. He also seeks to prove that sentences introduced by infinitive complementizer occur when subject identity exists; that sentences introduced by "que" complementizer, as they depend on verb classes, can occur when subjects are dissimilar, and when there is subject identity, as well.

Moreover, the author also tries to demonstrate that sentences dominated by adverbial phrase can be derived by means of both complementation and relativization; and, that sentences derived by means of complementation behave, either in syntactic aspect or in semantic aspect, as adverbial sentences, while those derived by means of relativization behave, in syntactic aspect, as relative sentences, and, in semantic aspect, as adverbial sentences.

## RÉSUMÉ

Dans cette dissertation, l'auteur cherche d'analyser les propositions du Portugais dominées par syntagme verbal, et introduites par les complémentisateurs "que" et infinitif, et, également, les propositions qui, dans cette même langue, sont dominées par syntagme adverbial; l'approche adoptée, dans ces cas, étant celle pourvue par Chomsky (1965) dans ses Aspects of the Theory of Syntax.

Selon Chomsky, il y a trois procès de recursivité permettant l'enchâssement d'une proposition dans une autre. Ces procès sont la conjonction et deux types de subordinations: la complémentation et la relativization.

On essaie de démontrer que les propositions dominées par syntagme verbal peuvent être dérivées à partir d'un seul module verbal; que les propositions introduites par le complémentisateur infinitif sont présentes lorsqu'il existe l'identité de sujets; que les propositions introduites par le complémentisateur "que", lorsqu'elles dépendent de la classe de verbes, peuvent être présentes lorsque les sujets sont différents, ou lorsqu'il y a l'identité de sujets.

Aussi, cherche l'on de démontrer que les propositions dominées par syntagme adverbial peuvent être dérivées à l'aide de la complémentation et de la relativisation; que les propositions dérivées par complémentation restent, dans les aspects syntaxique et sémantique, des propositions adverbiales, tandis que les propositions dérivées par relativisation restent dans l'aspect syntaxique, des propositions relatives, et, dans l'aspect sémantique, des propositions adverbiales.

## INTRODUÇÃO.

Esta dissertação tem por objetivo analisar alguns tipos de complementos oracionais em português, de acordo com os postulados da gramática gerativo-transformacional, apresentada por Noam Chomsky, em Aspects of the Theory of Syntax.

O conteúdo deste trabalho está disposto em quatro capítulos.

O capítulo I constará de três partes. A primeira parte conterá a apresentação de nosso estudo. A segunda apresentará as pressuposições, quais sejam, as características principais de uma gramática gerativo-transformacional, as regras de estrutura frasal, as estruturas básicas e as regras transformacionais. A terceira parte delimitará o âmbito da dissertação.

O capítulo II conterá, em ordem cronológica, a resenha da bibliografia referente ao tema da dissertação e constará de duas partes. A primeira parte apresentará as opiniões de autores adeptos da abordagem tradicional, e a segunda, as opiniões de autores partidários da abordagem gerativo-transformacional.

O capítulo III constará de duas partes. A primeira apresentará uma introdução à análise das orações dominadas pelo sintagma verbal. A segunda parte apresentará a análise das orações introduzidas pelos complementizadores que e infinitivo.

O capítulo IV conterá três partes. A primeira apresentará uma introdução à análise das orações dominadas pelo sintagma adverbial. A segunda apresentará a análise das orações derivadas por complementação. A terceira parte apresentará a análise das orações derivadas por relativização.

## CAPÍTULO I

### O PROBLEMA

#### 1. APRESENTAÇÃO

Sendo o objetivo desta dissertação analisar alguns tipos de complementos oracionais, procuraremos apresentar uma análise das orações dominadas pelo sintagma verbal e das orações dominadas pelo sintagma adverbial.

A teoria da gramática gerativo-transformacional, desenvolvida por Noam Chomsky, em Aspects of the Theory of Syntax, tem demonstrado grandes vantagens em sua aplicação aos aspectos sintáticos das línguas naturais.

De acordo com essa teoria, existem três processos recursivos, que permitem que uma oração possa ser encaixada em outra: conjunção e dois tipos de subordinação: complementação e relativização.

Morais (1971), Quicoli (1972), Pontes (1973), Perini (1974) e Fávero (1974), entre outros, levantam várias hipóteses sobre a estrutura das orações dominadas pelo sintagma verbal. Essas hipóteses, contudo não estão suficientemente testadas e muitos aspectos relevantes permanecem ainda sem solução.

Com relação às orações dominadas pelo sintagma adverbial, os linguistas, de um modo geral, se dedicam muito pouco ao seu estudo. Dubois e Charlier (1970) e Hadlich (1973), ao proporem análises para o francês e espanhol, apenas indicam os caminhos a serem seguidos.

Tondo (1974), Feres (1976), Samara (1976) e Azevedo

(1976), apresentam um estudo de algumas orações dominadas pelo sintagma adverbial, porém em diferentes perspectivas.

Nesta dissertação, apresentaremos uma análise das orações dominadas pelo sintagma verbal, introduzidas pelos complementizadores que e infinitivo, procurando verificar com que classes de verbos essas orações ocorrem. Apresentaremos também uma análise das orações dominadas pelo sintagma adverbial procurando demonstrar que essas orações podem ser derivadas pelos processos de complementação e relativização.

## 2. PRESSUPOSIÇÕES

### 2.1. Características Principais de Uma Gramática Gerativo-Transformacional

O primeiro modelo da gramática gerativo-transformacional surgiu em 1957, com a publicação de Syntactic Structures de Chomsky. A partir de então, esse modelo sofreu uma série de modificações que culminaram com o aparecimento de duas obras importantes: An Integrated Theory of Linguistic Descriptions de Katz e Postal (1964), e Aspects of the Theory of Syntax de Chomsky (1965). Ao conteúdo dessa última obra, Chomsky denominou Teoria-Padrão ( Standard-Theory ) da gramática gerativo-transformacional.

De acordo com o modelo de 1965, a finalidade do estudo descritivo de uma língua é a elaboração de uma gramática compreendida como um mecanismo formal capaz de gerar todas as orações dessa língua.

Uma língua pode ser definida como um conjunto de orações, cada uma constituída de uma forma fonética ideal e de uma interpretação semântica intrínseca.

A gramática de uma língua é um sistema de regras que especifica a correspondência de som ( forma fonética ) e sen tido ( interpretação semântica ). É esse sistema de regras que o falante interioriza e que lhe permite produzir e entender as orações, bem como decidir se as orações são bem ou mal forma das. Esse conhecimento de regras que produzem e interpretam as orações é denominado competência linguística.

Podemos também definir a gramática como um conjunto finito de regras capaz de gerar um número infinito de orações gramaticais e nenhuma oração agramatical de uma língua.

A teoria linguística proposta por Chomsky (1965), des taca de forma especial o aspecto criativo da linguagem humana e postula que uma das tarefas do linguista consiste em criar um modelo lógico que corresponda à competência linguística do falante de uma língua.

Uma gramática gerativo-transformacional encerra três componentes: um gerativo, o componente sintático, e dois inter pretativos, o componente semântico e o componente fonológico.<sup>1</sup> Esses três componentes operam por meio de regras cuja natureza e função dependem do componente a que pertencem. O componente sintático é o componente central da gramática, pois sobre ele operam os outros dois componentes. Os componentes semântico e fonológico são interpretativos, isto é, não desempenham nenhuma função na geração recursiva das orações.

O componente sintático consta de dois subcomponentes, o subcomponente de base e o subcomponente transformacional. O subcomponente de base contém as regras de estrutura frasal, tam bém chamadas regras de reescritura, as regras de subcategorização e o léxico. A função desse subcomponente é gerar as estruturas profundas sobre as quais atua o componente semântico for necendo uma interpretação semântica às orações.

As regras de estrutura frasal são um sistema de regras ordenadas, ou pelo menos parcialmente ordenadas, que têm por função definir as noções de categorias e funções gramaticais, dentro dos indicadores sintagmáticos. São regras que têm a seguinte forma:

$$(1) \quad A \longrightarrow x$$

onde A representa uma categoria e x representa uma cadeia de categorias ou um símbolo terminal. Lê-se essa regra do seguinte modo: reescreva-se A como x.

Exemplificando:

$$(2) \quad \begin{array}{c} A \\ | \\ x \end{array}$$

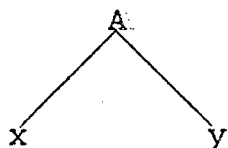
Observe-se que, no diagrama acima, o nóculo superior, o dominante, é ocupado pelo elemento que aparece na regra à esquerda da seta, e o nóculo inferior, o dominado, é ocupado pelo elemento ou pelos elementos à direita da seta. Os elementos à esquerda são categorias gramaticais e os elementos à direita também são categorias gramaticais, menos o último elemento, que é um símbolo complexo, também chamado símbolo terminal, e que não domina nenhum outro elemento. No caso de uma cadeia de categorias, do nóculo dominante saem dois ou mais nóculos, cada um ocupado por uma das categorias que compõem a cadeia, como no exemplo seguinte:

$$(3) \quad A \longrightarrow x \text{ e } y$$



ou em diagrama arbóreo:

(4)



Na inserção léxica, o símbolo complexo será substituído por um elemento lexical, que contenha as características descritas pelo símbolo complexo.

As regras de estrutura frasal estabelecem as relações entre as categorias sintáticas, impedindo, dessa forma, a geração de seqüências como:

(5)\* Um Ângela carro comprou

As regras de subcategorização têm por função estabelecer às relações entre as subcategorias sintáticas. Essas regras podem ser independentes de contexto ou dependentes de contexto. Cada regra de subcategorização introduz um traço sintático, por exemplo, [\* Animado]. A função das regras independentes de contexto é especificar os traços inerentes às categorias sintáticas, não permitindo a geração de seqüências como (6):

(6)\* Ângela amedrontou o carro

As regras de subcategorização dependentes de contexto são de dois tipos: as de subcategorização estrita e as de seleção.

As regras de subcategorização estrita têm por função impedir a geração de seqüências como:

(7)\* Ângela comprou<sup>2</sup>

A seqüência (7) é agramatical porque o verbo comprar exige um sintagma nominal complemento e deve ser especificado com o traço  $[+ \text{---} \text{SN}]$ .

A função das regras de seleção é impedir a geração de seqüências como (8) e (9):

(8)\* O martelo pensa

(9)\* Os meninos amedrontaram o pinheiro

A agramaticalidade das seqüências (8) e (9) se deve ao fato de os traços sintáticos do sintagma nominal sujeito na seqüência (8) e ao do sintagma nominal complemento em (9) serem incompatíveis com os verbos respectivos.

Exemplificando:

(10) Martelo  
 $\left[ \begin{array}{l} + \text{ Nome} \\ - \text{ Animado} \end{array} \right]$

(11) Pensar  
 $\left[ \begin{array}{l} \text{SN} \text{---} \\ \left[ \begin{array}{l} + \text{ N} \\ + \text{ Animado} \end{array} \right] \end{array} \right]$

(12) Pinheiro  
 $\left[ \begin{array}{l} + \text{ Nome} \\ - \text{ Animado} \end{array} \right]$

(13) Amedrontar  
 $\left[ \begin{array}{l} \text{---} \text{SN} \\ \left[ \begin{array}{l} + \text{ N} \\ + \text{ Animado} \end{array} \right] \end{array} \right]$

O conjunto de traços sintáticos especificados pelas regras de subcategorização se denomina símbolo complexo.

Exemplificando:

(14) Nome — [ + Nome ]

(15) [ + Nome ] — [ + Animado ] ou [ - Animado ]

(16) [ + Animado ] — [ + Humano ] ou [ - Humano ]

A regra (14) indica que todo Nome tem o traço sintático [ + Nome ]. A regra (15) indica que o símbolo complexo que tem o traço [ + Nome ] contém a especificação [ + Animado ] ou [ - Animado ]. A regra (16) indica que o símbolo complexo que contém o traço [ + Animado ] deve conter a especificação [ + Humano ] ou [ - Humano ].

O léxico<sup>3</sup> é um conjunto de entradas lexicais, entendendo-se por entrada lexical um par ( D, C ), onde D é a matriz fonológica ( a pronúncia do formativo ), e C é uma coleção de traços sintáticos ( um símbolo complexo ).

A inserção léxica se faz de acordo com a seguinte regra lexical:<sup>4</sup>

Se Q é um símbolo complexo de uma sequência pré-terminal, e ( D, C ) é uma entrada lexical, onde C é igual a Q, então Q pode ser substituído por D.

Exemplificando:

(17)

Léxico

1.....

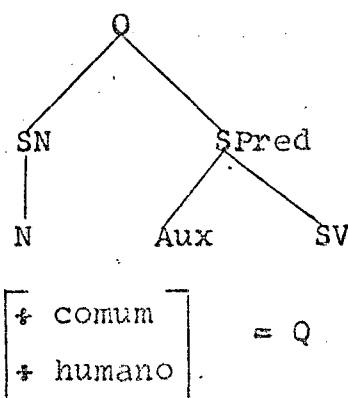
2.....

3.....

4. 

D	C
homem	+ comum + humano

(18)



O item lexical número 4 contém a matriz fonológica homem e o símbolo complexo  $[+ \text{ comum}, + \text{ humano}]$ . Logo, o símbolo complexo Q do marcador pode ser substituído por homem.

As regras do subcomponente de base são em número finito, contudo, apesar de serem em número finito, podem gerar um número infinito de orações. Essa possibilidade de gerar um número infinito de orações se deve ao caráter recursivo das regras desse subcomponente. Por recursividade se entende a propriedade que uma regra tem de reintroduzir à direita da seta um símbolo que numa regra anterior está à esquerda, e que possibilita a enumeração de uma quantidade infinita de estruturas.

Exemplificando:<sup>5</sup>

(19) (i)  $A \longrightarrow B + C$

(ii)  $C \longrightarrow (A) + D$

As regras (i) e (ii) podem gerar as seguintes orações:

(20) (i) B D

(ii) B B D D

(iii) B B B D D D

$(n + 1^1) B^{n+1} D^{n+1}$

porém, não gerarão orações como:

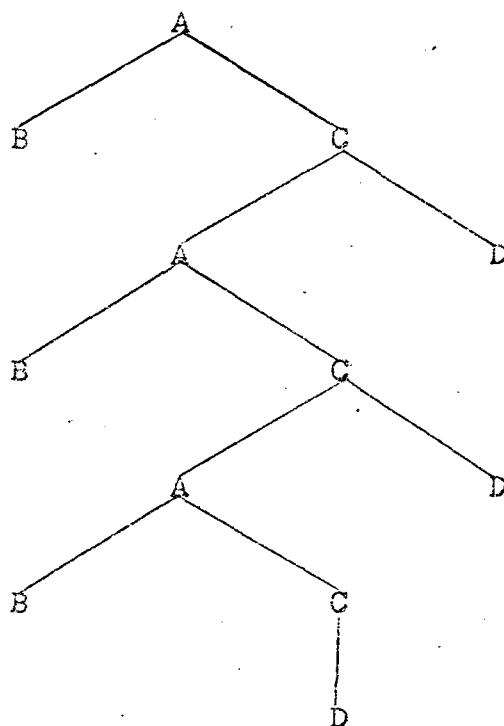
(21) (i) B C

(ii) B B A D D

(iii) B A

O diagrama (22) representa a estrutura profunda da oração (20 iii).

(22)



Chomsky afirma, em Aspects of the Theory of Syntax, que no primeiro modelo da gramática gerativo-transformacional, a recursividade era atribuída ao subcomponente transformacional. Agora, na teoria-padrão, a recursividade é uma característica do subcomponente de base.<sup>6</sup> É a recursividade que permite o desenvolvimento de uma oração dentro da outra e essa dentro de outra e assim por diante.

O subcomponente transformacional tem por função converter as estruturas profundas em estruturas de superfície, sobre as quais atua o componente fonológico, fornecendo uma interpretação fonética às orações. As estruturas profundas são o input (entrada) para o subcomponente transformacional, enquanto que as estruturas de superfície são o output (saída).

A formulação de uma transformação compreende uma descrição estrutural, onde se explicitam as condições para a

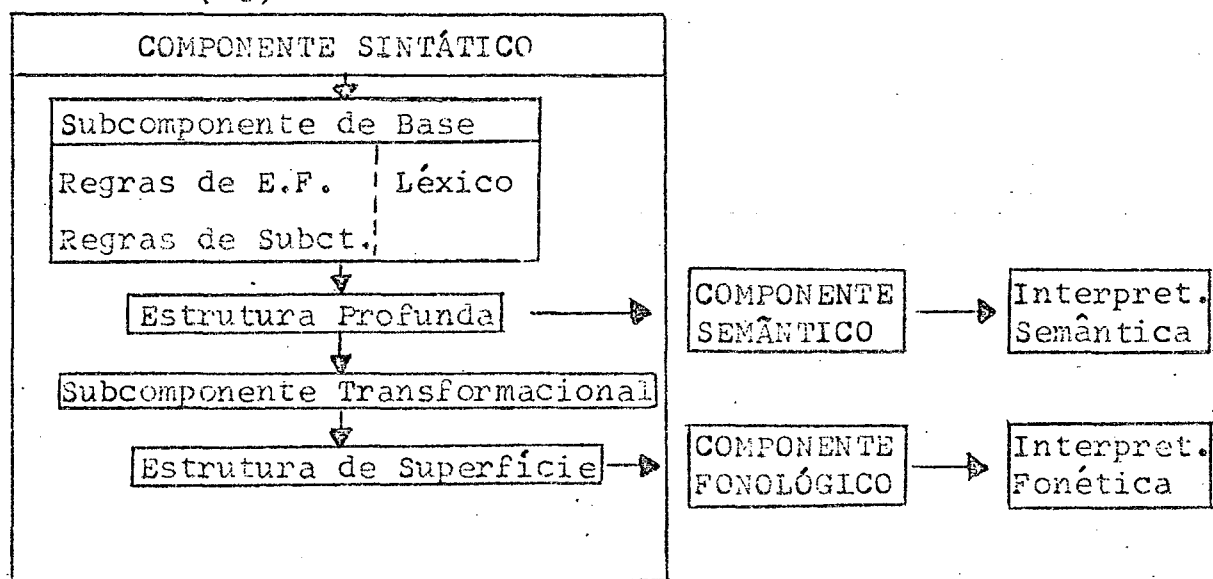
aplicação das regras e uma mudança estrutural, onde são notadas as modificações que a transformação acarreta na estrutura em questão.

As regras transformacionais se aplicam a indicadores sintagmáticos de estruturas profundas ou a indicadores sintagmáticos derivados (que já sofreram a aplicação de transformações).

Uma regra transformacional será aplicada sempre que encontrar as condições de analisabilidade.<sup>7</sup> As condições de analisabilidade para determinar o domínio de uma regra transformacional são dadas por: índices estruturais, conceito de dominância e identidade de referência. Em outras palavras, as condições de analisabilidade são dadas por um conjunto de índices <sup>8</sup> suplementados por uma função booleana de condições de dominância ou identidade.

O quadro abaixo representa, de uma maneira bastante esquematizada, o papel dos três componentes de uma gramática gerativo-transformacional.

(23)



Após a publicação de Aspects of the Theory of Syntax, surgiram polêmicas e várias modificações foram sugeridas à teoria-padrão. Assim, surgiram as correntes lexicalista, liderada por Chomsky, Jackendoff, Emonds, e semanticista, liderada por Bach, Mac Cawley, Fillmore, Ross, G.Lakoff, entre outros.<sup>9</sup>

A Gramática de Caso, proposta por Fillmore (1968), parece ter revolucionado os estudos linguísticos no que diz respeito às orações simples (kernel-sentences), contudo, o mesmo não podemos afirmar com relação às orações complexas.

## 2.2. Regras de Estrutura Frasal

As regras de estrutura frasal, em Syntactic Structures, produziam somente orações simples, pois a recursividade era atribuída ao subcomponente transformacional. No modelo de Aspects of the Theory of Syntax, a propriedade recursiva da gramática passou a ser parte do subcomponente de base, e não mais do subcomponente transformacional.<sup>10</sup>

RS<sub>1</sub> : O  $\longrightarrow$  (Pré O) + SN + SPred

Oração reescreve-se como pré-orção mais sintagma nominal mais sintagma predicativo, ou como sintagma nominal mais sintagma predicativo;

RS<sub>2</sub> : Pré O  $\longrightarrow$  Neg

Pré-Oração reescreve-se como negação;

RS<sub>3</sub> : SPred  $\longrightarrow$  Aux + SV + (SAdv)

Sintagma Predicativo reescreve-se como auxiliar mais sintagma verbal, ou como auxiliar mais sintagma verbal mais sintagma adverbial;

RS<sub>4</sub> : Aux  $\longrightarrow$  Te ( -er ) ( ter-do ) ( estar-ndo )

Auxiliar reescreve-se como tempo, ou como tempo mais -er, ou como tempo mais ter-do, ou como tempo mais estar-ndo, ou como tempo mais -er mais ter-do, ou como tempo mais -er mais estar-ndo, ou como tempo mais ter-do mais estar-ndo, ou como tempo mais -er mais ter -do mais estar-ndo;<sup>11</sup>

RS<sub>5</sub> : Te  $\longrightarrow$   $\begin{Bmatrix} \text{Pres} \\ \text{Pass} \end{Bmatrix}$ <sup>12</sup>

Tempo reescreve-se como presente ou como passado;

RS<sub>6</sub> : SV  $\longrightarrow$   $\left\{ \begin{array}{l} \text{Cópula} + \begin{Bmatrix} \text{SA} \\ \text{SN} \\ \text{SPrep} \end{Bmatrix} \\ \text{V} + (\text{Prep} + \text{SN}) + (\text{SN}) \end{array} \right\}$

Sintagma Verbal reescreve-se como cópula mais sintagma adjetival, ou como cópula mais sintagma nominal, ou como cópula mais sintagma preposicional, ou como verbo, ou como verbo mais preposição mais sintagma nominal mais sintagma nominal, ou como verbo mais preposição mais sintagma nominal, ou como verbo mais sintagma nominal;

RS<sub>7</sub> : SN  $\longrightarrow$   $\left\{ \begin{array}{l} (\text{Det}) + \text{N} \\ (\text{Det} + \text{N}) + \text{O} \end{array} \right\}$

Sintagma Nominal reescreve-se como determinante mais nome, ou como nome, ou como determinante mais nome mais oração, ou como oração;



$$RS_8 : \quad SAdv \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} Adv \\ Conj. Adv. + SN \\ (Adv) + Prep + SN \end{array} \right\}$$

Sintagma Adverbial reescreve-se como advérbio, ou como conjunção adverbial mais sintagma nominal, ou como advérbio mais preposição mais sintagma nominal, ou como preposição mais sintagma nominal;

$$RS_9 : \quad SA \longrightarrow Adj$$

Sintagma Adjetival reescreve-se como adjetivo;

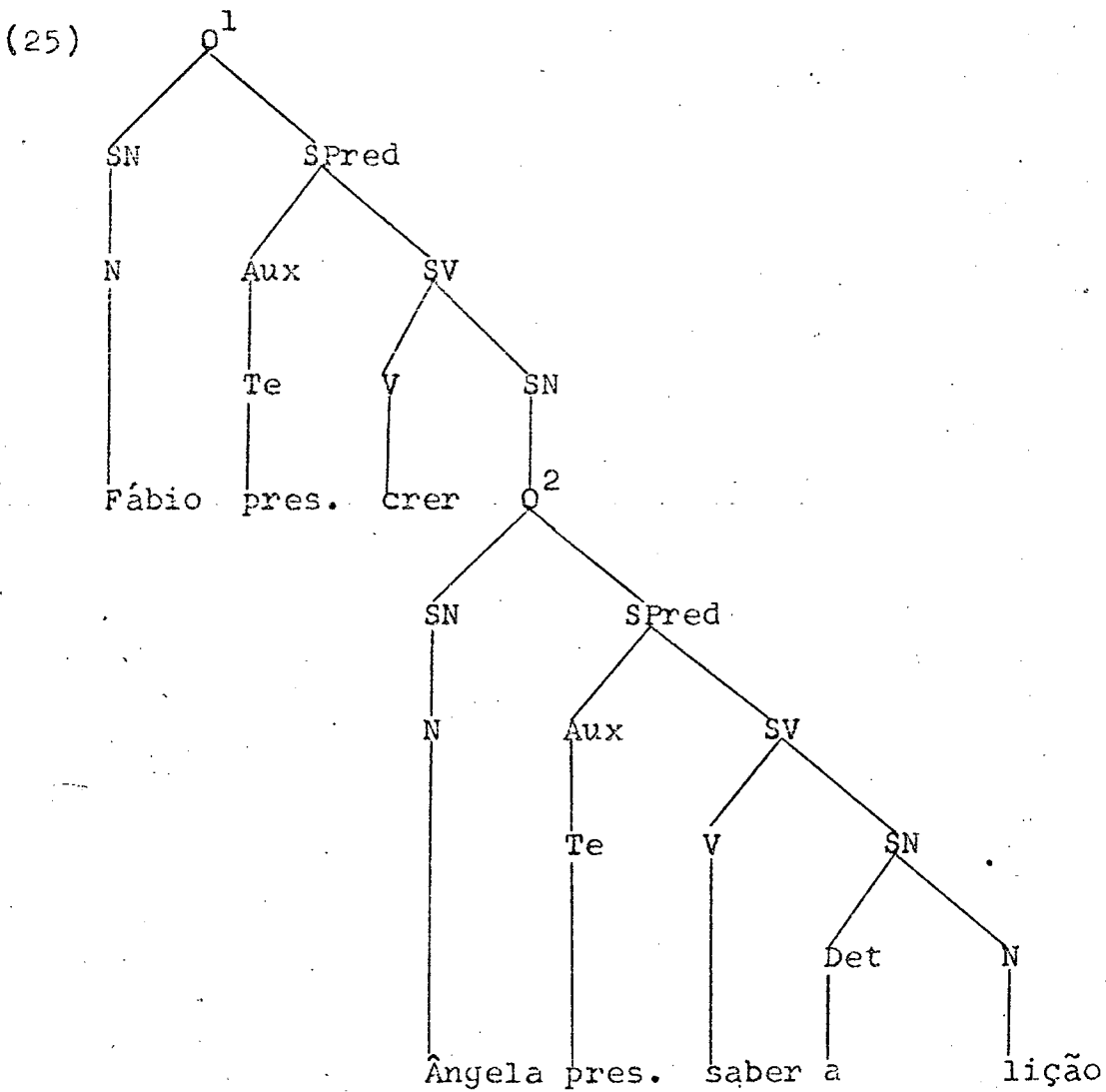
$$RS_{10} : \quad SPrep \longrightarrow Prep + SN$$

Sintagma Preposicional reescreve-se como preposição mais sintagma nominal.

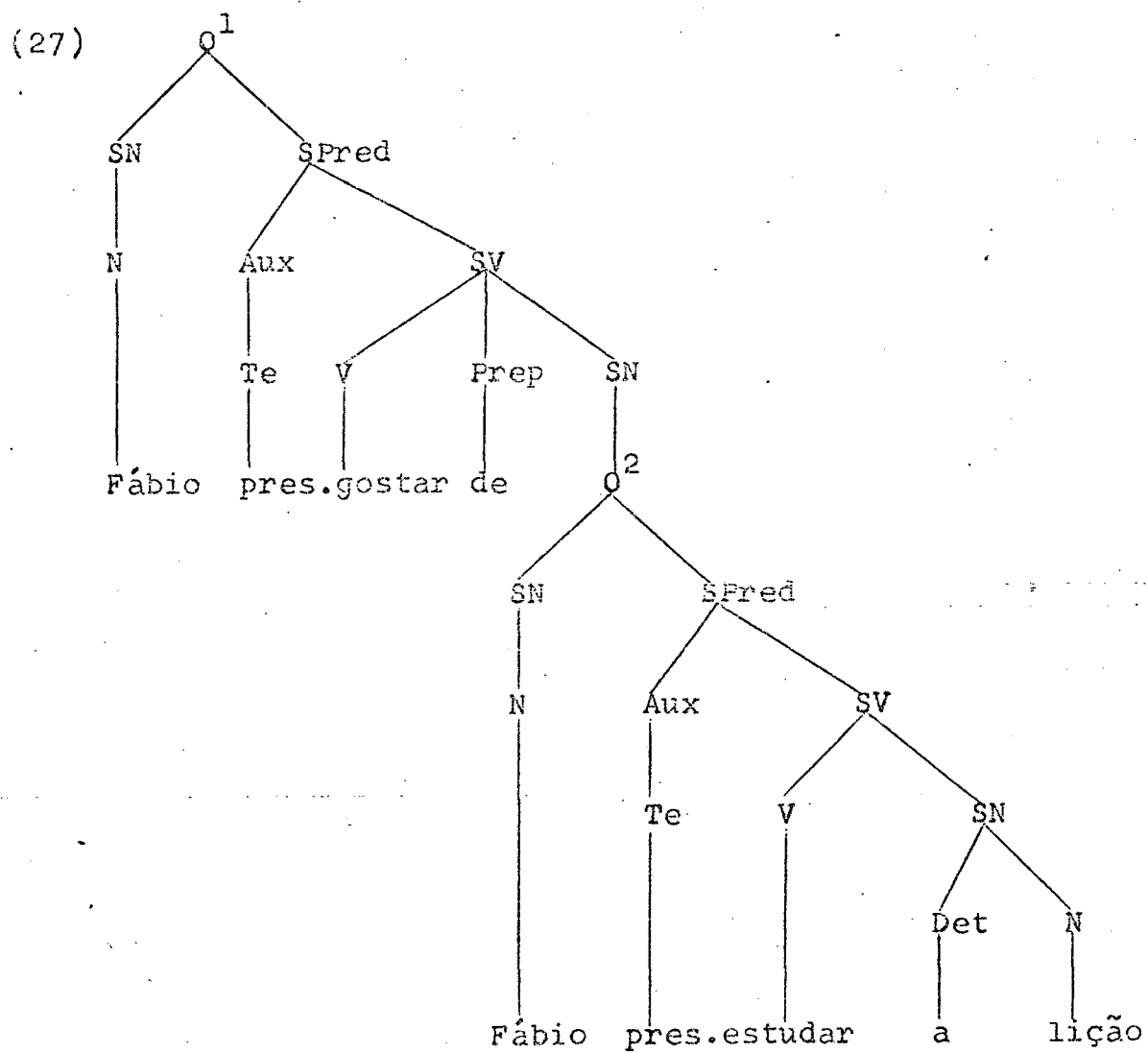
### 2.3. Estruturas Básicas

As regras de estrutura frasal, propostas acima, podem gerar um grande número de estruturas profundas, entre as quais as mais relevantes são as seguintes:

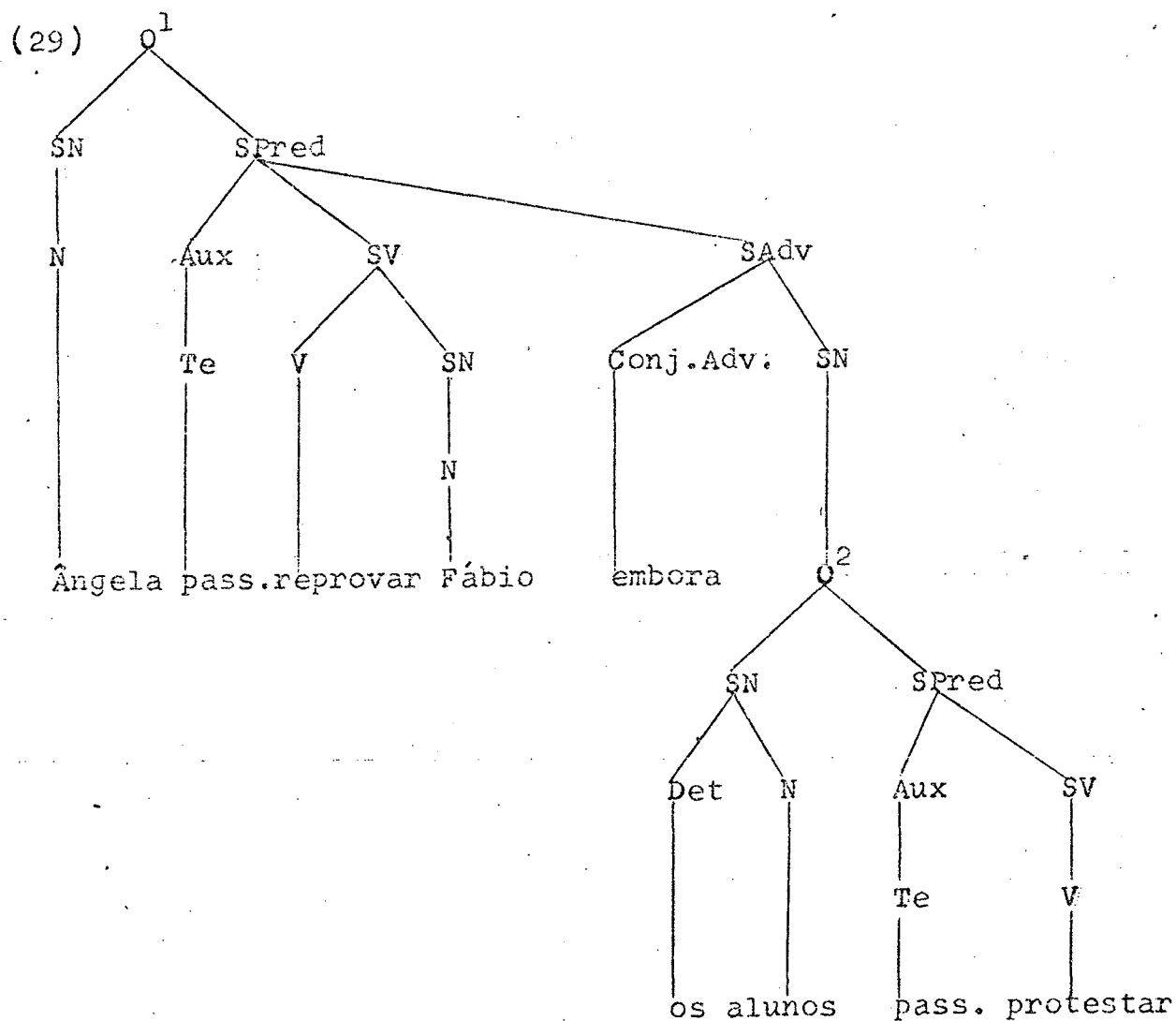
(24) Fábio crê que Ângela sabe a lição



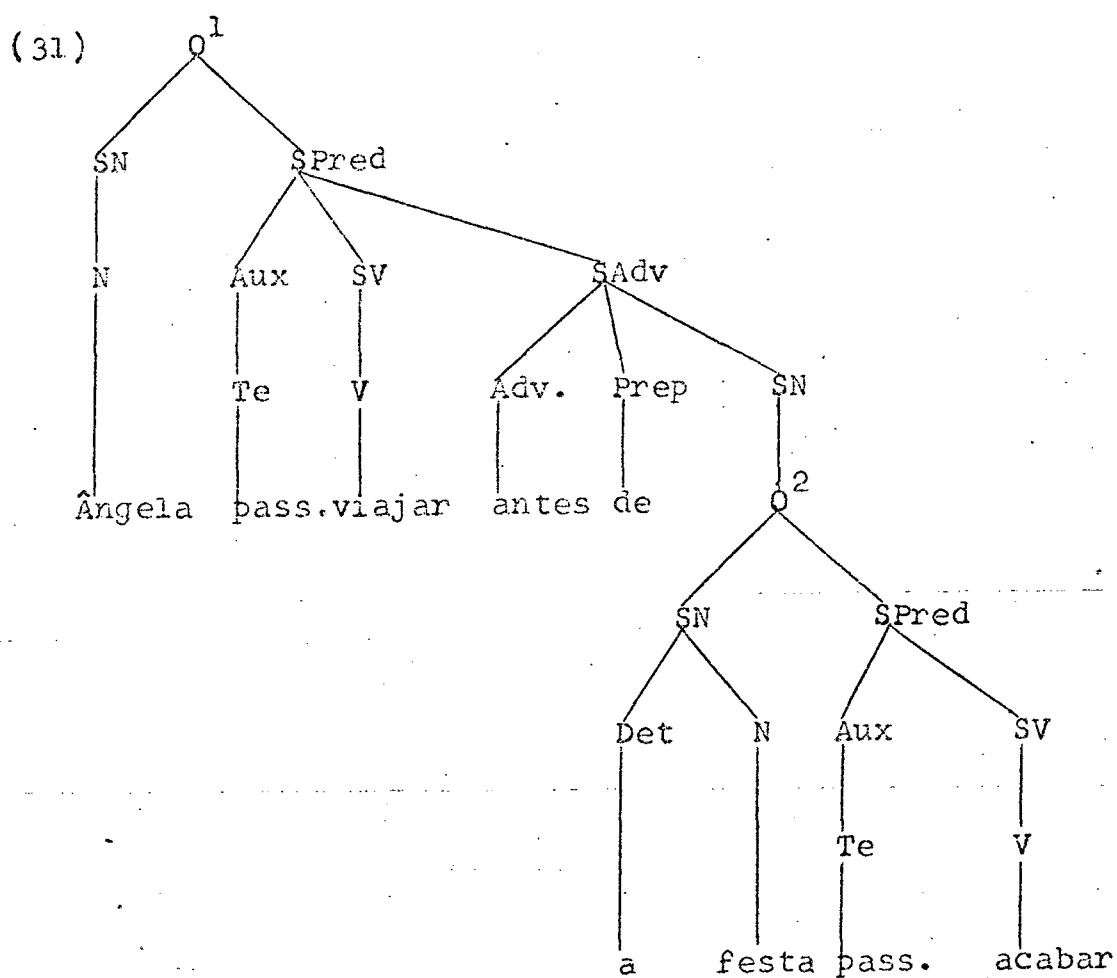
(26) Fábio gosta de estudar a lição



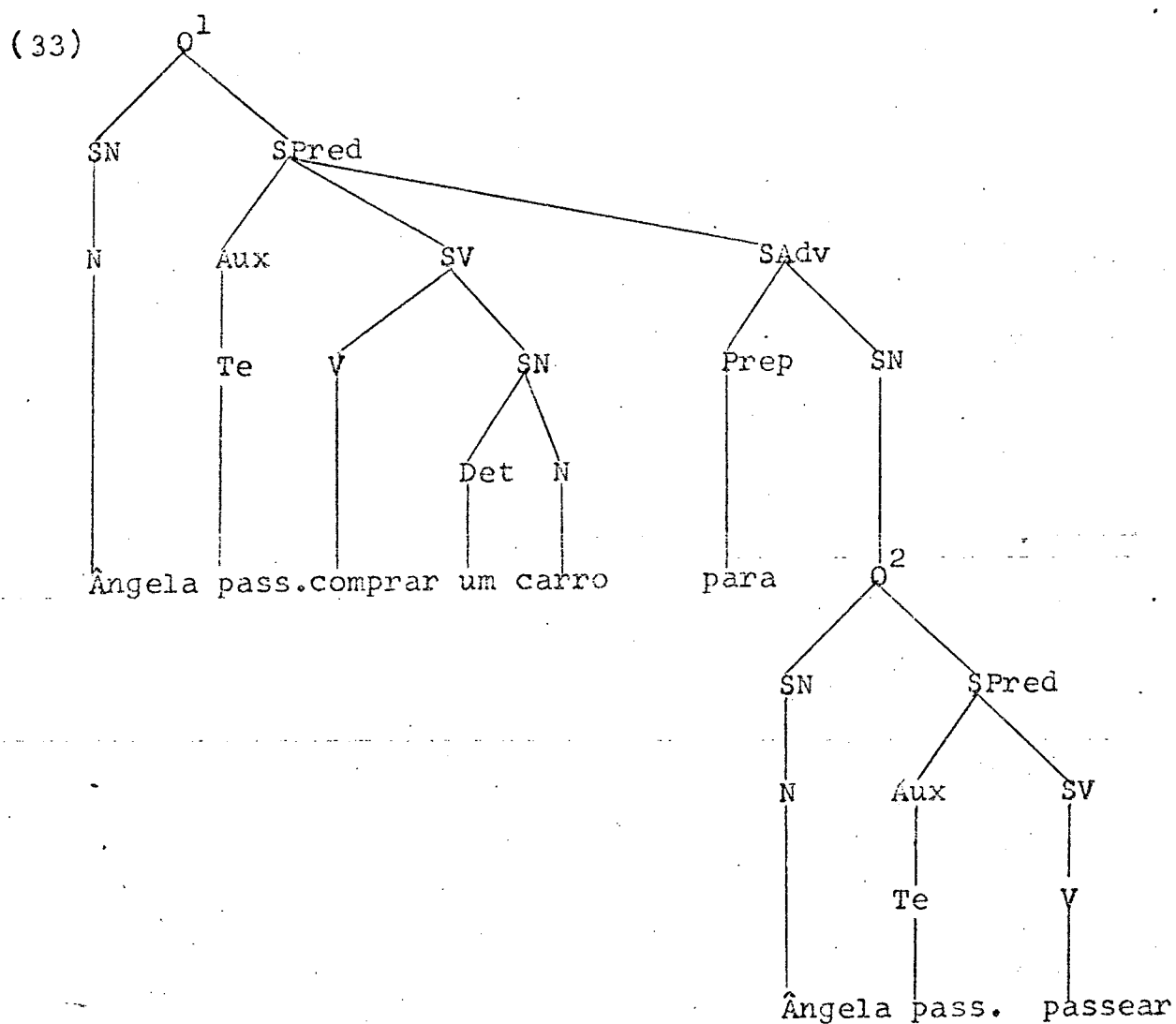
(28) Ângela reprovou Fábio embora os alunos protestassem



(30) Ângela viajou antes que a festa acabasse



(32) Ângela comprou um carro para passear



#### 2.4. Regras Transformacionais

As regras transformacionais têm por função converter as estruturas profundas em estruturas de superfície.

Quicoli (1972) e Perini (1976) defendem a hipótese de que as regras transformacionais são aplicadas ciclicamente, isto é, dada uma série de regras transformacionais, a aplicação das mesmas, numa dada estrutura, se dá inicialmente à oração mais profundamente encaixada. Quando todas as regras forem aplicadas, o processo se reinicia à próxima oração, mais profundamente encaixada e assim por diante. O ciclo transformacional se completa quando for aplicada a última regra à oração não encaixada.

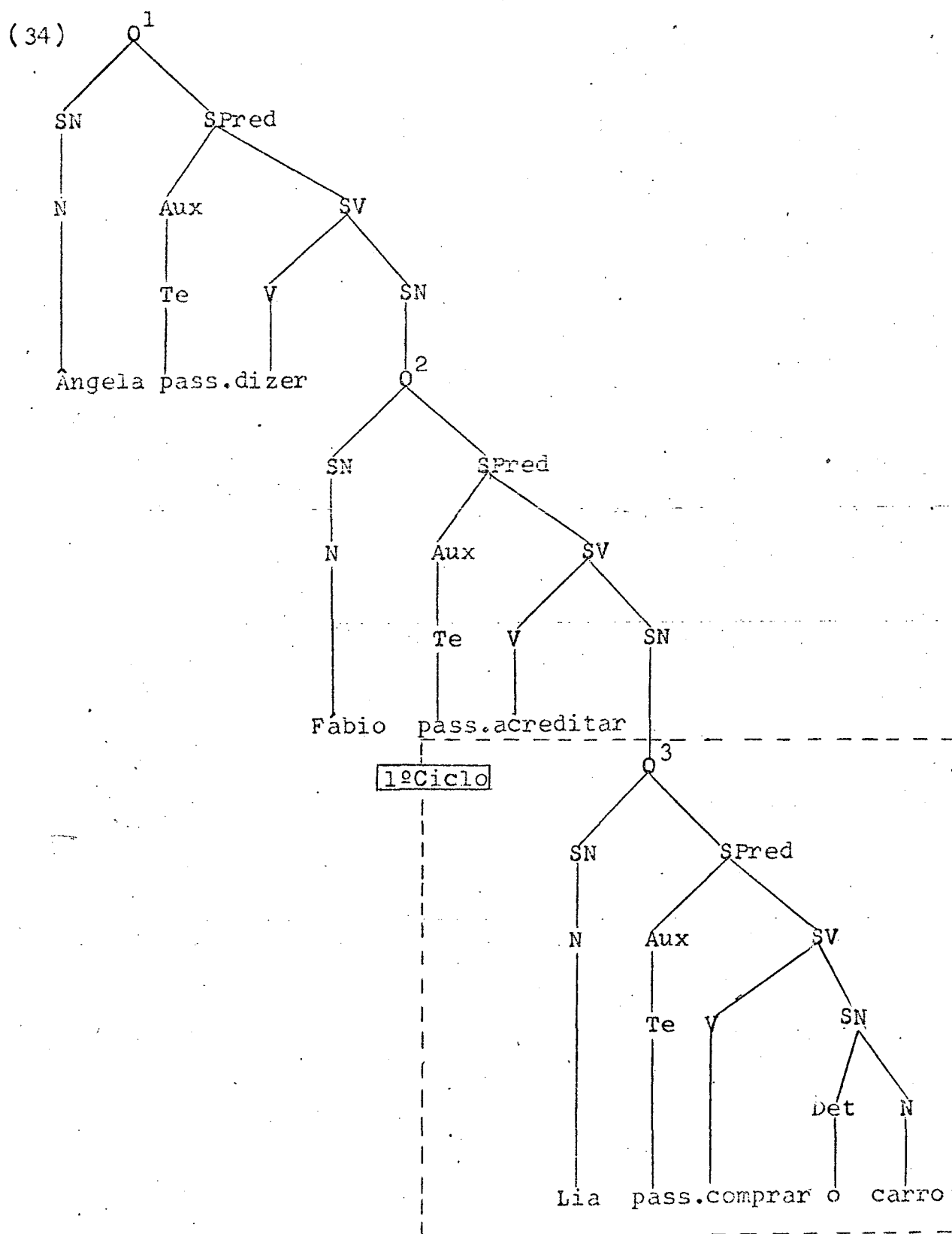
Os autores acima defendem também a hipótese de que as regras transformacionais são ordenadas dentro do ciclo, isto é, determinadas regras deverão ser aplicadas antes de outras, para evitar que as orações geradas sejam agramaticais.

Quicoli afirma que a mais interessante das hipóteses empíricas sobre a estrutura das línguas é que as gramáticas de todas as línguas fazem uso do ciclo transformacional.<sup>13</sup>

Além das transformações cíclicas existem as pré-cíclicas e as pós-cíclicas. As pré-cíclicas se aplicam antes de qualquer outra transformação. As transformações de inserção dos complementizadores que e infinitivo serão consideradas, neste trabalho, transformações pré-cíclicas. As pós-cíclicas são aplicadas depois da aplicação de todas as outras transformações cíclicas. A transformação de concordância verbal será considerada transformação pós-cíclica.

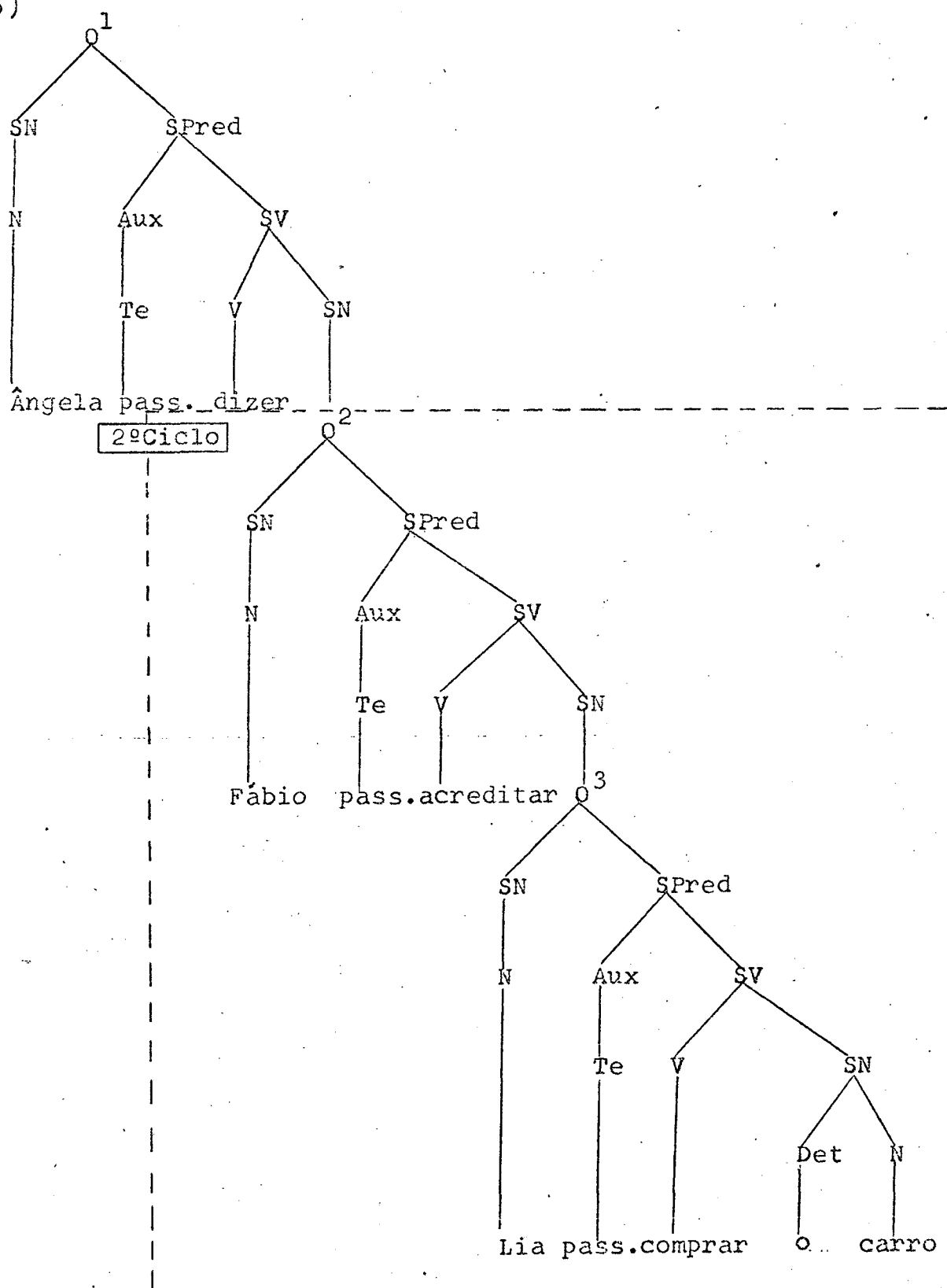
Os diagramas (34), (35) e (36) mostram a ocorrência dos diversos ciclos transformacionais. Se aplicarmos as regras transformacionais, de acordo com o princípio do ciclo transfor

macional, poderemos derivar um grande número de orações, a partir de uma única estrutura profunda.<sup>14</sup>

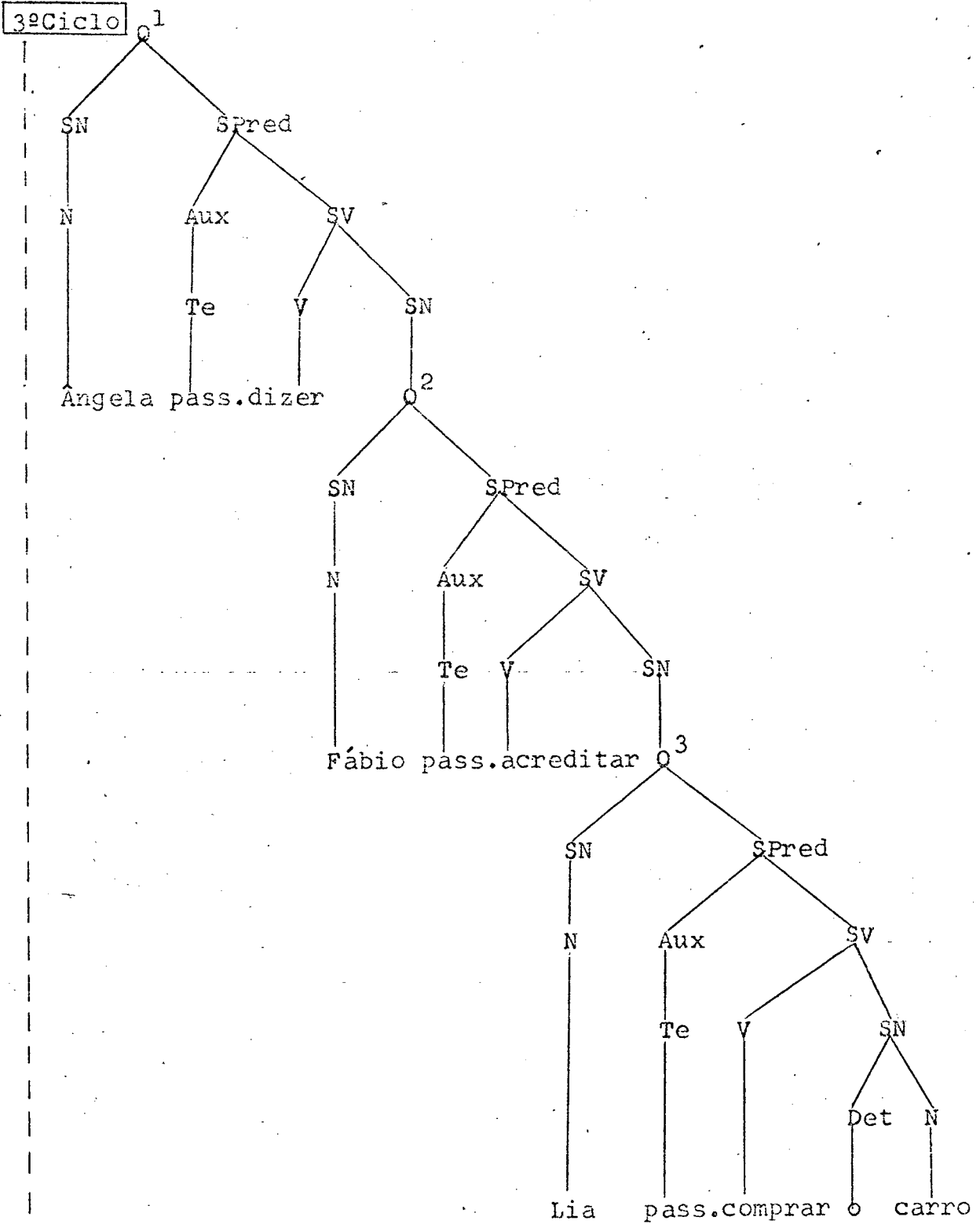




(35)



(36)



Uma série de transformações serão necessárias para se levar as estruturas profundas das orações às estruturas de superfície.

As regras transformacionais que propomos são ordenadas e podem derivar as orações dominadas pelo sintagma verbal e as orações dominadas pelo sintagma adverbial.

RT<sub>1</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador que:

DE:        X — SN — (y) — (Prep) — O<sup>2</sup> — Z  
              1        2        (3)        ( 4 )        5        6

ME:  $\Rightarrow$  1 — 2 — (3) — ( 4 ) — que + 5 — 6

A RT<sub>1</sub> insere o complementizador que antes de uma oração não antecederida de y e Prep (preposição), ou antes de uma oração não antecederida de y, ou antes de uma oração antecederida de y e Prep, onde y representa os advérbios antes e depois.

RT<sub>2</sub> - Transformação de Subjuntivo:

DE:        X — SN — (y) — (Prep) — (que) — SN — Te — Z  
              1        2        (3)        ( 4 )        ( 5 )        6        7        8

ME:  $\Rightarrow$  1 — 2 — (3) — ( 4 ) — ( 5 ) — 6 —  $\emptyset$  — subj — 8

A  $RT_2$  efetua a seguinte mudança estrutural: insere o subj (subjuntivo) no constituinte auxiliar, apagando Te (Tempo), porque o Tempo (presente e passado) das orações subjuntivas parece ser condicionado com o Tempo do verbo da oração matriz. Essa transformação será aplicada em uma oração antecederda de que, ou em uma oração antecederda de Prep e que, ou em uma oração antecederda de y, Prep e que, onde y representa o advérbio antes, ou em uma oração antecederda de y, onde y representa as conjunções adverbiais ( embora, caso e se ).

A transformação de subjuntivo será aplicada quando o verbo da oração matriz tiver o traço  $[+ \text{subj}]$ , ou quando as orações dominadas pelo sintagma adverbial forem introduzidas por conjunções adverbiais ( embora, se, caso ), ou por preposições ( para e sem ), ou por advérbio mais preposição (antes de).

$RT_3$  - Transformação de Apagamento da Preposição:

DE:      X — SN — (y) — Prep —  $O^2$  — Z  
           1        2        (3)        4            5        6

ME:  $\Rightarrow$  1 — 2 — (3) —  $\emptyset$  — 5 — 6

A transformação de apagamento da preposição é uma regra opcional. Essa transformação apaga Prep (preposição) não antecederda de y, ou antecederda de y, onde y representa os advérbios antes e depois.

RT<sub>4</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador Infinitivo:

DE:        X — SN — (y) — (Prep) — SN — Te — Z  
              1        2        (3)        ( 4 )        5        6        7

ME:  $\Rightarrow$  1 — 2 — (3) — ( 4 ) — 5 — ~~Te~~ — r — 7

A transformação de inserção do complementizador infinitivo apaga o constituinte Te (Tempo) do auxiliar, acrescentando o morfema -r de infinitivo ao verbo. Essa transformação será aplicada em uma oração não antecederida de y e Prep, ou em uma oração antecederida de Prep, ou em uma oração antecederida de y e Prep, onde y representa os advérbios antes e depois.

A RT<sub>4</sub>, quando aplicada em uma oração não antecederida de y e Prep, ou em uma oração antecederida de Prep, exige identidade de sujeitos. Quando aplicada em uma oração antecederida de Prep (preposições para e sem), não exige identidade de sujeitos. Quando aplicada em uma oração antecederida de y e Prep (preposição de), exige sujeitos diferentes.

RT<sub>5</sub> - Transformação de Supressão do Sintagma Nominal Idêntico:

DE:        X — SN — (y) — (Prep) — (que) — SN — Z  
              1        2        (3)        ( 4 )        ( 5 )        6        7

ME:  $\Rightarrow$  1 — 2 — (3) — ( 4 ) — ( 5 ) — ~~(que)~~ — 7

A RT5 apaga o sintagma nominal da oração encaixada, por ser idêntico ao sintagma nominal da oração matriz.<sup>15</sup> Essa transformação será aplicada em uma oração não antecededida de y, prep e que, ou em uma oração antecededida de que, ou em uma oração antecededida de prep (preposições de, em, para e sem), ou em uma oração antecededida de y, onde y representa as conjunções ad verbais (embora, caso, se).

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

DE: X — SN — V — Z

Pessoa
Número

1      2      3      4

ME:  $\Rightarrow$  1 — 2 — 3 — 4

Pessoa
Número

A transformação de concordância verbal é uma regra obrigatória e será sempre a última regra a ser aplicada. Através dessa transformação, o verbo deverá concordar em pessoa e número com o seu sujeito.

### 3. DELIMITAÇÕES

Esta dissertação será desenvolvida de acordo com os postulados da gramática gerativo-transformacional, apresentada por Noam Chomsky, em Aspects of the Theory of Syntax.

Limitamo-nos a analisar as orações dominadas pelo sintagma verbal,<sup>16</sup> introduzidas pelos complementizadores que e infinitivo.

Com relação às orações dominadas pelo sintagma adverbial, limitamo-nos a propor uma análise de alguns tipos de orações, procurando demonstrar que essas orações podem ser derivadas por complementação e por relativização.

Está fora do âmbito desta dissertação a descrição dos componentes semântico e fonológico, bem como a resenha de análises em outras línguas.

# NOTAS

- 1 Chomsky (1965) p.231.
- 2 A sequência (7), isoladamente é agramatical, Contudo, em um contexto, será gramatical:  
 - Alguém comprou o livro ?  
 - Ângela comprou
- 3 Chomsky (1965) p.170
- 4 Id., Ibid. p.170
- 5 Bárbara(1975) p.22-23
- 6 Chomsky (1965) p.226
- 7 Id., Ibid. p.232-237
- 8 Funções booleanas são combinações de proposições singulares (statements) conectadas por  $\sim$  (negação),  $\text{—}$  (conjunção) e  $\vee$  (disjunção).
- 9 Para um estudo das correntes lexicalista e semanticista, veja-se os autores citados.
- 10 Observe-se que nem todas as regras de estrutural frasal, que propomos, serão utilizadas neste trabalho.
- 11 Com relação à fórmula do auxiliar, veja-se Pontes (1973) , Bárbara (1975) e Perini (1976).
- 12 Futuro não está incluído em Te, pois, de acordo com as teorias linguísticas, futuro é Te, presente ou passado, acrescido de outro elemento. Cf. Bárbara (1975) p.29 nota 32.
- 13 Quicoli (1972) p.3



14 Observe-se que, se aplicarmos a transformação passiva, ciclicamente, poderemos obter as seguintes orações:

- Ângela disse que Fábio acreditou que o carro foi comprado por Lia
- Ângela disse que foi acreditado por Fábio que Lia comprou o carro
- Foi dito por Ângela que Fábio acreditou que Lia comprou o carro

15 Observe-se que quando o sintagma nominal for marcado com o traço [+ ênfase] não poderá ser apagado. Nesse caso, deve ser pronominalizado, recaindo a ênfase sobre o pronome. O traço [+ ênfase] é necessário para evitar o problema da ambigüidade.

16 As orações dominadas pelo sintagma verbal são tradicionalmente conhecidas como objetivas diretas, objetivas indiretas ou completivas relativas. Neste trabalho serão utilizadas essas denominações, apenas quando os autores as utilizam.

## CAPÍTULO II

### RESENHA DA BIBLIOGRAFIA PERTINENTE

Este capítulo conterà, em ordem cronológica a resenha da bibliografia referente ao tema da dissertação e constará de duas partes. A primeira apresentará as opiniões de autores adeptos da abordagem tradicional e a segunda, as opiniões de autores partidários da abordagem gerativo-transformacional.

#### 1. ABORDAGEM TRADICIONAL

Os gramáticos tradicionais adotam vários critérios para determinar a regência dos verbos em português. Alguns enfatizam o aspecto semântico, outros, o aspecto formal. Contudo, os fenômenos linguísticos não são sistematizados coerentemente e é a preocupação normativa que prevalece. As orações dominadas pelo sintagma verbal são classificadas como objetivas diretas, objetivas indiretas e completivas relativas.

Com relação à regência verbal, Lessa (1966), afirma que:

"O que torna embaraçosa esta matéria não é apenas o fato de, frequentemente, um mesmo verbo admitir diferentes construções, variando o seu significado, de acordo com a alteração de regência. É também, e sobretudo, uma tal ou qual facilidade que os verbos manifestam de, conservando o mesmo sentido, evoluírem quanto à regência, passando de intransitivos a transitivos, ou de transitivos diretos a indiretos, e vice-versa".<sup>1</sup>

E, mais adiante, menciona as considerações de Silva Ramos:

"que se há-de então fazer para se não errar nos complementos, uma vez que os clássicos vacilam e que a essência do verbo nem sempre se revela? Na nossa língua, como nas outras, existe um único recurso: é observar como procederam os bons escritores do último século para cá e, quanto mais próximos de nós melhor." (...) 2

Lima (1974) classifica as orações dominadas pelo sintagma verbal como objetivas diretas e completivas relativas. Segundo o autor, o objeto indireto não pode ocorrer em forma oracional.<sup>3</sup> O complemento dos verbos como gostar de, precisar de, carecer de, é considerado como complemento relativo.

"O complemento relativo é o complemento que, ligado ao verbo por uma preposição determinada (a, com, de, em, etc), integra, com o valor de objeto direto, a predicação de um verbo de significação relativa." 4

As orações objetivas diretas e completivas relativas ocorrem em forma "desenvolvida" e "reduzida" de infinitivo:<sup>5</sup>

(1) "Descobri então/ que o meu tamanho não era fixo"...  
(Aníbal M. Machado)

(2) "Lembro-me/ de que saímos, de madrugada de um restaurante...". (Dinah Silveira de Queirós)

(3) " Ele gostava / de se olhar nos espelhos"  
(Érico Veríssimo)

(4) " Pela minha parte, acredito/ não ter nunca  
transposto o limite das minhas quatro ou cinco  
primeiras impressões" (Joaquim Nabuco)

Bechara (1976) e Cegalla (1976) seguem a Nomenclatura Gramatical Brasileira, classificando as orações dominadas pelo sintagma verbal como objetivas diretas e objetivas indiretas. Com relação às orações objetivas indiretas, afirmam que vêm iniciadas por preposição necessária que se pode omitir.<sup>6</sup>

(5) Esperamos que nos ajudem

(6) Precisas de que te protejam

(7) Esquecem-se de que tinha feito mal o serviço

(8) "Não me lembrei que estava diante de um cavaleiro" (C.C.B)

(9) "Esqueceu-se que tenho cinquenta anos"(C.C.B)

(10) "Atores por breve tempo no teatro deste mundo,  
os homens fazem rir e chorar a muita gente"  
(M.de Assis, Brás Cubas, 208)

(11) "A felicidade do velho achacado é negativa,  
consiste em não sofrer" (Id)

Com relação às orações dominadas pelo sintagma adverbial, Lima (1974), Bechara (1976) e Cegalla (1976), afirmam que essas orações desempenham a função sintática de adjuntos adverbiais. Classificam as orações, de acordo com as circunstâncias que exprimem, contudo, não são unânimes quanto à classificação. Lima, por exemplo, afirma que:

"O modo (juntamente com o tempo e o lugar) é a mais fundamental das circunstâncias. Mas em Português, assim como não existem conjunções locativas, assim também não existem conjunções modais; de sorte que, no plano do período composto por subordinação, a circunstância de modo somente aparece sob a forma reduzida (de gerúndio): (...) 7

Bechara e Cegalla, por outro lado, admitem a existência das orações locativas e modais e sugerem que a Nomenclatura Gramatical Brasileira deveria ter incluído essas orações.

De acordo com Cegalla, existem os seguintes tipos de orações adverbiais em português: Causais, Concessivas, Condi-  
cionais, Conformativas, Comparativas, Consecutivas, Finais, Lo-  
cativas, Modais, Proporcionais e Temporais.

Todos esses diferentes tipos de orações são iniciadas, quando "desenvolvidas", por conjunções e "locuções" adverbiais. <sup>8</sup>

1. Causais : exprimem causa, motivo, razão:

(12) O tambor soa porque é oco

(13) "Faltou à reunião, visto que esteve doente"

(Arlindo de Souza)

(14) "Maximiano temera que o coronel o agredisse, de tão violento que ficara " (Jorge Amado)

(15) Desprezam-me, por isso que sou pobre

2. Concessivas: exprimem um fato que se concede, que se admite:

(16) Admirava-o muito, embora ( ou conquanto, ou posto que ou se bem que ) não o conhecesse pessoalmente

(17) Embora não possuísse informações seguras, ainda assim arriscou uma opinião

(18) "Nem que a gente quisesse, conseguiria esquecer.  
(Oto Lara Resende)

(19) Por incrível que pareça, eles não sabiam o nome de sua cidade

3. Condicionais: exprimem condição, hipótese:

(20) Se o conhecesses, não o condenarias

(21) A cápsula do satélite será recuperada, caso a experiência tenha êxito

(22) Podes vir, contanto que ( ou desde que ) voltes cedo

(23) Não serás bom médico, sem que estudes muito

4. Conformativas: exprimem acordo ou conformidade de um fato com outro:

(24) Fiz tudo como me disseram

(25) Vim hoje, conforme lhe prometi

(26) Consoante opinam alguns, a história se repete

(27) "Como deveis saber, há em todas as coisas um sentido filosófico" (M.A)

5. Comparativas: representam o segundo termo de uma comparação:

(28) "A preguiça gasta a vida como a ferrugem consome o ferro" (M.M.)

(29) O som é menos veloz que a luz

(30) Você não foi tão prejudicado como nós

(31) Recendia perfumes que nem um galho de manacá silvestre

6. Consecutivas: exprimem uma consequência, um resultado:

(32) Fazia tanto frio que meus dedos estavam endurecidos

(33) As notícias de casa eram boas, de maneira que pude prolongar minha viagem

(34) "Deus, ó Deus, onde estás, que não respondes"  
( Castro Alves )

(35) "Tenho medo disso que me pélo!" (Coelho Neto)

7. Finais: exprimem finalidade, objetivo:

- (36) "O futuro se nos oculta para que nós o imaginemos" (M.M)
- (37) Aproximei-me a fim de que me ouvisse melhor
- (38) "Fiz-lhe sinal que se calasse" (M.A)
- (39) "Instara muito comigo não deixasse de frequentar as recepções da mulher" (M.A)

8. Locativas: equivalem a um adjunto adverbial de lugar e são iniciadas pelo advérbio onde (que pode vir precedido de preposição), sem antecedente:

- (40) "Onde me espetam, fico" (M.A)
- (41) "Não pode haver reflexão onde tudo é distração" (M.M.)
- (42) Quero ir aonde estás
- (43) "Onde quer que farejem raposas, perseguem-nas com fúria" (G.B.)

9. Modais: exprimem modo, maneira:

- (44) Aqui viverás em paz, sem que ninguém te incomode
- (45) Entrou na sala sem que nos cumprimentasse
- (46) "E diziam-nas como se deve fazer verso: naturalmente, sem ênfase" (Povina Cavalcânti)



10. Proporcionais: denotam proporcionalidade:

- (47) À medida que se vive, mais se aprende
- (48) À proporção que avancávamos, as casas iam rareando
- (49) Quanto mais se tem, (tanto) mais se deseja
- (50) Tanto gostava de um quanto (ou como) aborrecia o outro

11. Temporais: indicam o tempo em que se realiza o fato expresso na oração principal:

- (51) "Lá pela sete da noite, quando escurecia, as casas se esvaziavam" (Povina Cavalcânti)
- (52) Enquanto foi rico todos o procuravam
- (53) Sempre que vou à cidade, passo pelas livrarias
- (54) "Quando os tiranos caem, os povos se levantam"  
(M.M.)

Segundo Cegalla, somente as orações causais, concessivas, condicionais, consecutivas,  finais, modais e temporais, podem ocorrer na forma "reduzida" de infinitivo:<sup>9</sup>

- (55) Não veio por se achar doente
- (56) Comprarei os dois cavalos, visto serem de boa raça
- (57) "Quase nos matam de tanto nos abraçar"  
(J.Geraldo Vieira)

- (58) Ofendi-os sem querer
- (59) Apesar de (ou não obstante, ou sem embargo de) :  
ser ainda criança, não teve medo
- (60) Não sairá sem antes me avisar
- (61) A prosseguirem esses crimes, ninguém mais terá  
sossego
- (62) A ser eu rei, não faria outra coisa
- (63) Muito distraído devia estar você para não me  
ver
- (64) "Eu é que era jovem, a ponto de provocar repa -  
ro" (Amadeu de Queirós)
- (65) Aquela cena impressionou-o muito, a ponto de  
lhe tirar o sono
- (66) Viemos aqui a fim de te ajudar
- (67) "O animal feroz mata para se alimentar"  
(F.Namora)
- (68) "Arrastei-me chorando, apalpando o chão, a pro  
curar qualquer coisa" (Graciliano Ramos)
- (69) Retirei-me discretamente, sem ser percebido
- (70) "O funcionário da polícia tinha passado sem fa  
zer a saudação de costume" (Graciliano Ramos)
- (71) "Eugênia saiu sem despedir-se do pai" (C.C.B)

(72) Ao despedirem-se, choravam

(73) Pense bem, antes de falar

(74) Não os deixei em paz, até eles se decidirem

As gramáticas dos autores consultados não podem ser consideradas gramáticas da competência linguística, pois não pretendem chegar às regras formais que descrevem a geração de todas as orações bem formadas da língua. Procuram, apenas, estabelecer regras sobre as espécies de orações que devem ou não ser usadas pelo falante. Também não podem ser consideradas modelos de desempenho, porque não retratam a linguagem do falante.

## 2. ABORDAGEM GERATIVO-TRANSFORMACIONAL

Pontes (1973) apresenta um estudo dos verbos auxiliares em português. Analisa os verbos classificados por Said Ali como auxiliares causativos, sensitivos e modais. Após um exame de suas relações sintáticas, conclui que esses verbos são transitivos e que o infinitivo que deles depende constitui uma oração que serve como seu complemento.<sup>10</sup>

A autora segue a análise de Lakoff (1968) e afirma que:

"... temos orações que se encaixam dentro de outras, presas às principais, através de um marcador de subordinação, que pode ser que ou o morfema de infinitivo. Qualquer oração da língua pode "ser encaixada" em outra através de um destes morfemas"<sup>11</sup>

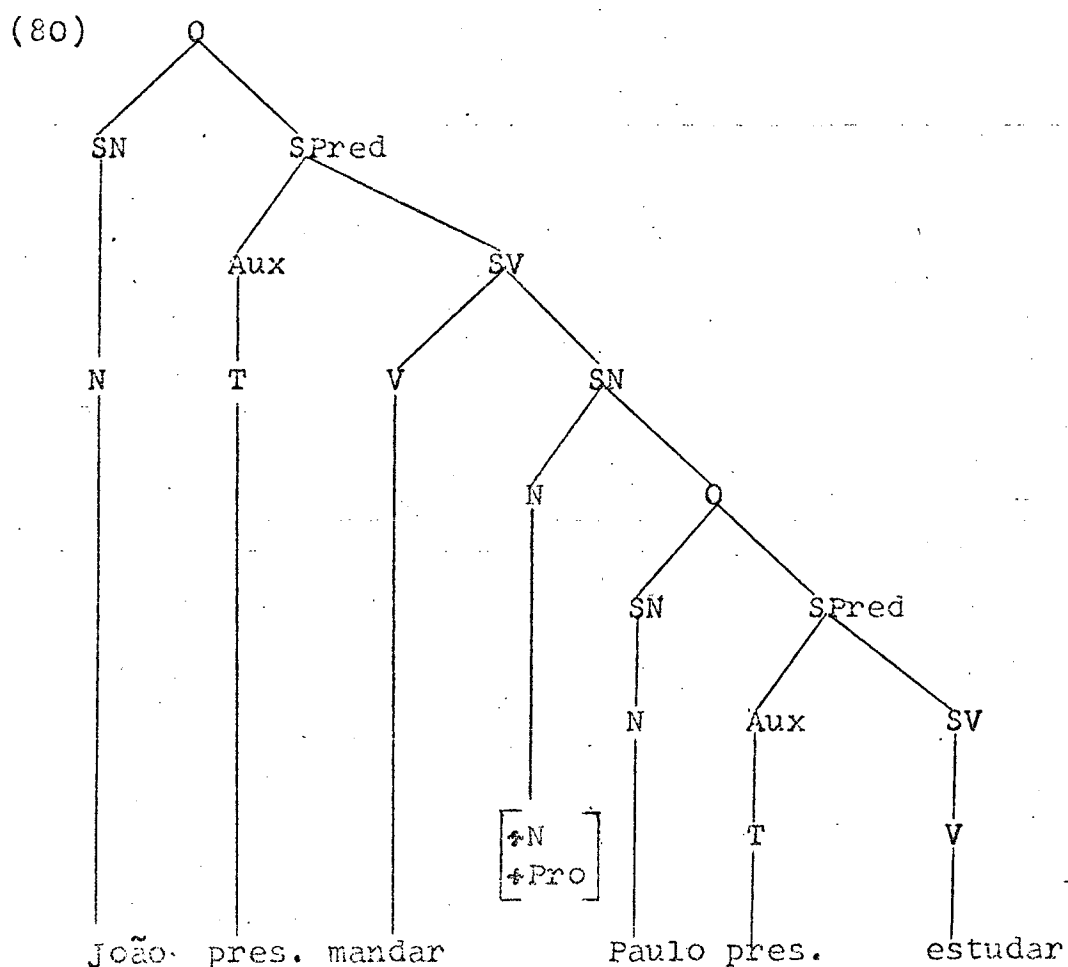
Utiliza, em sua análise, as seguintes regras de estrutura frasal:<sup>12</sup>

- (75)  $O \longrightarrow SN + SPred$   
 (76)  $SPred \longrightarrow Aux + SV + (Lugar) + (Tempo)$   
 (77)  $SV \longrightarrow V + (SN)$   
 (78)  $SN \longrightarrow (Det) + N + (O)$

Postula três estruturas profundas diferentes para os verbos que têm como complemento uma oração.<sup>13</sup>

As orações em (79) têm como estrutura profunda, o diagrama (80):

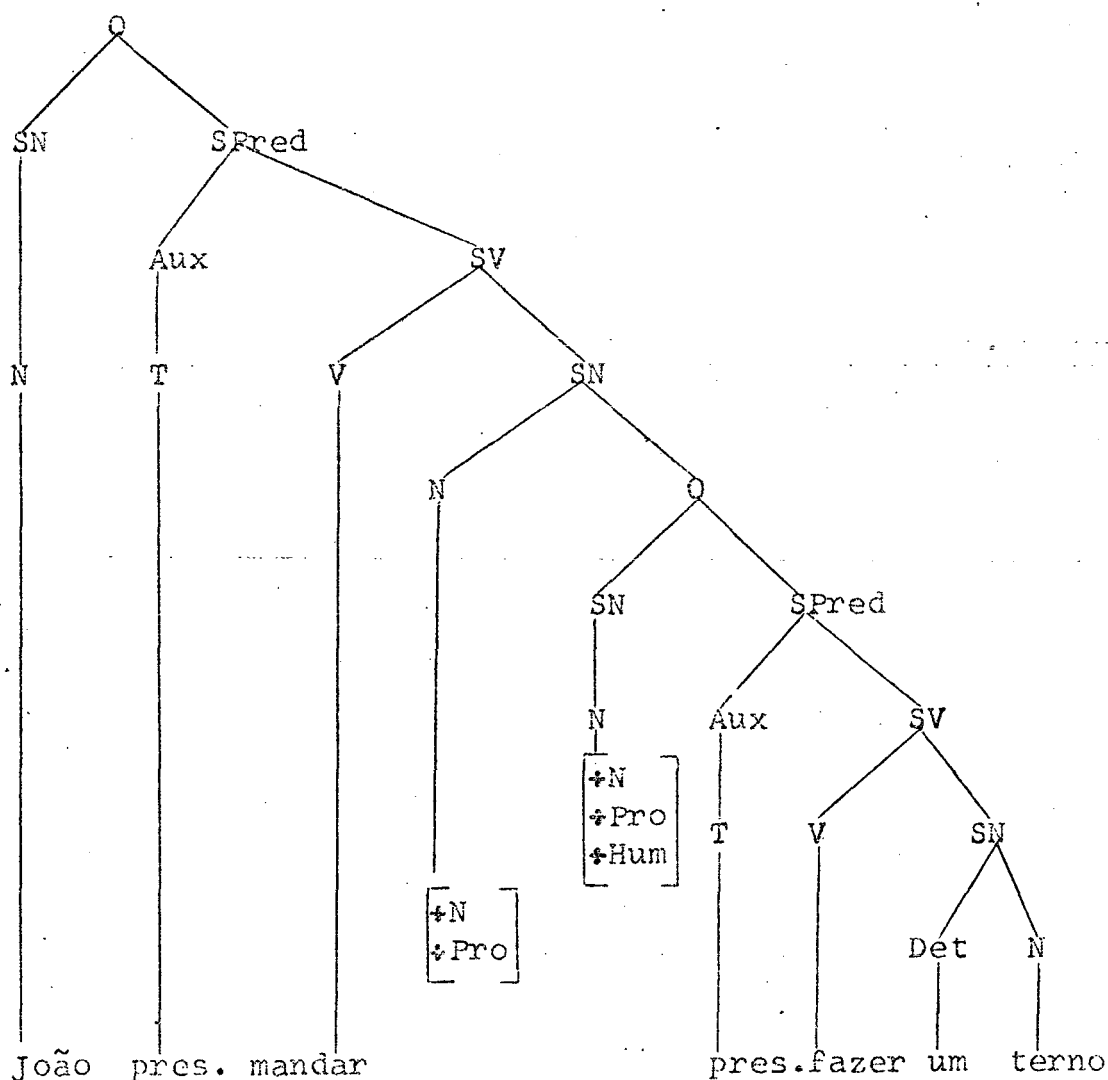
- (79) a. João manda Paulo estudar  
 b. João manda que Paulo estude



A oração (81) difere daquelas em (79) por ter, na estrutura profunda, como sujeito da oração encaixada, uma forma "pro", tendo como um dos traços [+ hum], que será suprimida antes de chegar à estrutura profunda.

(81) João manda fazer um terno

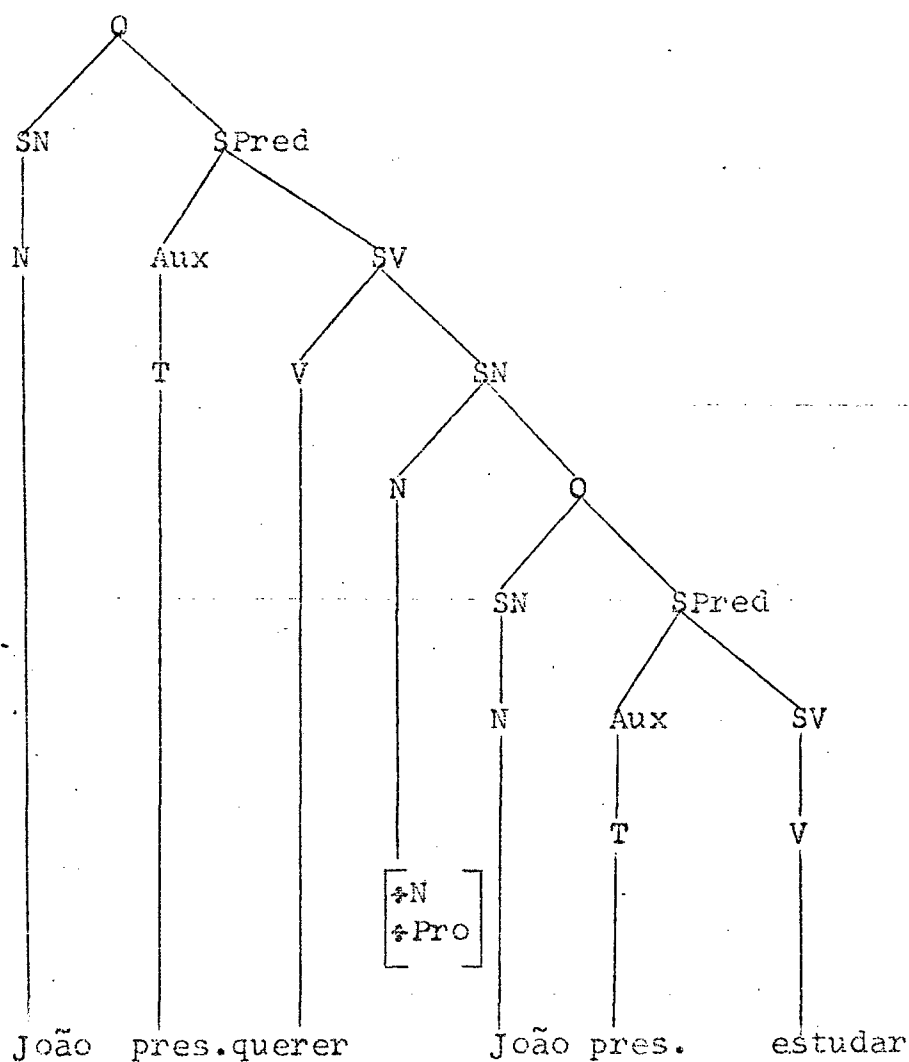
(82)



A oração (83) difere da oração (81) por ter o sujeito, na estrutura profunda da oração encaixada, idêntico ao da oração matriz.

(83) João quer estudar

(84)



Fávero (1974) sustenta que, na estrutura profunda, só existe um tipo de orações dominadas pelo sintagma verbal, ou seja, as orações objetivas diretas. Segunda a autora, as orações objetivas indiretas só se manifestam na estrutura de superfície.<sup>14</sup>

Perini (1974) procura fazer uma abordagem gerativo-transformacional do fenômeno de concordância do infinitivo. Analisa verbos da classe de querer e conclui que a oposição, entre o infinitivo e que, é de origem transformacional. Segundo o autor, a ocorrência de infinitivos superficiais é resultante de regras independentemente motivadas.<sup>15</sup>

Peres (1976) apresenta um breve estudo das orações introduzidas pelos complementizadores que e infinitivo.<sup>16</sup> Com relação aos verbos seguidos de preposições, afirma que:

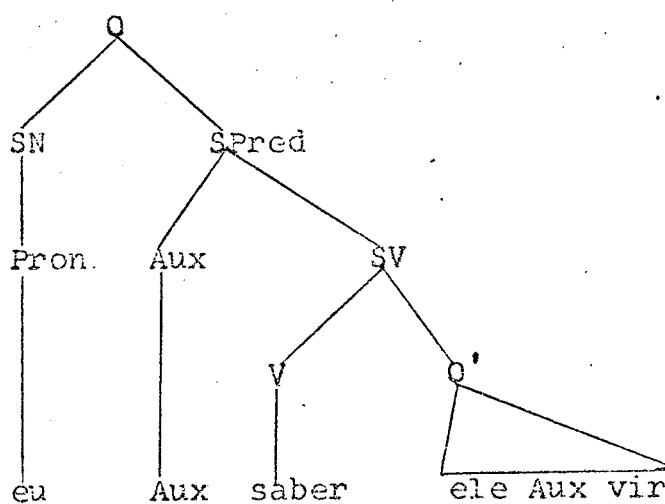
"Alguns verbos vêm seguidos de um SP, sintagma preposicional constituído por uma preposição e por um SN. No caso de reunião das duas frases, a frase encaixada toma o lugar do SN, acrescentando-se que. O que acontece, então, à preposição SP? Dois casos se podem dar. Primeiro caso: a preposição é apagada no decurso do encaixamento. (...) Segundo caso: a preposição é conservada." 17

Azevedo (1976) deriva as orações dominadas pelo sintagma verbal, de uma única estrutura profunda, conforme podemos observar através dos diagramas (87) e (88) que representam as estruturas profundas das orações (85) e (86).<sup>18</sup>

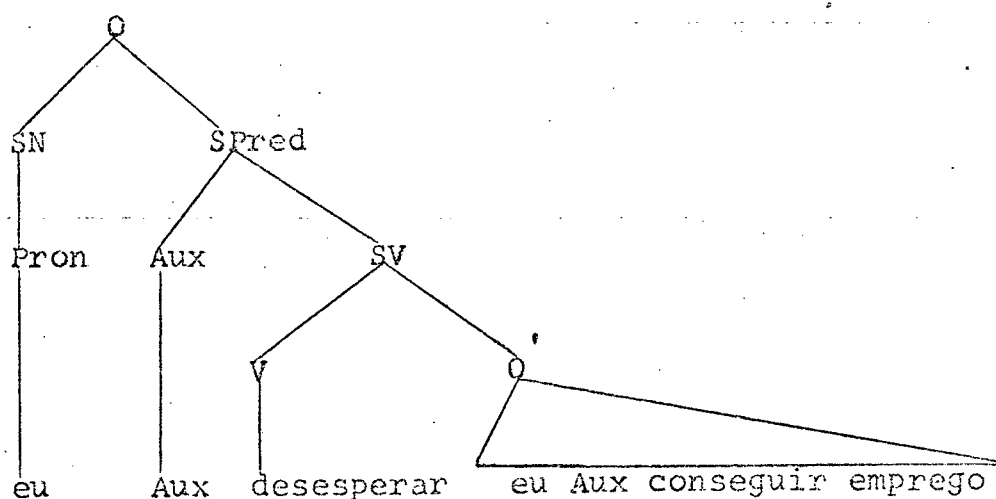
(85) Eu sei que ele veio

(86) Eu desesperei de conseguir emprego

(87)



(88)



O autor, contudo, não analisa essas orações, porém, através dos diagramas acima, podemos concluir que as preposições são introduzidas por transformação.

Com relação às orações dominadas pelo sintagma adverbial, os linguistas se dedicam muito pouco ao seu estudo.

Tondo (1974) analisa alguns tipos de orações e afirma que uma oração com quando, exibe muito parentesco com as relativas; conforme podemos observar através da análise da oração (89), apresentada pela autora.<sup>19</sup>



(89) João viaja quando está desocupado

Estrutura Profunda:

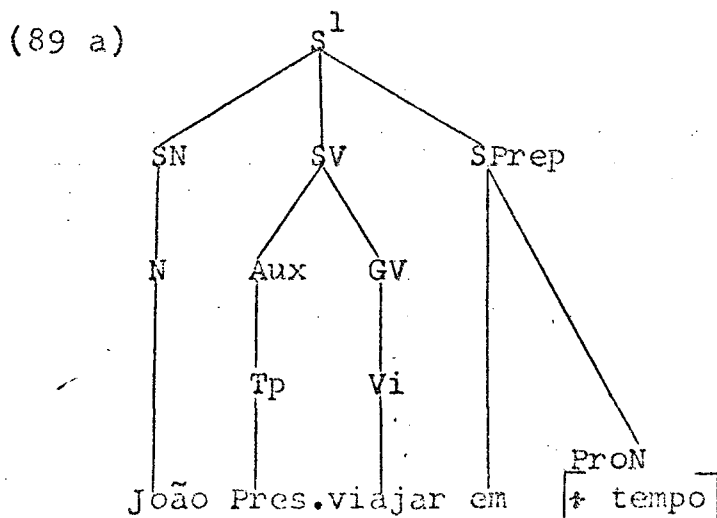
- a) João viaja " em um momento "
- b) João está desocupado " em um momento "

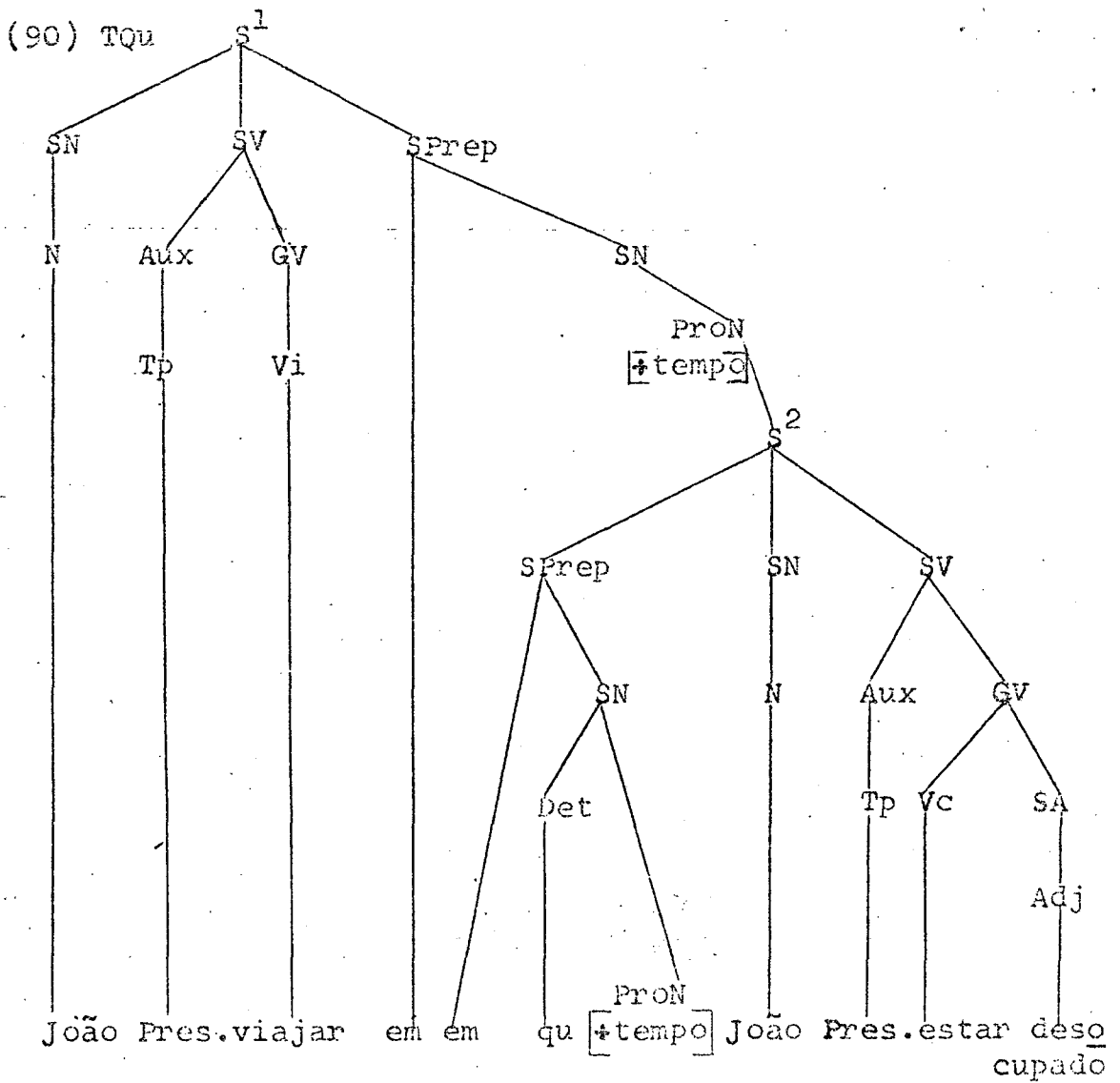
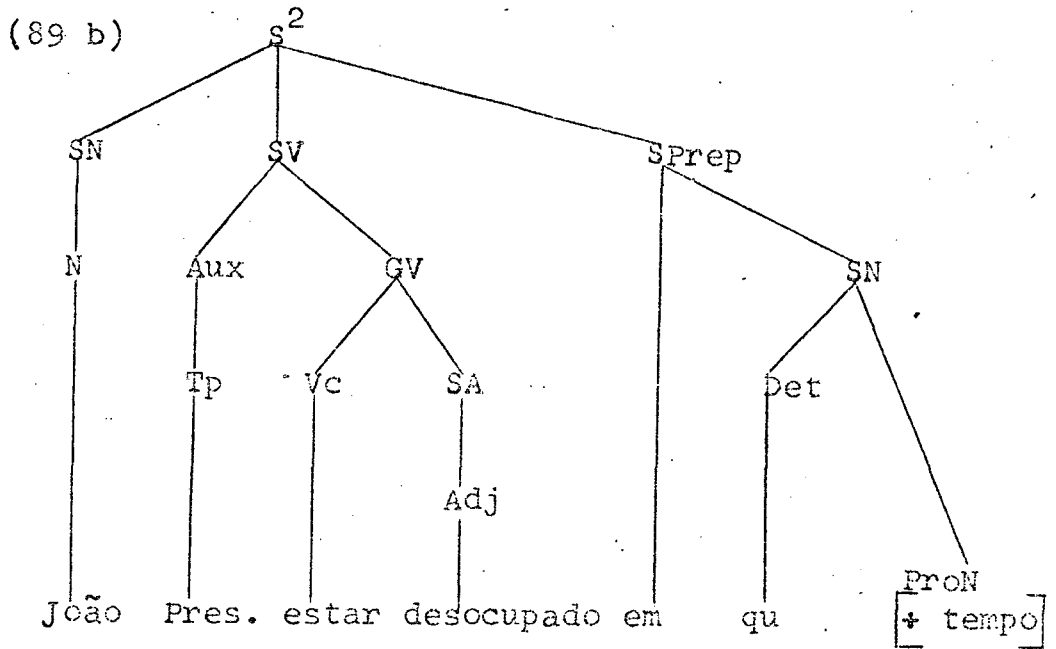
Os dois sintagmas preposicionais em um momento são constituídos de preposição e de uma Proforma nominal cujo traço matricial é  $\left[ \begin{smallmatrix} + \\ \text{tempo} \end{smallmatrix} \right]$  :

a) João + Pres + viajar + em + ProN  
 $\left[ \begin{smallmatrix} + \\ \text{tempo} \end{smallmatrix} \right]$

b) João + Pres + estar + desocupado + em + ProN  
 $\left[ \begin{smallmatrix} + \\ \text{tempo} \end{smallmatrix} \right]$

O encaixamento de b em a vai dar-se exatamente no ponto de análise própria do SPrep de a, dominado por SN:



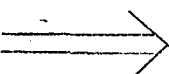


Como se vê do indicador sintagmático de  $S^2$ , o sintagma preposicional comporta o elemento qu e, à semelhança das transformações interrogativas, será deslocado pela regra para a cabeça de  $S^2$ , possibilitando o encaixamento dessa em  $S^1$ , no ponto de análise própria que é ProN. A sequência está, pois, com a seguinte forma: + tempo

João + Pres + viajar + em + em + qu + ProN  
+ tempo

João + Pres + estar + desocupado

A sequência em + qu + ProN será reescrita, quando, suprimindo a preposição em ( como em : ele vem domingo) e a mesma regra suprirá a preposição em da frase matriz:

João viaja em + quando João está desocupado   
João viaja quando João está desocupado

A seguir, uma transformação de supressão eliminará a sequência João, sujeito de  $S^2$  que está sob identidade com a sequência João de  $S^1$ , pois ambos têm o mesmo referente e exercem idêntica função. Se não for aplicada essa transformação, a frase será ambígua, dando a entender que são pessoas diferentes a que viaja e a que está desocupada.

Samara (1976) analisa as orações relativas com onde, e conclui que as orações locativas podem ser analisadas como relativas.<sup>20</sup> A autora desenvolve sua análise de acordo com a Gramática de Caso, de Fillmore (1968).

Azevedo (1976) estuda a ocorrência do subjuntivo nas orações dominadas pelo sintagma adverbial e apresenta duas possibilidades de análise das conjunções e locuções adverbiais.<sup>21</sup>

A primeira consiste em considerá-las como complementizadores, introduzidos através de uma transformação que tem a seguinte forma:

$$(91) \quad T \text{ conj} : O \text{ --- } O' \longrightarrow O \text{ --- conj --- } O'$$

onde conj indica qualquer membro de um conjunto finito de verbetes lexicais. A segunda, em incluí-las nas regras de estrutura frasal, através da seguinte regra:

$$(92) \quad S \text{ Adv} \longrightarrow (\text{Tempo}) (\text{Lugar}) (\text{Modo}) (\text{Cp. Adv}) (O')$$

onde Cp. Adv é um constituinte abstrato que tem o mesmo status que N, V, etc., e que se encontra especificado em termos de traços distintivos mutuamente exclusivos como  $\begin{bmatrix} \pm \\ \text{---} \end{bmatrix} \text{ Temporal}$ ,  $\begin{bmatrix} \pm \\ \text{---} \end{bmatrix} \text{ Condição}$ ,  $\begin{bmatrix} \pm \\ \text{---} \end{bmatrix} \text{ Causa}$ , etc.

Peres (1976) apresenta uma análise das orações temporais e  finais, e afirma que aquilo que se chama, na gramática tradicional, uma subordinada circunstancial, é uma oração encaixada no sintagma nominal diretamente dominado pelo sintagma preposicional, por sua vez dominado pela oração.<sup>22</sup>

Em síntese, podemos dizer que as orações dominadas pelo sintagma verbal e adverbial têm sido abordadas em diferentes perspectivas, e que muitos aspectos relevantes permanecem ainda sem solução.

NOTAS

- 1 Lessa (1966) p.199
- 2 Id., Ibid. p.200
- 3 Lima (1974) p.234-235
- 4 Id., Ibid. p.221-222
- 5 Id., Ibid. p.234-237
- 6 Bechara (1976) p.225-226, 236-237; Cegalla (1976) p.259 - 260
- 7 Lima (1974) p.256
- 8 Cegalla (1976) p.267-271
- 9 Id., Ibid. p.276-277
- 10 Pontes (1973) p.60-91
- 11 Id., Ibid. p.125
- 12 Id., Ibid. p.125-126
- 13 Id., Ibid. p.128-129
- 14 Fávero (1974) p.131-142, 154-159  
A análise da autora será comentada com maiores detalhes, no Capítulo III.
- 15 Veja-se Perini (1974), principalmente o Capítulo I.
- 16 Peres (1976) é o tradutor da obra de Charlier e Leeman (1976).
- 17 Peres (1976) p.283
- 18 Azevedo (1976) p.17-21
- 19 Tondo (1974) p.238-241
- 20 Samara (1976) Capítulos III e IV.
- 21 Azevedo (1976) p.32-36
- 22 Peres (1976) p.297-303

## CAPÍTULO III

ANÁLISE DAS ORAÇÕES DOMINADAS PELO SINTAGMA VERBAL

## 1. INTRODUÇÃO À ANÁLISE

Chomsky (1965) se refere à natureza essencialmente relacional de conceitos gramaticais como sujeito de uma oração e objeto de um verbo ou de um predicado, em oposição à natureza categorial de noções como verbo e sintagma nominal. Chomsky destaca a importante diferença entre funções gramaticais e categorias gramaticais.

Segundo Chomsky, uma gramática formal pode expressar essa distinção, introduzindo símbolos categoriais como constituintes nas regras de estrutura frasal e definindo as relações gramaticais como relações entre símbolos categoriais nos marcadores de frase subjacentes.

Oração (O), Sintagma Nominal (SN), e Sintagma Verbal (SV), são símbolos categoriais gerados pelas regras do subcomponente de base. Chomsky propõe as seguintes definições gerais para funções gramaticais:

- (i) Sujeito de :  $[SN, O]$
- (ii) Predicado de :  $[SV, O]$
- (iii) Objeto direto de :  $[SN, SV]$
- (iv) Verbo principal de :  $[V, SV]$

Chomsky mostra que a noção de sujeito, distinta da noção de sintagma nominal, é definida como uma relação entre um SN de uma oração da forma  $\widehat{SN} \widehat{AUX} \widehat{SV}$  e toda a oração. A noção de objeto é definida como uma relação entre um SN de um SV da forma  $\widehat{V} \widehat{SN}$  e o sintagma verbal.<sup>1</sup>

O número de orações em uma língua é pontencialmente infinito, porque a propriedade recursiva da gramática permite reintroduzir à direita da seta um símbolo, que numa regra anterior está à esquerda, e que possibilita a enumeração de uma quantidade infinita de estruturas.

Neste capítulo apresentaremos a análise das orações dominadas pelo sintagma verbal, introduzidas pelos complementizadores que e infinitivo, procurando verificar com que classes de verbos essas orações ocorrem.

## 2. ANÁLISE DAS ORAÇÕES

Os verbos que admitem uma oração como complemento podem ser classificados, com base em seu conteúdo semântico, em verbos de julgamento, declaração, decisão, pedido, volição e percepção intelectual.<sup>2</sup> Esses verbos podem ser complementados por oração introduzida pelo complementizador que ou por oração introduzida pelo complementizador infinitivo.

1. Verbos de julgamento como acreditar, crer, imaginar, julgar, pensar:

a) Quando complementados por oração com infinitivo, exigem identidade de sujeitos:

- (1) a. Fábio acredita saber a lição  
 b. Fábio crê saber a lição  
 c. Fábio imagina saber a lição  
 d. Fábio julga saber a lição  
 e. Fábio pensa saber a lição

- (2) a.\* Fábio acredita Ângela saber a lição  
b.\* Fábio crê Ângela saber a lição  
c.\* Fábio imagina Ângela saber a lição  
d.\* Fábio julga Ângela saber a lição  
e.\* Fábio pensa Ângela saber a lição

b) Admitem também oração com que + subjuntivo e com que + indicativo, e não exigem identidade de sujeitos:

- (3) a. Fábio acredita que Ângela sabe a lição  
b. Fábio crê que Ângela sabe a lição  
c. Fábio imagina que Ângela sabe a lição  
d. Fábio julga que Ângela sabe a lição  
e. Fábio pensa que Ângela sabe a lição

- (4) a. Fábio acreditou que Ângela soubesse a lição  
b. Fábio creu que Ângela soubesse a lição  
c. Fábio imaginou que Ângela soubesse a lição  
d. Fábio julgou que Ângela soubesse a lição  
e. Fábio pensou que Ângela soubesse a lição

- (5) a. Fábio acredita que sabe a lição  
b. Fábio crê que sabe a lição  
c. Fábio imagina que sabe a lição  
d. Fábio julga que sabe a lição  
e. Fábio pensa que sabe a lição



- (6) a. Fábio acreditou que soubesse a lição  
b. Fábio creu que soubesse a lição  
c. Fábio imaginou que soubesse a lição  
d. Fábio julgou que soubesse a lição  
e. Fábio pensou que soubesse a lição

2. Verbos de declaração como afirmar, confessar, de  
clarar:

a) Quando complementados por oração com infinitivo,  
exigem identidade de sujeitos:

- (7) a. Fábio afirmou gostar de frutas  
b. Fábio confessou gostar de frutas  
c. Fábio declarou gostar de frutas
- (8) a\*. Fábio afirmou Ângela gostar de frutas  
b\*. Fábio confessou Ângela gostar de frutas  
c\*. Fábio declarou Ângela gostar de frutas

b) Quando complementados por oração com que + indica  
tivo, não exigem identidade de sujeitos:

- (9) a. Fábio afirmou que Ângela gostava de frutas  
b. Fábio confessou que Ângela gostava de frutas  
c. Fábio declarou que Ângela gostava de frutas
- (10) a. Fábio afirmou que gostava de frutas  
b. Fábio confessou que gostava de frutas  
c. Fábio declarou que gostava de frutas

c) Não admitem oração com que + subjuntivo como complemento:

- (11) a\* Fábio afirmou que Ângela gostasse de frutas  
 b\* Fábio confessou que Ângela gostasse de frutas  
 c\* Fábio declarou que Ângela gostasse de frutas

- (12) a\* Fábio afirmou que gostasse de frutas  
 b\* Fábio confessou que gostasse de frutas  
 c\* Fábio declarou que gostasse de frutas

3. Verbos de decisão como decidir e resolver:

a) Quando complementados por oração com infinitivo, exigem identidade de sujeitos:

- (13) a. Fábio decidiu comprar um carro  
 b. Fábio resolveu comprar um carro

- (14) a\* Fábio decidiu Ângela comprar um carro  
 b\* Fábio resolveu Ângela comprar um carro

b) Admitem também oração com que + indicativo, e não exigem identidade de sujeitos:

- (15) a. Fábio decidiu que Ângela comprará um carro  
 b. Fábio resolveu que Ângela comprará um carro

- (16) a. Fábio decidiu que comprará um carro  
 b. Fábio resolveu que comprará um carro

c) Quando complementados por oração com que + subjuntivo, exigem sujeitos diferentes:

- (17) a. Fábio decidiu que Ângela comprasse um carro  
 b. Fábio resolveu que Ângela comprasse um carro

- (18) a. Fábio decidiu que comprasse um carro  
 b. Fábio resolveu que comprasse um carro

4. Verbos de pedido como implorar, pedir e rogar:

mento: <sup>3</sup>

- a) Não admitem oração com infinitivo como comple-

- (19) a\* Fábio implorou trabalhar  
 b\* Fábio pediu trabalhar  
 c\* Fábio rogou trabalhar

- (20) a\* Fábio implorou Ângela trabalhar  
 b\* Fábio pediu Ângela trabalhar  
 c\* Fábio rogou Ângela trabalhar

b) Podem ser complementados por oração com que + sub  
 juntivo e exigem sujeitos diferentes:

- (21) a. Fábio implorou que Ângela trabalhasse  
 b. Fábio pediu que Ângela trabalhasse  
 c. Fábio rogou que Ângela trabalhasse

- (22) a. Fábio implorou que trabalhasse  
 b. Fábio pediu que trabalhasse  
 c. Fábio rogou que trabalhasse

c) Não admitem oração com que + indicativo:

- (23) a\* Fábio implorou que Ângela trabalhou  
 b\* Fábio pediu que Ângela trabalhou  
 c\* Fábio rogou que Ângela trabalhou

- (24) a\* Fábio implorou que trabalhou  
b\* Fábio pediu que trabalhou  
c\* Fábio rogou que trabalhou

5. Verbos de volição como querer, desejar, pretender, aspirar:

a) quando complementados por oração com infinitivo, exigem identidade de sujeitos:

- (25) a. Fábio quer trabalhar  
b. Fábio deseja trabalhar  
c. Fábio pretende trabalhar  
d. Fábio aspira trabalhar

- (26) a\* Fábio quer Ângela trabalhar  
b\* Fábio deseja Ângela trabalhar  
c\* Fábio pretende Ângela trabalhar  
d\* Fábio aspira Ângela trabalhar

b) Admitem também oração com que + subjuntivo e exigem sujeitos diferentes:

- (27) a. Fábio quer que Ângela trabalhe  
b. Fábio deseja que Ângela trabalhe  
c. Fábio pretende que Ângela trabalhe  
d. Fábio aspira que Ângela trabalhe

- (28) a. Fábio quer que trabalhe  
b. Fábio deseja que trabalhe  
c. Fábio pretende que trabalhe  
d. Fábio aspira que trabalhe

c) Não admitem oração com que + indicativo:

- (29) a\* Fábio quer que Ângela trabalha  
 b\* Fábio deseja que Ângela trabalha  
 c\* Fábio pretende que Ângela trabalha  
 d\* Fábio aspira que Ângela trabalha

- (30) a\* Fábio quer que trabalha  
 b\* Fábio deseja que trabalha  
 c\* Fábio pretende que trabalha  
 d\* Fábio aspira que trabalha

6. Verbos de percepção intelectual como ver e sentir:

a) Admitem oração com que + indicativo e não exigem identidade de sujeitos:<sup>4</sup>

- (31) a. Fábio viu que Ângela saiu da sala  
 b. Fábio sentiu que Ângela saiu da sala

- (32) a. Fábio viu que cometeu um golpe  
 b. Fábio sentiu que cometeu um golpe

b) Não admitem oração com que + subjuntivo:

- (33) a\* Fábio viu que Ângela saísse da sala  
 b\* Fábio sentiu que Ângela saísse da sala

- (34) a\* Fábio viu que cometesse um golpe  
 b\* Fábio sentiu que cometesse um golpe

Através dos exemplos acima, podemos observar que as orações introduzidas pelo complementizador infinitivo ocorrem quando existe identidade de sujeitos. As orações introduzidas pelo complementizador que, dependendo da classe de verbos, podem ocorrer quando os sujeitos são diferentes ou quando existe identidade de sujeitos.

Os verbos de julgamento, declaração, decisão e volição, podem ser complementados por oração com infinitivo.

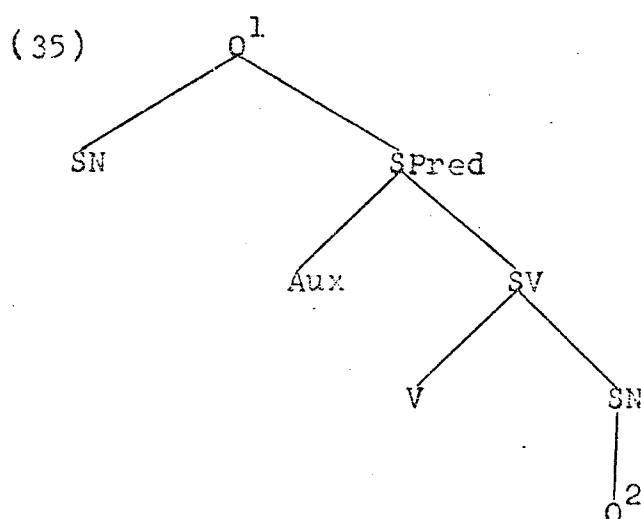
Os verbos de julgamento admitem também oração com que + subjuntivo ou com que + indicativo e não exigem identidade de sujeitos.

Os verbos de declaração<sup>5</sup> e percepção intelectual, admitem oração com que + indicativo e não exigem identidade de sujeitos.

Os verbos de decisão, quando complementados por oração com que + subjuntivo, exigem sujeitos diferentes. Quando complementados por oração com que + indicativo, não exigem identidade de sujeitos.<sup>6</sup>

Os verbos de pedido e volição admitem oração com que + subjuntivo e exigem sujeitos diferentes.

As orações introduzidas pelos complementizadores que e infinitivo serão derivadas de uma estrutura profunda, semelhante ao diagrama (35).



Para podermos derivar as orações, as regras transformacionais deverão ser aplicadas<sup>7</sup>, de acordo com os esquemas transformacionais I e II. Pertencem ao esquema transformacional I as regras RT<sub>4</sub>, RT<sub>5</sub> e RT<sub>6</sub>, e ao esquema transformacional II as regras RT<sub>1</sub>, RT<sub>2</sub>, RT<sub>3</sub> e RT<sub>6</sub>.

Esquema Transformacional I :

RT<sub>4</sub> - OBRIGATÓRIA

RT<sub>5</sub> - OBRIGATÓRIA

RT<sub>6</sub> - OBRIGATÓRIA

O esquema transformacional I permite derivar as orações introduzidas pelo complementizador infinitivo. Todas as regras desse esquema são obrigatórias e deverão ser aplicadas ordenadamente, como aparecem no esquema.

Esquema Transformacional II :

RT<sub>1</sub> - OBRIGATÓRIA

RT<sub>2</sub> - OBRIGATÓRIA / OPCIONAL  
           [+ subj]      [- subj]

RT<sub>3</sub> - OBRIGATÓRIA / OPCIONAL  
           [+ SI]      [- SI]

RT<sub>6</sub> - OBRIGATÓRIA

O esquema transformacional II permite derivar as orações introduzidas pelo complementizador que. As regras  $RT_1$  e  $RT_6$  são sempre obrigatórias. A regra  $RT_2$  é obrigatória/ opcional, porque sua aplicação depende do traço lexical  $[+subj]$  do verbo da oração matriz. A regra  $RT_5$  é obrigatória e opcional, porque sua aplicação depende do traço  $[+SI]$ .

(1a) Fábio acredita saber a lição

#### Estrutura Profunda:

$$\left( \text{Fábio pres. acreditar} \left( \text{Fábio pres. saber a lição} \right) \right)$$

#### Transformações:

$RT_4$  - Transformação de Inserção do Complementizador Infinitivo:

$$\left( \text{Fábio pres. acreditar} \left( \text{Fábio saber a lição} \right) \right)$$

$RT_5$  - Transformação de Supressão do Sintagma Nominal Idêntico:

$$\left( \text{Fábio pres. acreditar} \left( \text{saber a lição} \right) \right)$$

$RT_6$  - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left( \text{Fábio acredita} \left( \text{saber a lição} \right) \right)$$



(3a) Fábio acredita que Ângela sabe a lição

Estrutura Profunda:

[ Fábio pres. acreditar ( Ângela pres. saber a lição ) ]

Transformações:

RT<sub>1</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador que:

[ Fábio pres. acreditar ( que Ângela pres. saber a lição ) ]

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

[ Fábio acredita ( que Ângela sabe a lição ) ]

(4a) Fábio acreditou que Ângela soubesse a lição

Estrutura Profunda:

[ Fábio pass. acreditar ( Ângela pass. saber a lição ) ]

Transformações:

RT<sub>1</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador que:

[ Fábio pass. acreditar ( que Ângela pass. saber a lição ) ]

RT<sub>2</sub> - Transformação de Subjuntivo:

[ Fábio pass. acreditar ( que Ângela subj saber a lição ) ]

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

[ Fábio acreditou ( que Ângela soubesse a lição ) ]

(5a) Fábio acredita que sabe a lição

Estrutura Profunda:

$$\left( \text{Fábio pres. acreditar} \left( \text{Fábio pres. saber a lição} \right) \right)$$

Transformações:

RT<sub>1</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador que:

$$\left( \text{Fábio pres. acreditar} \left( \text{que Fábio pres. saber a lição} \right) \right)$$

RT<sub>5</sub> - Transformação de Supressão do Sintagma Nominal Idêntico:

$$\left( \text{Fábio pres. acreditar} \left( \text{que saber a lição} \right) \right)$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left( \text{Fábio acredita} \left( \text{que sabe a lição} \right) \right)$$

(6a) Fábio acreditou que soubesse a lição

Estrutura Profunda:

$$\left( \text{Fábio pass. acreditar} \left( \text{Fábio pass. saber a lição} \right) \right)$$

Transformações:

RT<sub>1</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador que:

$$\left( \text{Fábio pass. acreditar} \left( \text{que Fábio pass. saber a lição} \right) \right)$$

RT<sub>2</sub> - Transformação de Subjuntivo:

$$\left( \text{Fábio pass. acreditar} \left( \text{que Fábio subj saber a lição} \right) \right)$$

RT<sub>5</sub> - Transformação de Supressão do Sintagma Nominal Idêntico:

$$\left( \text{Fábio pass. acreditar} \left( \text{que subj saber a lição} \right) \right)$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left( \text{Fábio acreditou} \left( \text{que soubesse a lição} \right) \right)$$

(25a) Fábio quer trabalhar

Estrutura Profunda:

$$\left( \text{Fábio pres. querer} \left( \text{Fábio pres. trabalhar} \right) \right)$$

Transformações:

RT<sub>4</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador Infinitivo:

$$\left( \text{Fábio pres. querer} \left( \text{Fábio trabalhar} \right) \right)$$

RT<sub>5</sub> - Transformação de Supressão do Sintagma Nominal Idêntico:

$$\left( \text{Fábio pres. querer} \left( \text{trabalhar} \right) \right)$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left( \text{Fábio quer} \left( \text{trabalhar} \right) \right)$$

(27a) Fábio quer que Ângela trabalhe

Estrutura Profunda:

$$\left( \text{Fábio pres. querer} \left( \text{Ângela pres. trabalhar} \right) \right)$$

Transformações:

$RT_1$  - Transformação de Inserção do Complementizador que:

$$\left( \text{Fábio pres. querer} \left( \text{que Ângela pres. trabalhar} \right) \right)$$

$RT_2$  - Transformação de Subjuntivo:

$$\left( \text{Fábio pres. querer} \left( \text{que Ângela subj trabalhar} \right) \right)$$

$RT_6$  - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left( \text{Fábio quer} \left( \text{que Ângela trabalhe} \right) \right)$$

Apresentamos até aqui a análise dos complementos dos verbos subcategorizados com o traço  $\left[ + \text{---} 0 \right]$ . Apresentaremos agora a análise dos complementos dos verbos subcategorizados com o traço  $\left[ + \text{ Prep, } + \text{---} 0 \right]$ .

A análise das preposições em português têm gerado polêmicas entre os lingüistas adeptos da teoria da gramática gerativo-transformacional.

Peres (1976), seguindo Chomsky (1965), insere as preposições na estrutura profunda das orações.<sup>8</sup>

Fávero (1974), seguindo Lakoff (1970), sustenta que as preposições são introduzidas por transformação. Para justificar sua proposição, a autora apresenta a seguinte situação:<sup>9</sup>

(36) As professoras gostam de Paulo

(37) As professoras amam Paulo

(38) A população da cidade assistia ao embarque

(39) A população da cidade presenciava o embarque

(40) O soldado obedeceu às ordens do capitão

(41) O soldado cumpriu as ordens do capitão

A autora argumenta que os pares de orações acima são semelhantes, porque os verbos gostar e amar, assistir e presenciar, obedecer e cumprir, apresentam relações de sinonímia e diferem apenas na estrutura de superfície: gostar, assistir e obedecer, se ligam ao complemento por meio de preposição, enquanto que amar, presenciar e cumprir, não.

Um outro argumento de Fávero é que existem verbos que apresentam duas construções: uma com complemento iniciado por preposição e outra sem preposição.<sup>10</sup>

(42) a. Necessito de um livro de português

b. Necessito um livro de português

(43) a. Precisam-se de operários

b. Precisam-se operários

Ainda um outro argumento, apresentado por Fávero, é que em português muitos verbos transitivos indiretos admitem a transformação passiva e, segundo a autora, essa transformação só é possível com sintagma nominal objeto direto.<sup>11</sup>

(44) O soldado obedeceu às ordens do capitão

(45) As ordens do capitão foram obedecidas pelo soldado

(46) Todos visam à paz social

(47) A paz social é visada por todos

Com relação à regência do verbo obedecer, a autora cita Fernandes (1943):

Obedecer: Relativo - submeter-se à vontade de (...)  
Transitivo - não obstante condenado por alguns gramáticos de boa nota, é comum encontrar-se nos clássicos antigos o verbo obedecer construído com objeto direto (...) 'Nem a Deus se podem perguntar os porquês: obedecê-los sim, muda e cegamente' (Vieira, SERMÕES, I, 257)<sup>12</sup>

Após apresentar os argumentos acima, a autora conclui dizendo:

"Se um verbo tem duas regências uma com preposição e outra sem ela, porém o significado é o mesmo (por exemplo, necessitar, precisar); se verbos seguidos de preposição admitem a transformação passiva (por exemplo, obedecer), parece-nos poder dizer que, em língua portuguesa, as preposições que seguem a estes verbos não se encon-

tram na estrutura profunda e que o complemento que lhe segue não é uma frase nominal precedida de preposição (objeto indireto na NGB), mas uma frase nominal objeto direto." 13

E, em nota de rodapé, acrescenta:

"A propósito do objeto indireto, Mattoso Câmara Jr. diz: "Para o objeto que é um nome substantivo, a oposição entre direto e indireto fica teoricamente perturbada, por duas circunstâncias: 1. certos verbos exigem por servidão gramatical uma preposição para reger o seu objeto que é nocionalmente direto, mas já não admitem a transformação no pronome adverbial átono: o, a, os, as (ex: tratar de alguma coisa, assistir a um espetáculo (...)) J. Mattoso Câmara Jr., 1968, verbete objetos). 14

Segundo Fávero, os argumentos apresentados para o objeto indireto não oracional se aplicam ao objeto indireto oracional.<sup>15</sup>

A proposição da autora parece ser válida, contudo os argumentos apresentados parecem não ser adequados.

A relação de sinonímia entre os verbos gostar e amar nas orações (36) e (37) é apenas aparente, pois a oração (37) é ambígua. O verbo amar pode ter outros significados, além do de gostar, e a oração (37) pode corresponder ou não à oração (36).

A autora, para justificar que o verbo obedecer é transitivo indireto e admite a transformação passiva, cita Fernandes (1943). Ora, para ser coerente com o pensamento de Fernandes, a autora não deveria colocar crase antes da palavra ordens, nas orações (40) e (44). Segundo o autor, o verbo obedecer admite a transformação passiva, somente quando é transitivo.



Parece-nos não haver fundamento para considerar o verbo visar, na oração (46), como transitivo indireto. Segundo Bechara (1972), modernamente, esse verbo admite objeto direto. Observe-se que, se admitirmos que os verbos obedecer e visar nas orações (40), (44) e (46), são transitivos indiretos, não é possível haver transformação passiva, pois as orações serão a gramaticais.

(48)\* Às ordens do capitão foram obedecidas pelo sol  
oado

(49)\* À paz social é visada por todos

Por outro lado, a autora considera que os verbos gostar, assistir e obedecer, não sofrem a transformação que apaga as preposições. Contudo, ao tratar do objeto indireto oracional apresenta exemplos, onde a preposição é apagada.<sup>16</sup>

(50) a. Gosto de que Paulo estude português

b. Gosto que Paulo estude português

Fávero, ainda para justificar sua proposição, apresenta, como argumento, as posições de Lakoff (1970), Fillmore (1968), Langendoen (1970), e conclui:

"Podemos observar que Lakoff Fillmore e Langendoen têm uma posição em comum: a preposição sempre pode estar na estrutura superficial. Não há, então, vantagem nenhuma em colocá-la na profunda, pensamos nós, pois essa colocação viria complicar desnecessariamente as regras de estrutura frasal e, ainda que ela pudesse ser prevista porque cada verbo tem a sua, as exceções são muitas, isto é, muitas preposições vêm com diferentes verbos e muitos verbos admitem mais de uma preposição; então, é mais econômico postulá-la como Lakoff:

a preposição é introduzida por transformação, mesmo porque, como o próprio Langendoen (1970, 86) diz:

"Um relance para o quadro revela que o mesmo papel pode ser introduzido por uma série de preposições, e que as mesmas preposições podem ser usadas para introduzir diferentes papéis." 17

A conclusão da autora parece ser contraditória, pois as teorias desenvolvidas por Fillmore (1968) e Langendoen (1970) postulam que as preposições devem ocorrer na estrutura profunda, e que somente em alguns casos continuam ocorrendo na estrutura de superfície. Portanto, não há razão para afirmar que Lakoff, Fillmore e Langendoen têm posição em comum.

Por outro lado, é importante observar que os argumentos apresentados para o objeto indireto não oracional, parecem que não se aplicam ao objeto indireto oracional, pois os verbos assistir, obedecer e visar não admitem complemento oracional.

Nossa proposição é de que as preposições podem ocorrer na estrutura profunda das orações, como uma idiosincrasia dos verbos. As preposições parecem possuir conteúdo semântico, e, por conseguinte, podem ser inseridas na estrutura profunda, juntamente com os verbos.

Consideremos as seguintes orações:

(51) Fábio gosta de frutas

(52)\* Fábio gosta frutas

(53) Ângela ama os pais

(54) Ângela ama a Deus

(55) Ângela assistiu o docente

(56) Ângela assistiu ao filme

- (57) Fábio necessita de um carro  
 (58) Fábio necessita um carro  
 (59) Ângela visou o cheque  
 (60) Ângela visou ao cheque  
 (61) Fábio enviou flores a Ângela

De acordo com nossa proposição, os verbos acima passar a ser subcategorizados  $\boxed{+V, +\text{Prep}, +\text{---SN}}$ ,  $\boxed{+V, +\text{---SN}}$   $\boxed{+V, +\text{Prep}, +\text{---SN}, +\text{---SN}}$ .

Gostar :  $\boxed{+V, +\text{de}, +\text{---SN}}$

Amar :  $\boxed{+V, +\text{---SN}}$

Assistir:  $\boxed{+V, +\text{---SN}}$

Assistir:  $\boxed{+V, +\text{a}, +\text{---SN}}$

Necessitar:  $\boxed{+V, +\text{de}, +\text{---SN}}$

Visar:  $\boxed{+V, +\text{---SN}}$

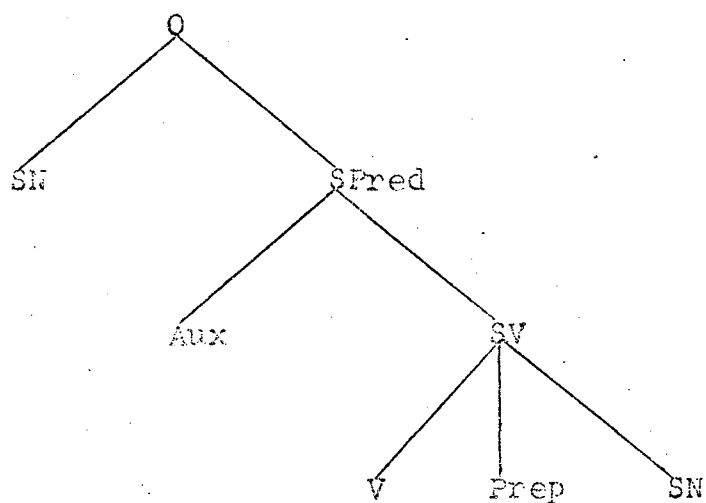
Visar:  $\boxed{+V, +\text{a}, +\text{---SN}}$

Enviar:  $\boxed{+V, +\text{a}, +\text{---SN}, +\text{---SN}}$

Através da subcategorização dos verbos, podemos observar que as orações acima serão derivadas de estruturas profundas diferentes, semelhantes aos diagramas que seguem.

- (51) Fábio gosta de frutas  
 (56) Ângela assistiu ao filme  
 (57) Fábio necessita de um carro  
 (58) Fábio necessita um carro  
 (60) Fábio visou ao cheque

(62)



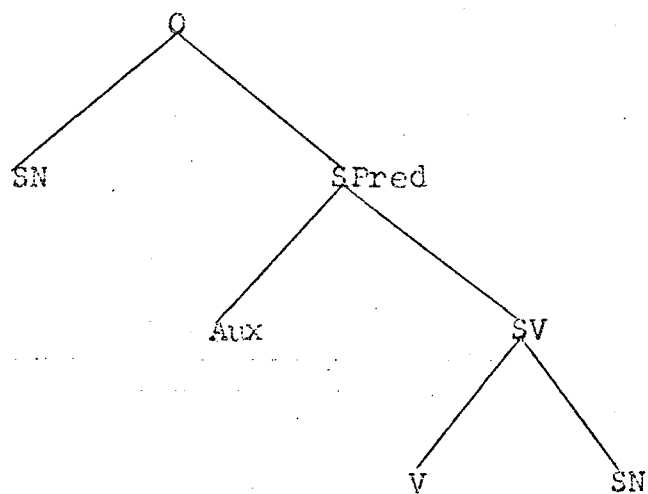
(53) Ângela ama os pais

(54) Ângela ama a Deus

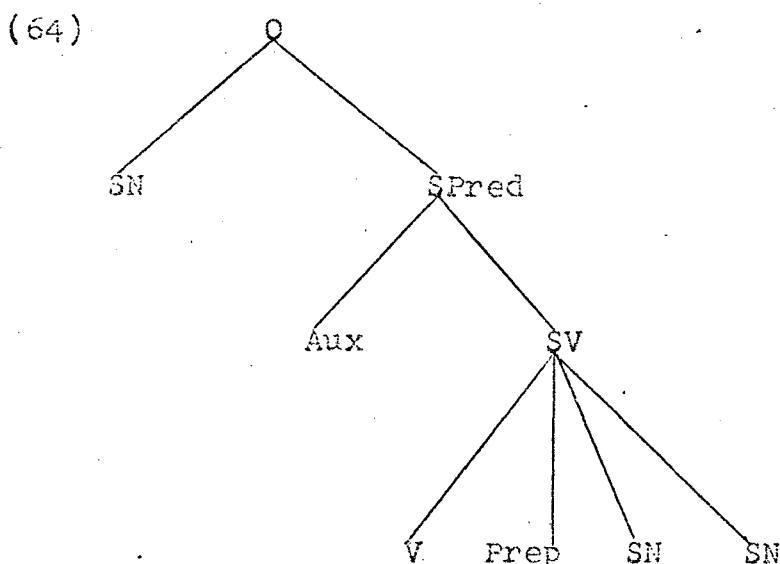
(55) Ângela assistiu o doente

(59) Ângela visou o cheque

(63)



(61) Fábio enviou flores a Ângela



Os verbos assistir e visar  $\boxed{+ V, + \text{---} SN}$  se distinguem de seus homônimos assistir e visar  $\boxed{+ V, + a, + \text{---} SN}$ . Esses verbos devem ser subcategorizados com duas entradas lexicais diferentes, pois, do ponto de vista semântico, são verbos distintos.

Os verbos amar e necessitar devem ser subcategorizados com uma entrada lexical. A preposição que ocorre na oração (54) parece não possuir conteúdo semântico e, por conseguinte, será introduzida por transformação. O verbo necessitar admite o apagamento da preposição, porém observe-se que esse apagamento acarreta apenas um prejuízo no nível de gramaticalidade e não no aspecto semântico.

Procuraremos agora verificar a ocorrência das orações introduzidas pelos complementizadores que e infinitivo em verbos subcategorizados com o traço  $\boxed{+ Prep, + \text{---} 0}$ . Os verbos mais frequentes em português são: gostar de, desistir de, insistir em, necessitar de.

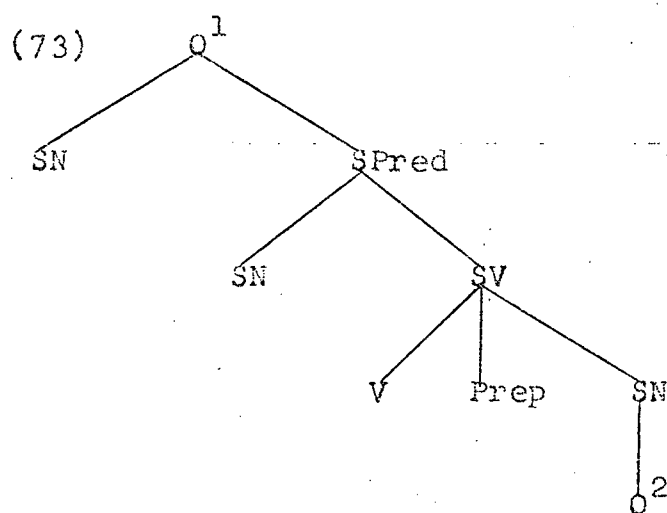


- (72) a. Fábio necessita de que Ângela estude a lição  
 b. Fábio necessita de que estude a lição  
 c. Fábio necessita que Ângela estude a lição

Através dos exemplos apresentados, podemos verificar que com os verbos [+ Prep, + — 0] as orações introduzidas pelo complementizador infinitivo ocorrem quando existe identidade de sujeitos e as orações introduzidas pelo complementizador que, quando os sujeitos são diferentes.

É importante observar que o apagamento das preposições parece acarretar apenas um prejuízo no nível de gramaticalidade e não no aspecto semântico.

As orações examinadas serão derivadas de uma estrutura profunda semelhante ao diagrama (73).



De acordo com nossa proposição, os complementos dos verbos [+ — 0] e [+ Prep, + — 0] são orações encaixadas no sintagma nominal diretamente dominado pelo sintagma verbal, como mostram os diagramas (35) e (73).<sup>19</sup>

Para derivarmos as orações examinadas, as transformações deverão ser aplicadas de acordo com os esquemas transformacionais I e II.

O esquema transformacional I permite derivar as orações introduzidas pelo complementizador infinitivo e o esquema transformacional II, as orações introduzidas pelo complementizador que.

Esquema Transformacional I:

RT <sub>4</sub>	-	OBRIGATÓRIA
RT <sub>5</sub>	-	OBRIGATÓRIA
RT <sub>3</sub>	-	OPCIONAL
RT <sub>6</sub>	-	OBRIGATÓRIA

Esquema Transformacional II :

RT <sub>1</sub>	---	OBRIGATÓRIA
RT <sub>2</sub>	-	OBRIGATÓRIA
RT <sub>3</sub>	-	OPCIONAL
RT <sub>6</sub>	-	OBRIGATÓRIA

De acordo com nossa proposição, os verbos deverão ser subcategorizados no léxico com suas respectivas preposições. Dessa forma, os verbos acima deverão conter os seguinte traços:

<u>Gostar:</u>	$\boxed{+ V, + de, + \text{---} 0}$
<u>Desistir:</u>	$\boxed{+ V, + de, + \text{---} 0}$
<u>Insistir:</u>	$\boxed{+ V, + em, + \text{---} 0}$
<u>Necessitar:</u>	$\boxed{+ V, + de, + \text{---} 0}$



(65a) Fábio gosta de estudar a lição

(65c) Fábio gosta estudar a lição

Estrutura Profunda:

[ Fábio pres. gostar de [ Fábio pres. estudar a lição ] ]

Transformações: (65a)

RT<sub>4</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador Infinitivo:

[ Fábio pres. gostar de [ Fábio estudar a lição ] ]

RT<sub>5</sub> - Transformação de Supressão do Sintagma Nominal Idêntico:

[ Fábio pres. gostar de [ estudar a lição ] ]

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

[ Fábio gosta de [ estudar a lição ] ]

Transformações: (65c)

RT<sub>4</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador Infinitivo:

$$\left( \text{Fábio pres. gostar de } \left( \text{Fábio estudar a lição} \right) \right)$$

RT<sub>5</sub> - Transformação de Supressão do Sintagma Nominal Idêntico:

$$\left( \text{Fábio pres. gostar de } \left( \text{estudar a lição} \right) \right)$$

RT<sub>3</sub> - Transformação de Apagamento da Preposição:

$$\left( \text{Fábio pres. gostar } \left( \text{estudar a lição} \right) \right)$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left( \text{Fábio gosta} \left( \text{estudar a lição} \right) \right)$$

(69a) Fábio gosta de que Ângela estude a lição

(69c) Fábio gosta que Ângela estude a lição

Estrutura Profunda:

$$\left( \text{Fábio pres. gostar de } \left( \text{Ângela pres. estudar a lição} \right) \right)$$

Transformações: (69a)

RT<sub>1</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador que:

$$\left( \text{Fábio pres. gostar de} \left[ \text{que Ângela pres. estudar a lição} \right] \right)$$

RT<sub>2</sub> - Transformação de Subjuntivo:

$$\left( \text{Fábio pres. gostar de} \left[ \text{que Ângela subj estudar a lição} \right] \right)$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left( \text{Fábio gosta de} \left[ \text{que Ângela estude a lição} \right] \right)$$

Transformações: (69c)

RT<sub>1</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador que:

$$\left( \text{Fábio pres. gostar de} \left[ \text{que Ângela pres. estudar a lição} \right] \right)$$

RT<sub>2</sub> - Transformação de Subjuntivo:

$$\left( \text{Fábio pres. gostar de} \left[ \text{que Ângela subj estudar a lição} \right] \right)$$

RT<sub>3</sub> - Transformação de Apagamento da Preposição:

$$\left[ \text{Fábio pres. gostar} \left( \text{que Ângela subj estudar a lição} \right) \right]$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left[ \text{Fábio gosta} \left( \text{que Ângela estude a lição} \right) \right]$$

A análise apresentada parece confirmar a validade de nossa proposição de que as preposições podem ocorrer na estrutura profunda das orações, como uma idiossincrasia dos verbos.

Como conclusão deste capítulo, podemos dizer que as orações dominadas pelo sintagma verbal são derivadas de um único nóculo verbal. Essas orações podem ocorrer com verbos seguidos de preposições ou com verbos não seguidos de preposições.

### NOTAS

- 1 Chomsky (1965) p.153-159
- 2 Observe-se que existem ainda outras classes de verbos, contudo, não é nosso propósito examiná-las todas.
- 3 O verbo pedir admite ainda as construções: para + infinitivo e para + que + subjuntivo:

(1) Fábio pediu para sair da sala

(2) Fábio pediu para que Ângela saísse da sala

Lessa (1966 : 273) afirma que essas construções são usadas na literatura modernista, porém acrescenta que a construção pedir + que + subjuntivo é a mais lógica.

Para Dias (1970 : 259-260) o verbo pedir nas orações acima é intransitivo e as orações grifadas em (1) e (2) correspondem a uma oração adverbial final.

Segundo Bechara (1976 : 310-311), as orações grifadas correspondem a uma oração "objetiva direta", introduzida pela preposição para, que funciona como um posvérbio.

Parece-nos que as orações grifadas em (1) e (2) correspondem a uma oração adverbial final, onde foram apagados os complementos não oracionais.

Por outro lado, observe-se que os verbos de pedido, quando complementados por uma oração, exibem um comportamento sintático diferente que quando complementados por um sintagma não oracional.

- 4 Os verbos ver e sentir se distinguem de seus homônimos ver e sentir, verbos de percepção sensorial, que só admitem oração com infinitivo como complemento oracional.

- 5 Os verbos de declaração, em determinados contextos, podem ocorrer também seguidos de um complemento não oracional. Contudo, observe-se que essa construção parece ser menos frequente.
  - 6 Observe-se que essa restrição que os verbos apresentam deve ser especificada no léxico.
  - 7 A aplicação das regras transformacionais diverge de análises anteriores que postulam a  $RT_1$  como regra básica.
  - 8 Peres (1976) p.283
  - 9 Fávero (1974) p.131
  - 10 Id., Ibid. p.136
  - 11 Id., Ibid. p.136-137
  - 12 Id., Ibid. p.137
  - 13 Id., Ibid. p.137-138
  - 14 Id., Ibid. p.138 nota 18
  - 15 Id., Ibid. p.140
- Observe-se que, com relação ao objeto indireto oracional, Lima (1974) diverge de outros autores. Cf. Capítulo II p.32.
- 16 Fávero (1974) p.138
  - 17 Id., Ibid, p.133-134
  - 18 Observe-se que as orações (65c), (66c), (67c) e (68c), serão consideradas gramaticais, por uma questão de coerência. Na verdade, as orações (65c) e (66c) não estão no mesmo nível de gramaticalidade que as orações (67c) e (68c), porém, apesar de não serem frequentes, são aceitas pelo falante. Por outro lado, em um nível de gramaticalidade absoluta, não seria possível ocorrer o apagamento das preposições, nem mesmo nas orações (69c), (70c), (71c) e (72c).
  - 19 A análise que propomos diverge de análises anteriores que postulam dois núdulos verbais diferentes.

## CAPÍTULO IV

ANÁLISE DAS ORAÇÕES DOMINADAS PELO SINTAGMA ADVERBIAL

## 1. INTRODUÇÃO À ANÁLISE

Chomsky (1965)<sup>1</sup> introduz os Adverbiais de três modos distintos: Tempo e Lugar são dominados diretamente pelo sintagma predicativo; Modo dominado diretamente pelo sintagma verbal; e Direção, Duração, Frequência, etc., dominados diretamente pelo sintagma preposicional, por sua vez dominado pelo sintagma verbal.

O subcomponente de base da gramática de Chomsky contém as seguintes regras de estrutura frasal:

(i)  $F \longrightarrow \overbrace{SN}^{\text{Sintagma Predicativo}}$

(ii)  $\text{Sintagma Predicativo} \longrightarrow \overbrace{Aux\ SV}^{\text{(Lugar) (Tempo)}}$

(iii)  $SV \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{be Predicado} \\ \left\{ \begin{array}{l} (SN) (Sintagma-Prep) (Sintagma-Prep) (Modo) \\ Adj \\ F' \\ (like) \text{ Predicado Nominal} \end{array} \right\} \end{array} \right\}$

(iv)  $\text{Sintagma-Prep} \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} Direção \\ Duração \\ Lugar \\ Frequência \\ etc. \end{array} \right\}$

(v)  $V \longrightarrow SC$

Através das regras acima, temos a possibilidade de reescrever Tempo e Lugar como sintagmas preposicionais dominados diretamente pelo sintagma predicativo, e de incluir Lugar como dominado diretamente pelo sintagma preposicional, por sua vez dominado pelo sintagma verbal. Assim, os Adverbiais podem estar relacionados intimamente com os verbos com os quais ocorrem, ou não. Na gramática de Chomsky, os verbos são subcategorizados em relação a alguns sintagmas preposicionais introduzidos por (iii), mas não o são em relação a outros introduzidos por (ii). Esses últimos são Adverbiais associados ao sintagma predicativo e que poderiam estar associados mais ao auxiliar, ou aos Adverbiais Oracionais que, na estrutura profunda, formam uma unidade pré-oração. Chomsky sugere que certos Adverbiais não estão particularmente unidos ao verbo, mas antes modificam o sintagma verbal como um todo, ou talvez, a oração toda, podendo, opcionalmente, ser antepostos à oração. Segundo Chomsky, isso acontece porque é possível distinguir vários graus de coesão entre o verbo e o sintagma preposicional que o acompanha. Dessa forma, verbos como "reside" e "dash" se distinguem entre si pelo fato de o primeiro exigir um complemento verbal de Lugar, e o segundo um complemento verbal de Direção, ambos intimamente associados aos verbos.

(1) He decided on the boat on the train<sup>2</sup>

Na oração (1), o segundo sintagma preposicional, "on the train", é simplesmente um Adverbial de Lugar que não mantém nenhuma conexão com o verbo, mas está associado a todo o sintagma verbal, ou talvez, à oração toda. Porém, "on the boat", está intimamente associado ao verbo.

Chomsky soluciona o problema dos Adverbiais, tratando alguns com a subcategorização dos verbos, e associando outros ao sintagma predicativo.



"Assim os Verbos podem ser sub categorizados em função dos com plementos do Verbo, mas não em função dos Complementos do Sin tagma Verbal." 3

Chomsky não se refere explicitamente às orações domi nadas pelo sintagma adverbial e nem como as chamadas conjun - ções e "locuções" adverbiais devem ser analisadas.

Por outro lado, Chomsky afirma que:

"Os adverbiais constituem um sis tema rico e ainda relativamente pouco explorado, e, por isso, o que dissermos a seu respeito de ve ser considerado como perfei - tamente provisório." 4

Hadlich (1973) sugere que, em espanhol, as orações com quando e como , e as comparativas, podem ser derivadas por relativização. Contudo, o autor observa que:

"Uma vez que somos incapazes de fornecer uma análise completa, sugeriremos os princípios de uma solução e consideraremos ' algumas alternativas". 5

Tondo (1974) e Samara (1976) derivam as orações com quando e onde, de orações relativas.

Com base nas opiniões dos autores acima, propomos que em português as orações dominadas pelo sintagma adverbial, podem ser derivadas por complementação e relativização.

## 2. ANÁLISE DAS ORAÇÕES DERIVADAS POR COMPLEMENTAÇÃO

Azevedo (1976) apresenta <sup>6</sup>duas possibilidades de análise das conjunções e "locuções" adverbiais. A primeira consiste em considerá-las como complementizadores, e a segunda, em incluí-las nas regras de estrutura frasal, como constituintes do sintagma adverbial.

Nossa proposição é de que as orações derivadas por complementação podem ser introduzidas por conjunções adverbiais, advérbio mais preposição, e por preposições.

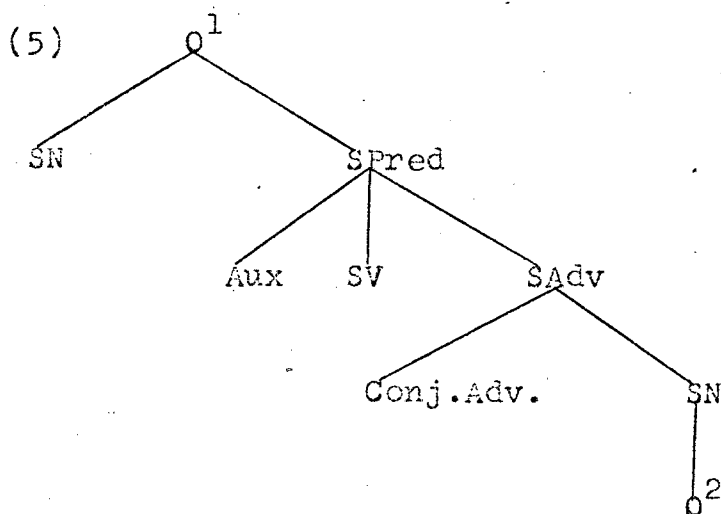
### 2.1. Orações Introduzidas Por Conjunções Adverbiais

A expansão da RS<sub>9</sub> que permite reescrever o sintagma adverbial como conjunção adverbial mais sintagma nominal, e a expansão da RS<sub>7</sub> que permite reescrever o sintagma nominal como oração, geram orações como as que seguem.

- (2) a. Ângela reprovou Fábio embora os alunos protestassem  
b. Embora os alunos protestassem, Ângela reprovou Fábio
- (3) a. Ângela comprará um carro caso trabalhe  
b. Caso trabalhe, Ângela comprará um carro
- (4) a. Ângela ganhará dinheiro se trabalhar  
b. Se trabalhar, Ângela ganhará dinheiro

As principais conjunções adverbiais em português, são: embora, caso e se. Essas conjunções introduzem as orações conhecidas como concessivas e condicionais.

As orações introduzidas por conjunções adverbiais se são derivadas de uma estrutura profunda semelhante ao diagrama (5).



(2a) Ângela reprovou Fábio embora os alunos protestassem

Estrutura Profunda:

$$\left[ \text{Ângela pass. reprovar Fábio} \left( \text{embora os alunos pass. protestar} \right) \right]$$

Transformações:

RT<sub>2</sub> - Transformação de Subjuntivo:

$$\left[ \text{Ângela pass. reprovar Fábio} \left( \text{embora os alunos subj protestar} \right) \right]$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left[ \text{Ângela reprovou Fábio} \left( \text{embora os alunos protestassem} \right) \right]$$

(3a) Ângela ganhará dinheiro caso trabalhe

Estrutura Profunda:

$$\left( \text{Ângela pres. -er ganhar dinheiro} \left( \text{caso Ângela pres. trabalhar} \right) \right)$$

Transformações:

RT<sub>2</sub> - Transformação de Subjuntivo:

$$\left( \text{Ângela pres. -er ganhar dinheiro} \left( \text{caso Ângela subj trabalhar} \right) \right)$$

RT<sub>5</sub> - Transformação de Supressão do Sintagma Nominal Idêntico:

$$\left( \text{Ângela pres. -er ganhar dinheiro} \left( \text{caso subj trabalhar} \right) \right)$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left( \text{Ângela ganhará dinheiro} \left( \text{caso trabalhe} \right) \right)$$

(4a) Ângela ganhará dinheiro se trabalhar

Estrutura Profunda:

$$\left[ \text{Ângela pres. -er ganhar dinheiro} \left( \text{se Ângela pres. -er trabalhar} \right) \right]$$

Transformações:

RT<sub>2</sub> - Transformação de Subjuntivo:

$$\left[ \text{Ângela pres. -er ganhar dinheiro} \left( \text{se Ângela subj -er trabalhar} \right) \right]$$

RT<sub>5</sub> - Transformação de Supressão do Sintagma Nominal Idêntico:

$$\left[ \text{Ângela pres. -er ganhar dinheiro} \left( \text{se subj trabalhar} \right) \right]$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left[ \text{Ângela ganhará dinheiro} \left( \text{se trabalhar} \right) \right]$$

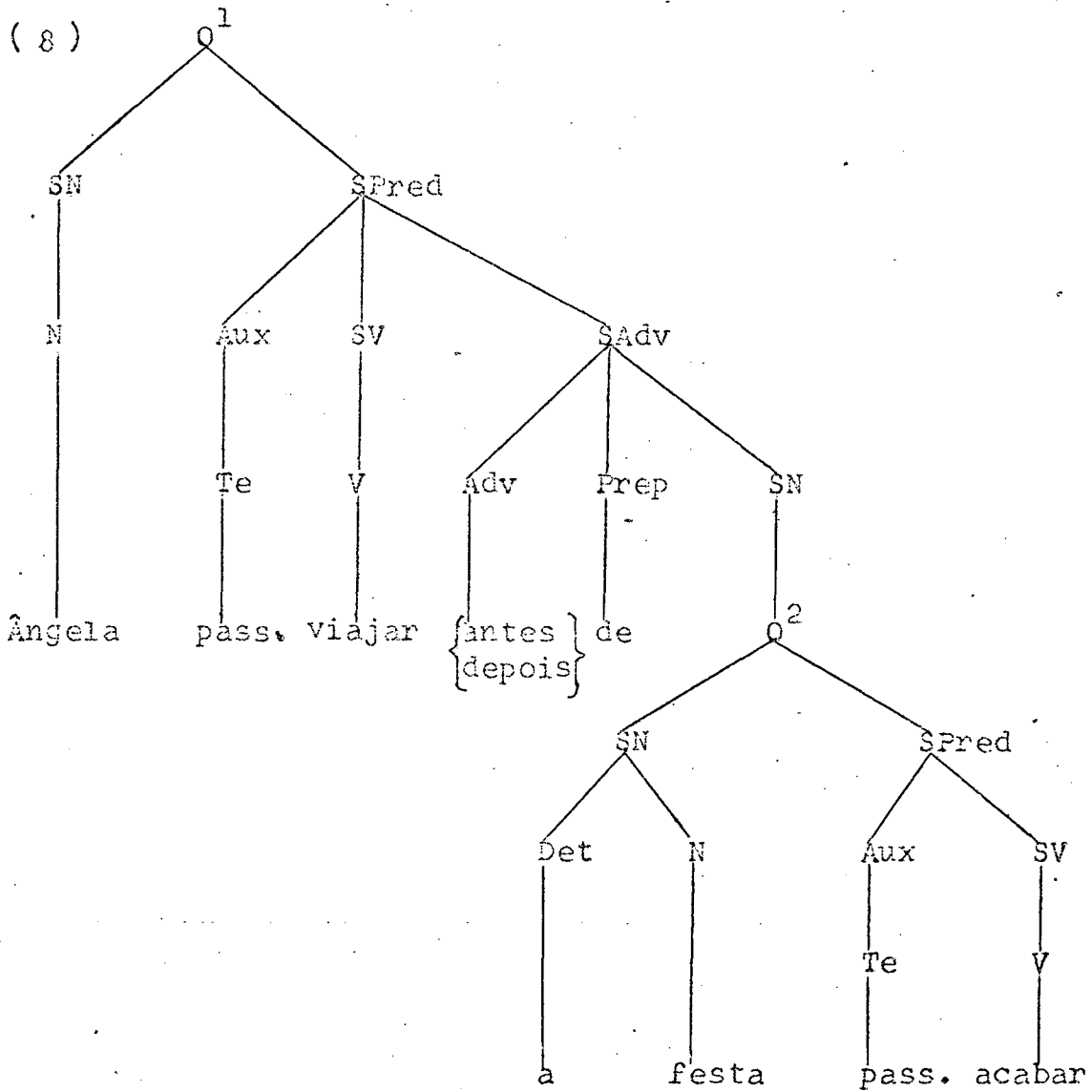
Observe-se que, para derivarmos as orações (2b), (3b) e (4b), a partir das estruturas profundas das orações (2a), (3a) e (4a), será necessário, além das transformações acima, uma regra transformacional que transporte o sintagma adverbial para o início da oração matriz.

## 2.2. Orações Introduzidas Por Advérbio + Preposição

A expansão da RS<sub>8</sub> que reescreve o sintagma adverbial como advérbio mais preposição mais sintagma nominal, e a expansão da RS<sub>7</sub> que reescreve o sintagma nominal como oração, podem gerar as seguintes orações.

- (6) a. Ângela viajou antes de a festa acabar
- b. Ângela viajou antes de que a festa acabasse
- c. Ângela viajou antes que a festa acabasse
  
- (7) a. Ângela viajou depois de a festa acabar
- b. Ângela viajou depois de que a festa acabou
- c. Ângela viajou depois que a festa acabou

As orações em (6) e (7) serão derivadas de uma única estrutura profunda, representada pelo diagrama (8). O elemento que, que ocorre nas orações (6b), (6c), (7b) e (7c), será considerado como complementizador.



(6a) Ângela viajou antes de a festa acabar

Transformações:

RT<sub>4</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador Infinitivo:

$$\left( \text{Ângela pass. viajar} \left( \text{antes de a festa acabar} \right) \right)$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

⎧ Ângela viajou ⎧ antes de a festa acabar ⎫ ⎫

(6b) Ângela viajou antes de que a festa acabasse

Transformações:

RT<sub>1</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador que:

⎧ Ângela pass. viajar ⎧ antes de que a festa pass. acabar ⎫ ⎫

RT<sub>2</sub> - Transformação de Subjuntivo:

⎧ Ângela pass. viajar ⎧ antes de que a festa subj. acabar ⎫ ⎫

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

⎧ Ângela viajou ⎧ antes de que a festa acabasse ⎫ ⎫



(6c) Ângela viajou antes que a festa acabasse

Transformações:

RT<sub>1</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador que:

$$\left( \text{Ângela pass. viajar} \left( \text{antes de que a festa pass. acabar} \right) \right)$$

RT<sub>2</sub> - Transformação de Subjuntivo:

$$\left( \text{Ângela pass. viajar} \left( \text{antes de que a festa subj acabar} \right) \right)$$

RT<sub>3</sub> - Transformação de Apagamento da Preposição:

$$\left( \text{Ângela pass. viajar} \left( \text{antes que a festa subj acabar} \right) \right)$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left( \text{Ângela viajou} \left( \text{antes que a festa acabasse} \right) \right)$$

(7a) Ângela viajou depois de a festa acabar

Transformações:

$RT_4$  - Transformação de Inserção do Complementizador Infinitivo:

$\left[ \begin{array}{l} \text{Ângela pass. viajar} \left( \text{depois de a festa acabar} \right) \end{array} \right]$

$RT_6$  - Transformação de Concordância Verbal:

$\left[ \begin{array}{l} \text{Ângela viajou} \left( \text{depois de a festa acabar} \right) \end{array} \right]$

(7b) Ângela viajou depois de que a festa acabou

Transformações:

$RT_1$  - Transformação de Inserção do Complementizador que:

$\left[ \begin{array}{l} \text{Ângela pass. viajar} \left( \text{depois de que a festa pass. acabou} \right) \end{array} \right]$

$RT_6$  - Transformação de Concordância Verbal:

$\left[ \begin{array}{l} \text{Ângela viajou} \left( \text{depois de que a festa acabou} \right) \end{array} \right]$

(7c) Ângela viajou depois que a festa acabou

Transformações:

RT<sub>1</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador que:

$$\left( \text{Ângela pass. viajar} \left( \text{depois de que a festa pass. acabar} \right) \right)$$

RT<sub>3</sub> - Transformação de Apagamento da Preposição:

$$\left( \text{Ângela pass. viajar} \left( \text{depois que a festa pass. acabar} \right) \right)$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left( \text{Ângela viajou} \left( \text{depois que a festa acabou} \right) \right)$$

Consideremos as seguintes orações:

- (9) a. Antes de a festa acabar, Ângela viajou  
 b. Antes de que a festa acabasse, Ângela viajou  
 c. Antes que a festa acabasse, Ângela viajou
- (10) a. Depois de a festa acabar, Ângela viajou  
 b. Depois de que a festa acabou, Ângela viajou  
 c. Depois que a festa acabou, Ângela viajou

Observe-se que, para derivarmos as orações em (9) e (10), a partir da estrutura profunda (8), será necessário, além das transformações aplicadas para derivarmos as orações

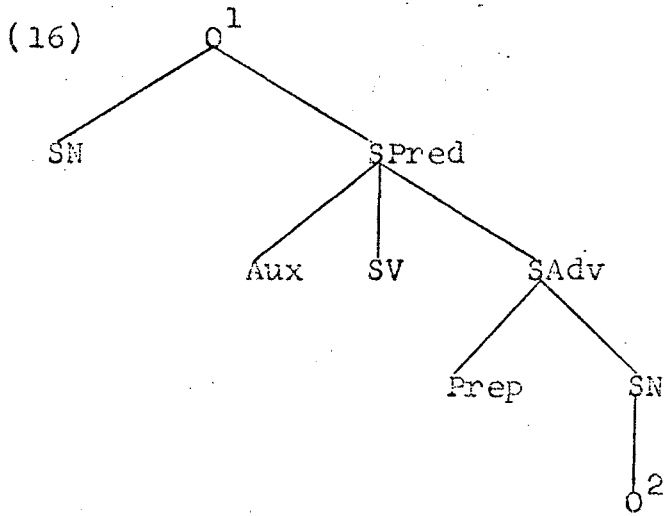
em (6) e (7), uma regra transformacional que transporte o sintagma adverbial para o início da oração matriz.

### 2.3. Orações Introduzidas Por Preposições

A expansão da RS8 que permite reescrever o sintagma adverbial como preposição mais sintagma nominal e a expansão da RS7 que reescreve o sintagma nominal como oração, geram orações como as que seguem.

- (11) a. Ângela comprou um carro para passear  
b. Para passear, Ângela comprou um carro
- (12) a. Ângela comprou um carro para Fábio passear  
b. Para Fábio passear, Ângela comprou um carro
- (13) a. Ângela comprou um carro para que Fábio passeasse  
b. Para que Fábio passeasse, Ângela comprou um carro
- (14) a. Ângela saiu da sala sem fazer barulho  
b. Sem fazer barulho, Ângela saiu da sala
- (15) a. Ângela saiu da sala sem que Fábio percebesse  
b. Sem que Fábio percebesse, Ângela saiu da sala

As orações acima serão derivadas de uma estrutura profunda semelhante ao diagrama (16).



(11a) Ângela comprou um carro para passear

Estrutura Profunda:

$$\left( \text{Ângela pass. comprar um carro} \left( \text{para Ângela pass. passear} \right) \right)$$

Transformações:

RT<sub>4</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador Infinitivo:

$$\left( \text{Ângela pass. comprar um carro} \left( \text{para Ângela passear} \right) \right)$$

RT<sub>5</sub> - Transformação de Supressão do Sintagma Nominal Idêntico:

$$\left( \text{Ângela pass. comprar um carro} \left( \text{para passear} \right) \right)$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

⎧ Ângela comprou um carro ⎧para passear⎫⎫

As orações (12a) e (13a) serão derivadas de uma única estrutura profunda, porque são orações sinônimas. A única diferença entre elas é com relação à aplicação das transformações, como podemos observar através de suas derivações.

(12a) Ângela comprou um carro para Fábio passear

(13a) Ângela comprou um carro para que Fábio passeasse

Estrutura Profunda:

⎧ Ângela pass. comprar um carro ⎧para Fábio pass. passear⎫⎫

Transformações: (12a)

RT<sub>4</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador Infinitivo:

⎧ Ângela pass. comprar um carro ⎧para Fábio passear⎫⎫

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

⎧ Ângela comprou um carro ⎧para Fábio passear⎫⎫

Transformações: (13a)

RT<sub>1</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador que:

⌈ Ângela pass. comprar um carro ⌊ para que Fábio pass. passear ⌋ ⌋

RT<sub>2</sub> - Transformação de Subjuntivo:

⌈ Ângela pass. comprar um carro ⌊ para que Fábio subj passear ⌋ ⌋

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

⌈ Ângela comprou um carro ⌊ para que Fábio passeasse ⌋ ⌋

Por outro lado, as orações (14a) e (15a) serão derivadas de estruturas profundas diferentes, porque em (14a) existe identidade de sujeitos, e em (15a), sujeitos diferentes.

(14a) Ângela saiu da sala sem fazer barulho

Estrutura Profunda:

⌈ Ângela pass. sair da sala ⌊ sem Ângela pass. fazer barulho ⌋ ⌋

Transformações:

RT<sub>4</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador Infinitivo:

⌈ Ângela pass. sair da sala ⌊ sem Ângela fazer barulho ⌋ ⌋

RT<sub>5</sub> - Transformação de Supressão do Sintagma Nominal Idêntico:

⌈ Ângela pass. sair da sala ⌊ sem fazer barulho ⌋ ⌋

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

⌈ Ângela saiu da sala ⌊ sem fazer barulho ⌋ ⌋

(15a) Ângela saiu da sala sem que Fábio percebesse

Estrutura Profunda:

⌈ Ângela pass. sair da sala ⌊ sem Fábio pass. perceber ⌋ ⌋



Transformações:

RT<sub>1</sub> - Transformação de Inserção do Complementizador que:

$$\left( \text{Ângela pass. sair da sala} \left( \text{sem que Fábio pass. perceber} \right) \right)$$

RT<sub>2</sub> - Transformação de Subjuntivo:

$$\left( \text{Ângela pass. sair da sala} \left( \text{sem que Fábio subj perceber} \right) \right)$$

RT<sub>6</sub> - Transformação de Concordância Verbal:

$$\left( \text{Ângela saiu da sala} \left( \text{sem que Fábio percebesse} \right) \right)$$

Aplicando-se em seguida uma regra transformacional que transporte o sintagma adverbial para o início da oração matriz, poderemos obter as estruturas de superfície das orações (11b), (12b), (13b), (14b) e (15b).

A análise apresentada das orações derivadas por complementação parece evidenciar que essas orações não desempenham nenhum papel na subcategorização estrita dos verbos, pois podem ser omítidas, ou, antepostas à oração matriz, sem que essa oração sofra prejuízo semântico.

### 3. ORAÇÕES DERIVADAS POR RELATIVIZAÇÃO

Em português alguns tipos de orações, classificadas pela gramática tradicional como adverbiais, podem ser derivadas por relativização.<sup>7</sup>

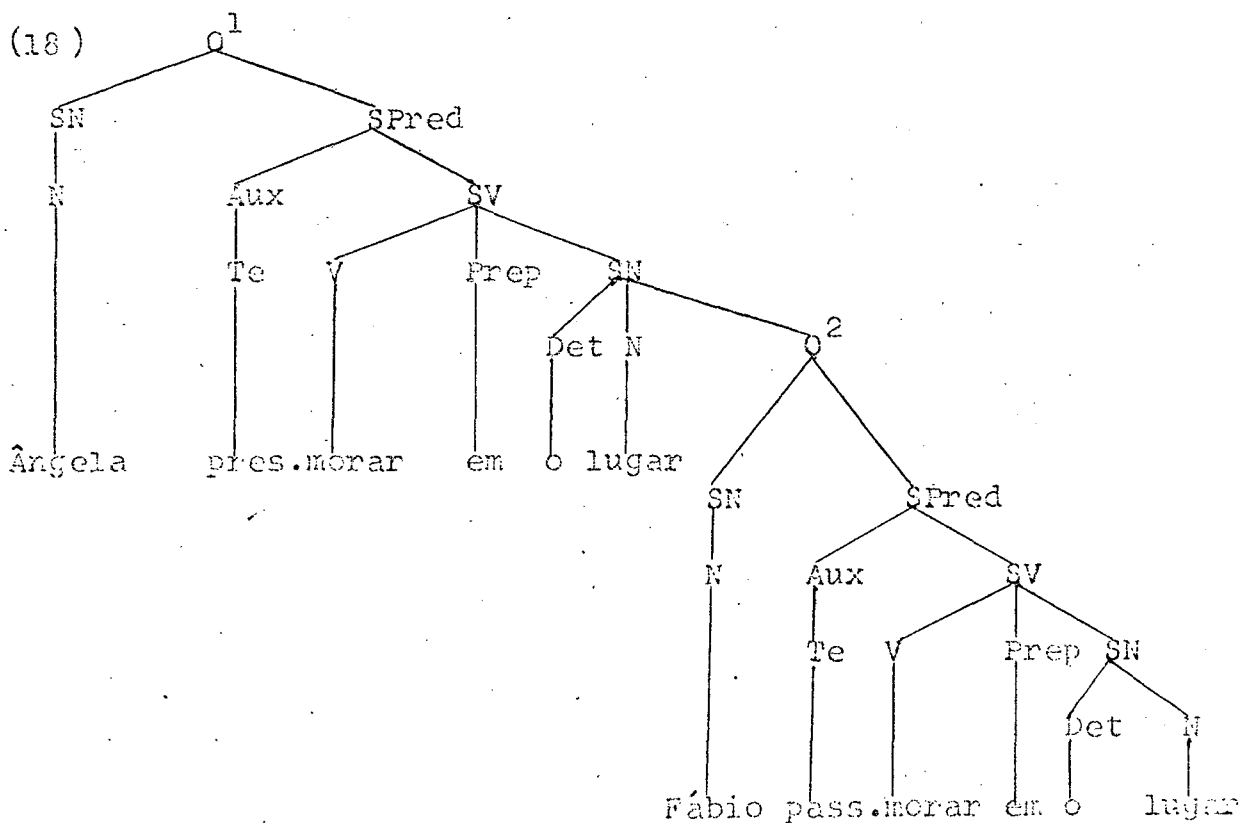
Segundo Hadlich (1973), a relativização ocorre quando se repete um antecedente da oração matriz na oração encaixada. O processo de relativização implica a substituição do antecedente repetido, por um relativo, e a reordenação da oração encaixada com o relativo na posição inicial.<sup>8</sup>

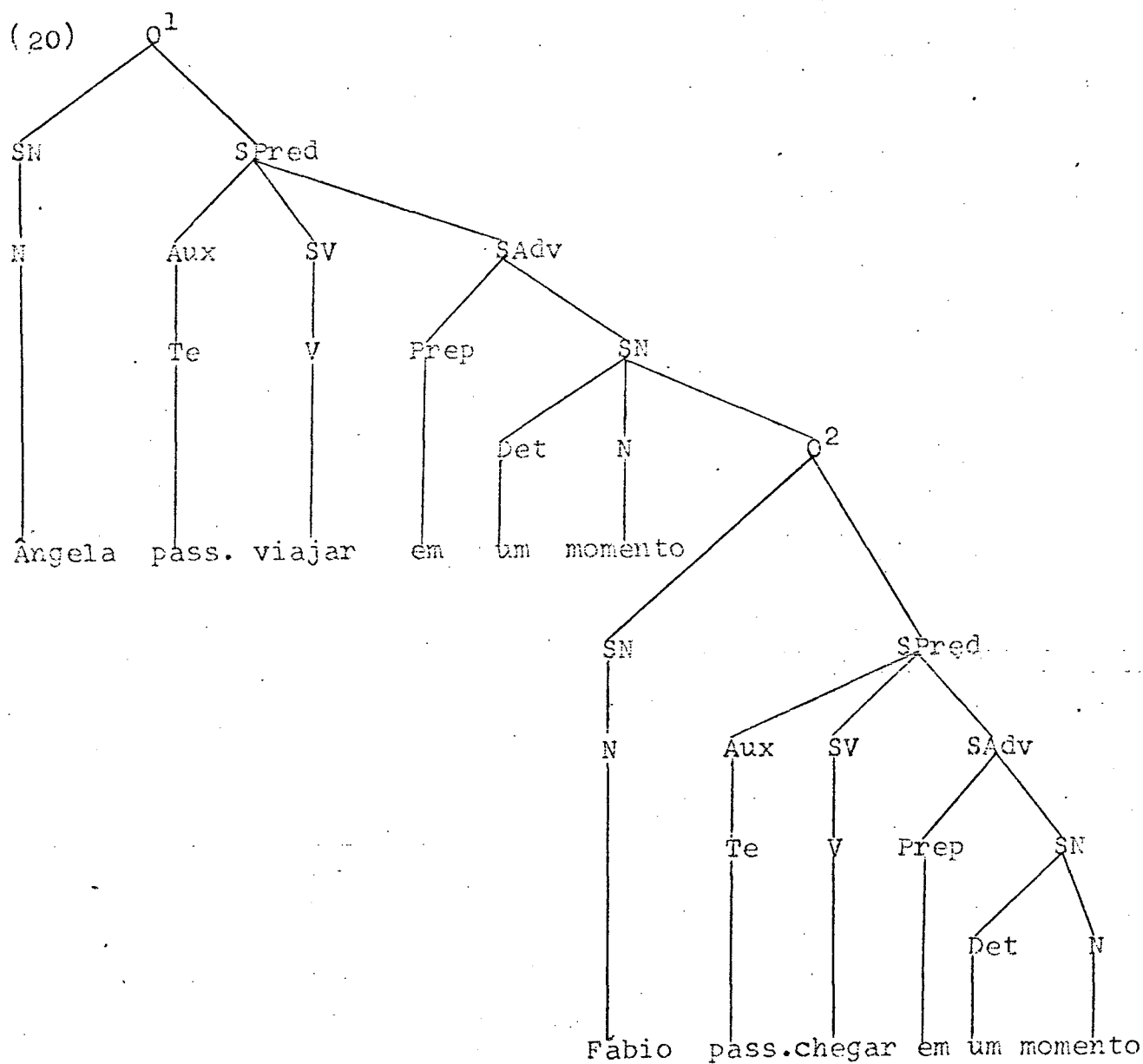
Seguindo-se esse processo de análise, parece ser possível derivar em português as orações com onde e quando, e as proporcionais, como mostra a análise que segue. Os diagramas (18), (20) e (22), representam as estruturas profundas das orações (17), (19), e (21).

(17) Ângela mora onde Fábio morava

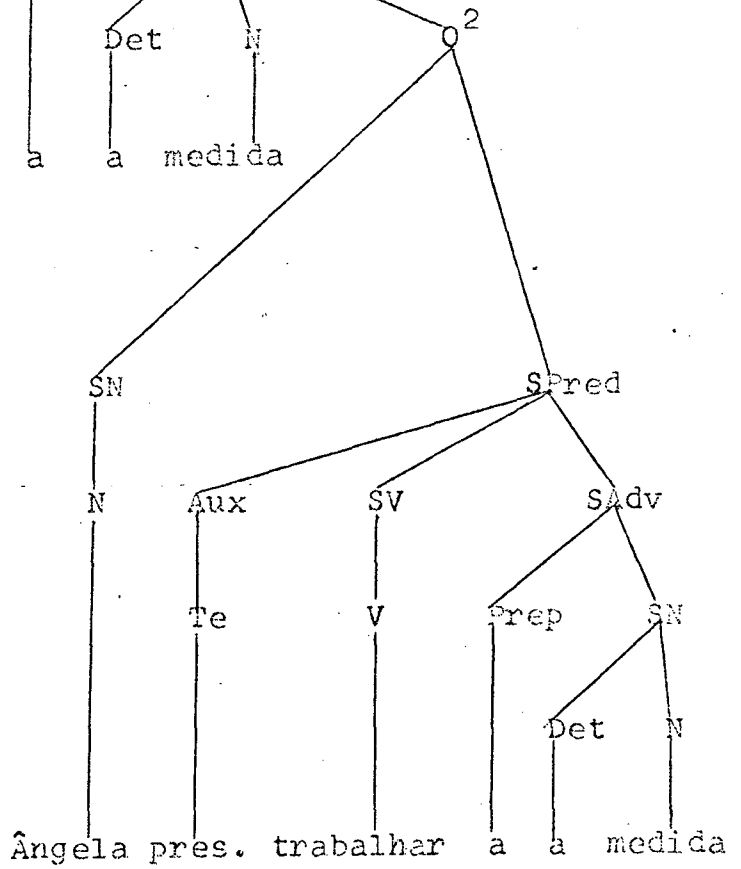
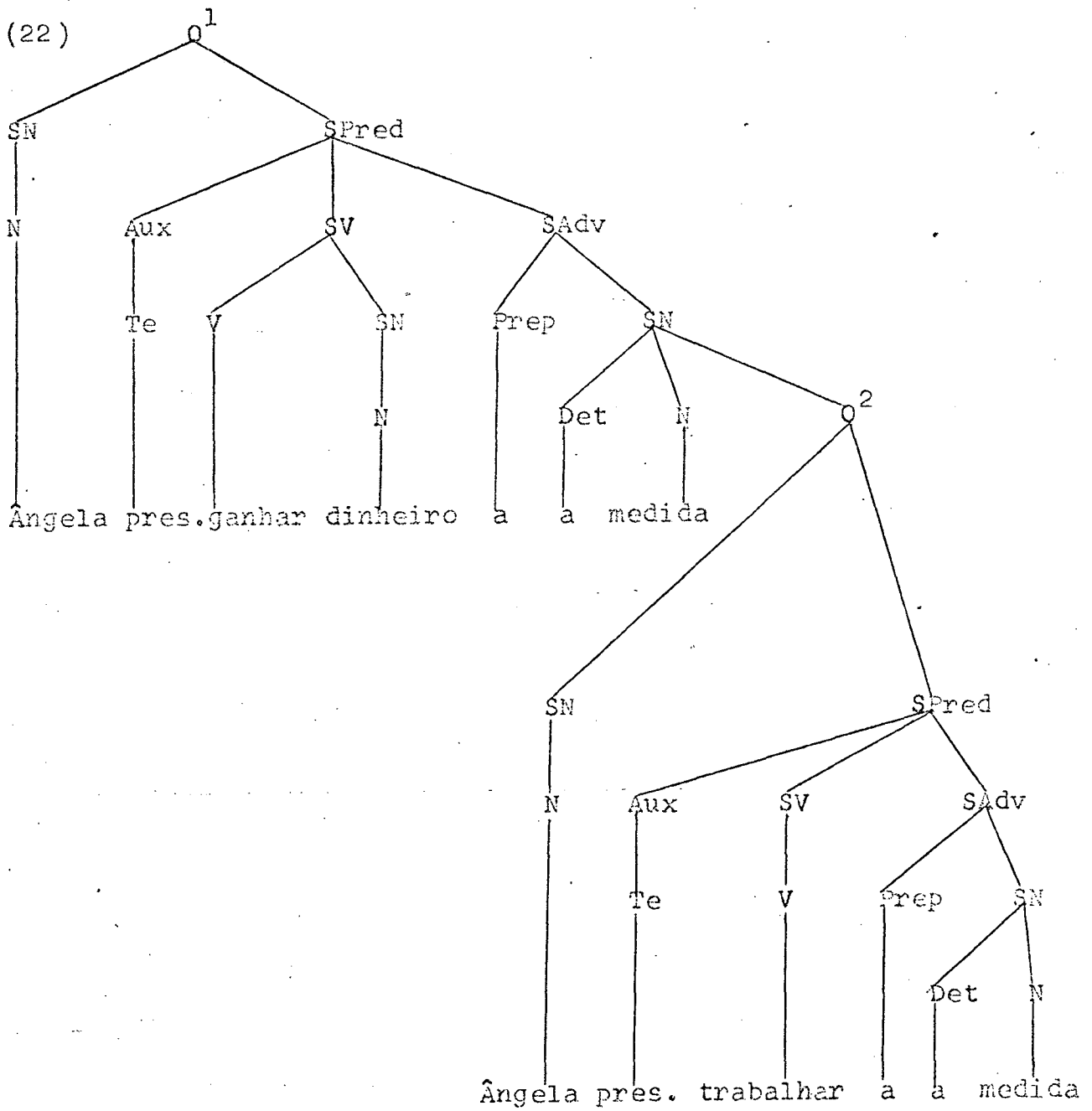
(19) Ângela viajou quando Fábio chegou

(21) Ângela ganha dinheiro à medida que trabalha





(22)



Para derivarmos as orações (17) e (19), a partir das estruturas profundas (18) e (20), será necessário aplicar, além da regra de relativização, uma regra que apague o antecedente da oração matriz.<sup>9</sup>

Transformações: (17)

Regra de Relativização:

$$\left( \text{Ângela pres. morar em o lugar onde} \left( \text{Fábio pass. morar} \right) \right)$$

Regra de Apagamento do Antecedente:

$$\left( \text{Ângela pres. morar onde} \left( \text{Fábio pass. morar} \right) \right)$$

Transformações: (19)

Regra de Relativização:

$$\left( \text{Ângela pass. viajar} \left( \text{em um momento quando Fábio pass. chegar} \right) \right)$$

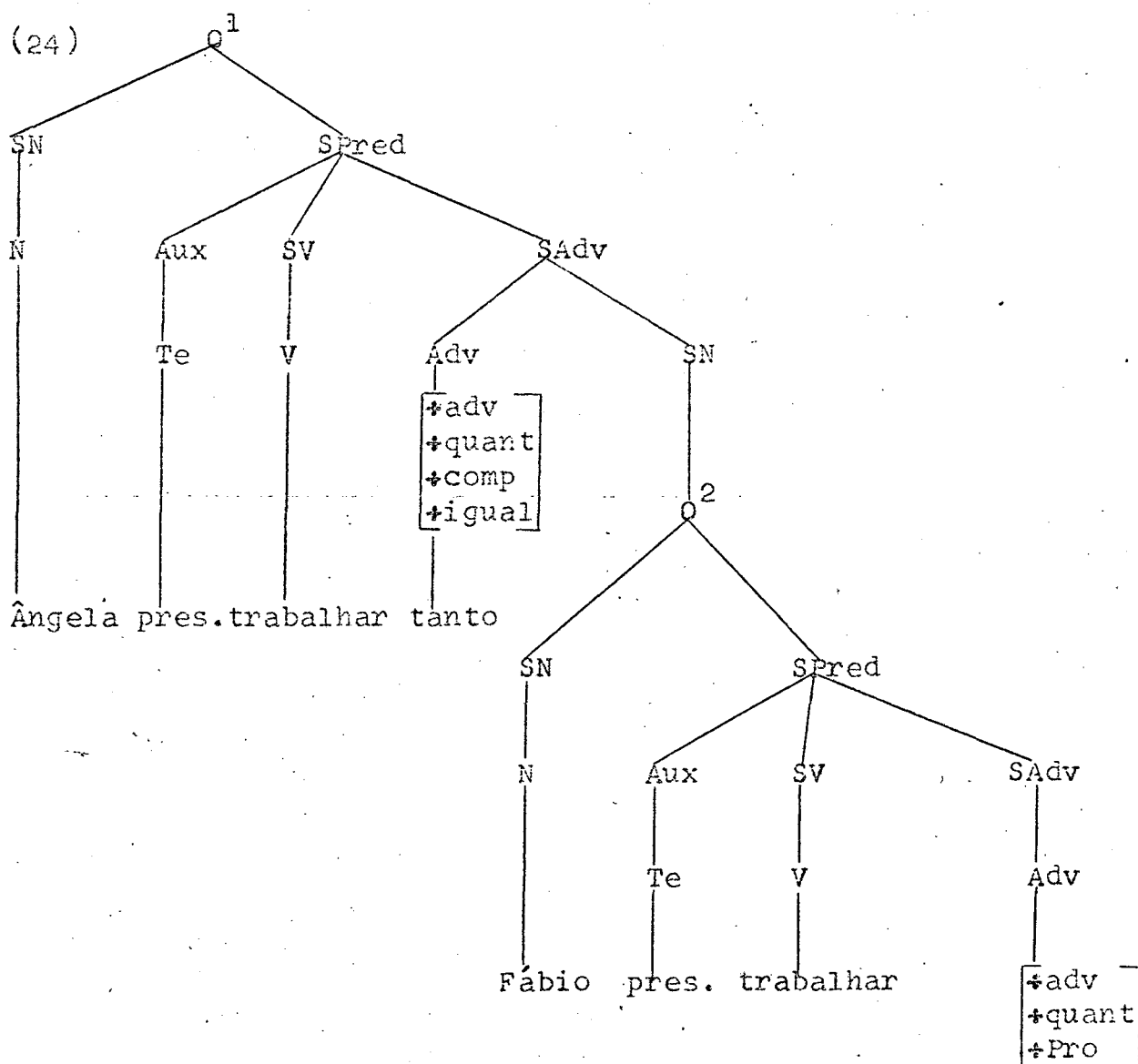
Regra do Apagamento do Antecedente:

$$\left( \text{Ângela pass. viajar} \left( \text{quando Fábio pass. chegar} \right) \right)$$

Por outro lado, observe-se que a derivação da oração (21), a partir da estrutura profunda (22), não apresenta dificuldades. Aplicando-se a regra de relativização, teremos a sequência que segue.

$\left[ \text{Ângela pres.ganhar dinheiro} \left( \text{à medida que Ângela pres.trabalhar} \right) \right]$

Por fim, aplicando-se as regras de concordância verbal e de supressão do sintagma nominal idêntico, teremos as estruturas de superfície das orações (17), (19), e (21).



O diagrama (24) representa a estrutura profunda da oração (23).

(23) Ângela trabalha tanto como Fábio

A estrutura profunda (24) requer, em primeiro lugar, a aplicação das regras de subcategorização que permitem que os traços de comparação (  $[+ \text{comp}]$  ) e igualdade (  $[+ \text{igual}]$  ) sejam opcionais nas regras de subcategorização dos advérbios, e em segundo lugar, a inclusão de um traço  $[+ \text{Pro}]$  na matriz do advérbio.

Segundo Hadlich, os traços  $[+ \text{adv}]$  e  $[+ \text{quant}]$ , na estrutura profunda acima, constituem identidade suficiente para o processo de relativização.<sup>10</sup>

Uma regra de relativização substituirá o advérbio da oração encaixada por um relativo (acrescentando o traço  $[+ \text{rel}]$  em sua matriz), e o alçará à posição inicial.

Uma outra regra deverá especificar que, quando o antecedente for tanto, o advérbio relativo como deverá ser inserido.

Uma regra posterior apagará o verbo da oração encaixada, por ser idêntico ao da oração matriz e, por fim, teremos a estrutura de superfície da oração (23).

Do mesmo modo, parece ser possível derivar as orações comparativas de superioridade e inferioridade, a partir da estrutura profunda (24).

(25) Ângela trabalha mais que Fábio

(26) Ângela trabalha menos que Fábio

A única diferença, com relação às orações comparativas de igualdade, é que o advérbio mais deverá ter o traço  $[+ \text{ sup}]$  e o advérbio menos, o traço  $[- \text{ sup}]$ .

A mesma regra de relativização acrescentará o traço  $[+ \text{ rel}]$  ao advérbio encaixado, e o alçará ao início da oração encaixada.

Uma outra regra deverá especificar que que é o advérbio relativo, que ocorre em orações quando o antecedente é mais, ou menos.

Através de um processo semelhante, parece ser possível derivar também as orações consecutivas e certos tipos de orações temporais.

(27) Ângela trabalhou tanto que adoeceu

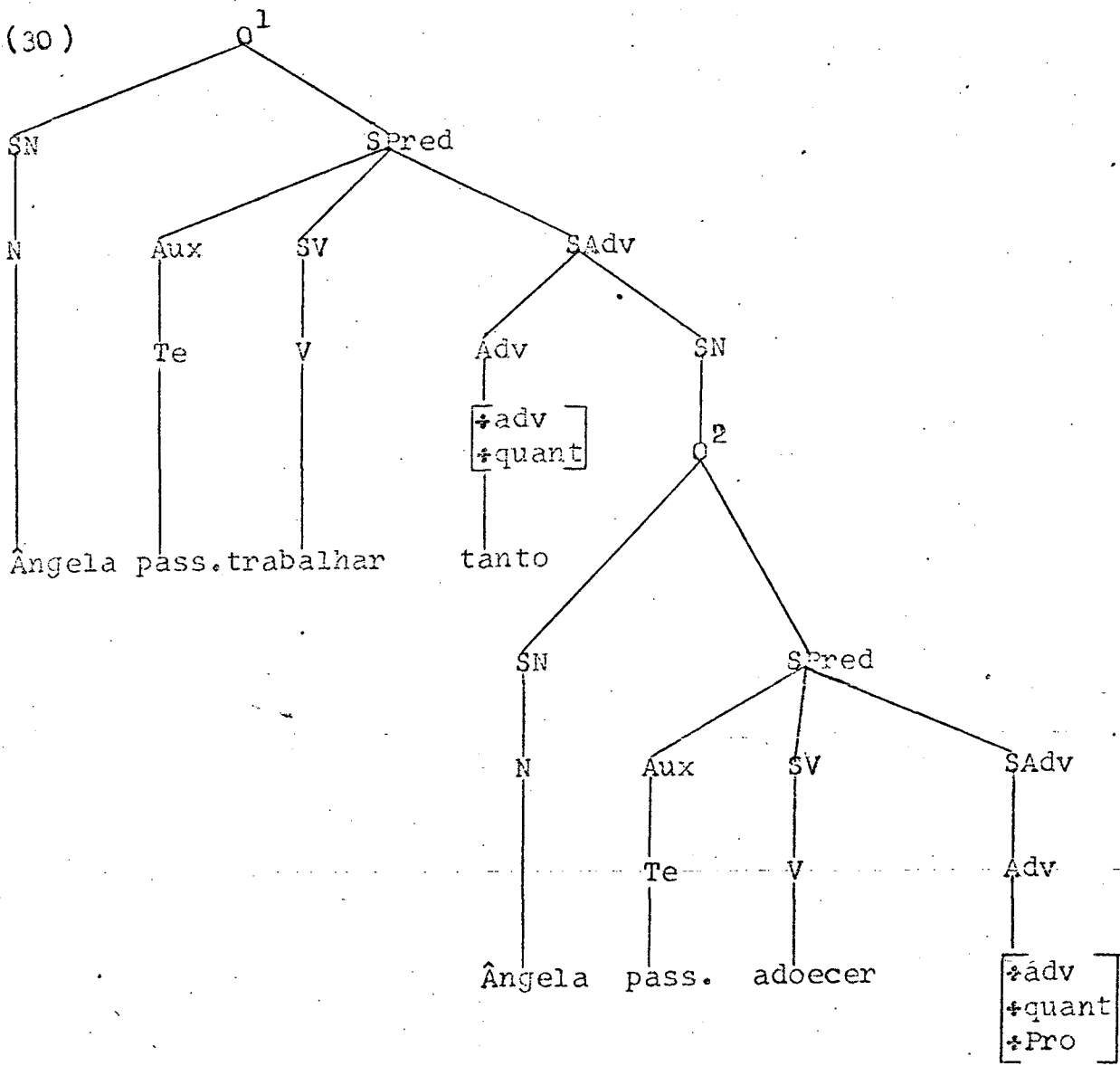
(28) Ângela viajou logo que a festa acabou

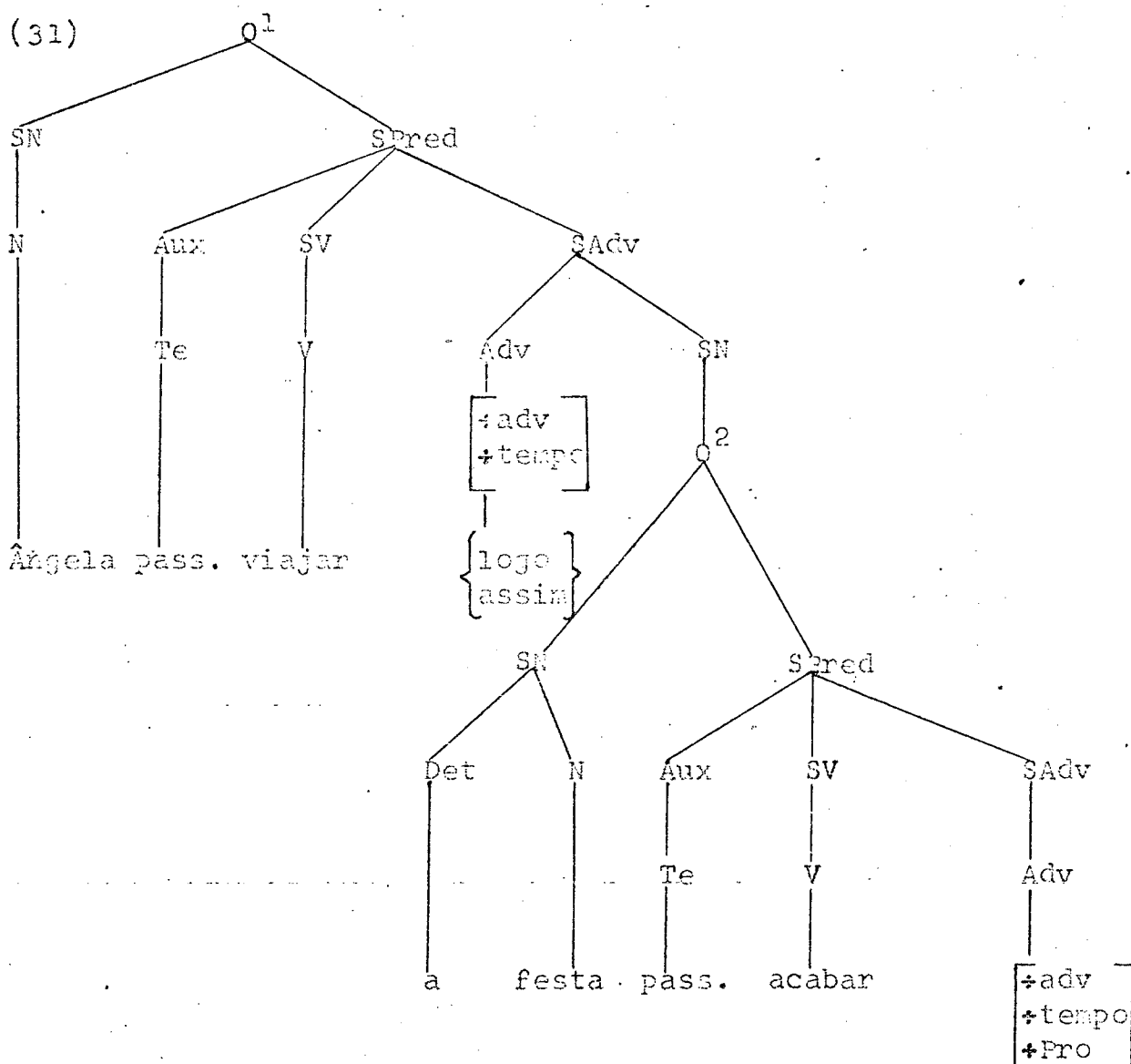
(29) Ângela viajou assim que a festa acabou

Os diagramas (30) e (31) representam as estruturas profundas das orações (27) e (28 e 29).



(30)





A mesma regra de relativização acrescentará o traço  $[+rel]$  ao advérbio encaixado e o alçará ao início da oração encaixada.

Uma regra deverá especificar que que é o relativo, que ocorre em orações, quando o antecedente tiver os traços  $[+adv]$  ou  $[+adv]$   $[+quant]$   $[+tempo]$ .

Um argumento em favor da análise apresentada é a relação de sinonímia entre onde, quando e como, com relativos precedidos de  $[+lugar]$ ,  $[+tempo]$ ,  $[+modo]$ , como mostram as orações (32 e 33), (34 e 35), e (36 e 37).

- (32) Ângela mora no lugar em que Fábio morava
- (33) Ângela mora no lugar onde Fábio morava
- (34) Ângela viajou no momento em que Fábio chegou
- (35) Ângela viajou no momento quando Fábio chegou
- (36) Ângela gosta da maneira que Fábio trabalha
- (37) Ângela gosta da maneira como Fábio trabalha

Seguindo-se esse processo de análise, poderemos derivar orações como (17 e 33), e (19 e 35), a partir de uma mesma estrutura profunda, pois a geração dessas orações é de ordem transformacional.

- (17) Ângela mora onde Fábio morava
- (33) Ângela mora no lugar onde Fábio morava
- (19) Ângela viajou quando Fábio chegou
- (35) Ângela viajou no momento quando Fábio chegou

A análise apresentada parece evidenciar que as orações derivadas por complementação se comportam como orações adverbiais, tanto no aspecto sintático como no aspecto semântico; enquanto que as orações derivadas por relativização se comportam como orações relativas, no aspecto sintático, e como orações adverbiais, no aspecto semântico.

Acreditamos que essa análise é adequada ao português, contudo, é necessário elaborar uma teoria geral que especifique os detalhes dessa análise.

NOTAS

- 1 Chomsky (1965) p.188-195
- 2 Ele escolheu o barco quando se encontrava no trem
- 3 Chomsky (1965) p.190.
- 4 Id., Ibid. p.317-318 nota 28
- 5 Hadlich (1973) p.282
- 6 Azevedo (1973) p.32  
Veja-se também o Capítulo II p.48-49
- 7 Alguns gramáticos tradicionais como Luft (1976 : 62) sugerem também essa possibilidade de análise.
- 8 Hadlich (1973) p.283  
Deixamos de apresentar uma síntese das teorias sobre o processo de relativização, tendo em vista que essas teorias não se referem explicitamente às orações dominadas pelo sintagma adverbial. Para um estudo das orações relativas, veja-se, principalmente, Jacobs e Rosenbaum (1968), Klima (1964), Kuroda (1968), Ross (1966) e (1967), Silva (1973), Smith (1964), Stockwell (1973) e Thompson (1971), entre outros.
- 9 Observe-se que essa regra diverge da apresentada por Hadlich (1973 :282).
- 10 Hadlich (1973) p.284

### CONCLUSÃO

Nesta dissertação procuramos analisar as orações dominadas pelo sintagma verbal, introduzidas pelos complementizadores que e infinitivo, e as orações dominadas pelo sintagma adverbial.

A análise das orações dominadas pelo sintagma verbal evidencia que essas orações podem ser derivadas de um único núcleo verbal. As orações introduzidas pelo complementizador infinitivo ocorrem quando existe identidade de sujeitos. As orações introduzidas pelo complementizador que, dependendo da classe de verbos, podem ocorrer quando os sujeitos são diferentes ou quando existe identidade de sujeitos.

Os verbos que ocorrem seguidos de preposições devem ser subcategorizados no léxico com suas respectivas preposições, pois as preposições fazem parte da idiosincrasia dos verbos.

A análise apresentada evidencia também que o apagamento das preposições acarreta apenas um prejuízo no nível de gramaticalidade e não no aspecto semântico das orações. Contudo, em um nível de gramaticalidade absoluta, as preposições não poderão ser apagadas.

Uma das vantagens da análise que apresentamos está no fato de que permite um tratamento mais adequado dos complementos verbais e também porque procura proporcionar uma simplificação na aplicação das regras transformacionais.

A análise das orações dominadas pelo sintagma adverbial evidencia que essas orações podem ser derivadas por complementação e relativização. As orações derivadas por complementação podem ser introduzidas por conjunções adverbiais, advérbio mais preposição, e por preposições. As orações derivadas por re

lativização podem ser introduzidas pelos relativos onde, quando, como e que.

A análise apresentada evidencia também que as orações derivadas por complementação se comportam, no aspecto sintático e semântico, como orações adverbiais, enquanto que as orações derivadas por relativização se comportam, no aspecto sintático, como orações relativas, e no semântico, como orações adverbiais.

Uma das vantagens da análise proposta está no fato de que permite incluir, no processo de complementação e relativização, também as orações dominadas pelo sintagma adverbial.

Acreditamos ter alcançado o objetivo proposto no início desta dissertação.

Julgamos ser relevante ressaltar que é necessário elaborar uma teoria geral que especifique os detalhes da análise das orações dominadas pelo sintagma adverbial, principalmente com relação às orações derivadas por relativização.

# BIBLIOGRAFIA

- ALI, M. Said. (1971). Gramática história da língua portuguesa. 7.ed. Rio, Livraria Acadêmica.
- AZEVEDO, Milton M. (1976). O subjuntivo em português: um estudo transformacional. Petrópolis, Vozes.
- BACH, Emmon. (1974). Syntactic theory. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc.
- BÁRBARA, Leila. (1975). Sintaxe transformacional do modo verbal. São Paulo, Ática.
- BECHARA, Evanildo. (1972). Lições de português pela análise sintática. 9.ed. Rio, Editora Fundo de Cultura S/A.
- BECHARA, Evanildo. (1976). Moderna gramática portuguesa: cursos de 1º e 2º graus. 20.ed. São Paulo, Editora Nacional.
- BURT, Marina K. (1971). From deep to surface structure: an introduction to transformational syntax. New York, Harper and Row Publishers, Inc.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. (1968). Dicionário de filologia e gramática. 3.ed. Rio, J. Ozon Editor.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. (1972). Estrutura da língua portuguesa. 3.ed. Petrópolis, Vozes.
- CEGALLA, Domingos P. (1976). Novíssima gramática da língua portuguesa. 15.ed. São Paulo, Editora Nacional.
- CHARLIER, Françoise D. e LEEMAN, Danielle. (1976). Bases de análise linguística. [Comment s'initier à la linguistique ? Tradução e adaptação ao português de João Andrade Peres] Coimbra, Livraria Almedina, 1976.
- CHOMSKY, Noam. (1957). Syntactic structures. The Hague, Mouton.

- CHOMSKY, Noam. (1965). Aspectos da teoria da sintaxe. [Aspects of the theory of syntax. Tradução, introdução, notas e apêndices de José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo] . Coimbra, Arménio Amado, 1975.
- CHOMSKY, Noam. (1971). Deep structure, surface structure and semantic interpretation. In: Semantics: Steinberg and Jakobovits (eds.), Cambridge University Press. p.183-216.
- CHOMSKY, Noam. (1972). Remarks on nominalization. In: Readings in english transformational grammar. Jacobs and Rosenbaum (eds.), The Hague, Mouton, p.11-60.
- CONTRERAS, Heles. (1971). Los fundamentos de la gramática transformacional. México, Siglo Veintiuno Editores S/A.
- DIAS, Augusto Epiphany da Silva. (1970). Syntaxe histórica portuguesa. Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- DUBOIS, Jean, e CHARLIER, Françoise D. (1970). Éléments de linguistique française: syntaxe. Paris, Larousse.
- DUBOIS, Jean. e LAGANE, René. (1973). La nouvelle grammaire du français. Paris, Larousse.
- EMMONDS, J. (1969). Constraints on transformations. Dissertation. Indiana University Linguistic Circle.
- FÁVERO, Leonor Lopes. (1974). Complementação de predicado em português. Tese de doutoramento em linguística. São Paulo, Puc.
- FERNANDES, Francisco. (1943). Dicionário de verbos e regimes. Porto Alegre, Editora Globo.
- FILLMORE, Charles J. (1968). The case for case. In: Universals in linguistic theory. Bach and Harms (eds.), New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc. p.1-88.
- FILHO, Aires da Mata Machado. (1953). A correção na frase. Rio, Edição da Organização Simões.



- FODOR, Jerry A. e KATZ, Jerrold J. (1964). The structure of language. New Jersey, Englewood Cliffs, Prentice Hall.
- FURLANETTO, Maria Marta. (1976). La morpho-syntaxe du portugais brésilien: les catégories grammaticales: approche structurale sémantique. Thèse pour le doctorat de 3e cycle. Université de Paris VIII - Vincennes.
- GALMICHE, Michel. (1975). Sémantique générative. Paris, Larousse.
- GARCIA, Othon. (1971). Comunicação em prosa moderna. 2ed. Rio , Fundação Getúlio Vargas.
- GROSS, Maurice. (1968). Grammaire transformationnelle du français: syntaxe du verbe. Paris, Larousse.
- HADLICH, Roger L. (1973). Gramática transformativa del español. [A transformational grammar of spanish. Traducción española de Julio Bombín], Madrid, Editorial Gredos S/A, 1973.
- JACKENDOFF, Ray S. (1972). Semantic interpretation in generative grammar. Cambridge, Massachussets, The M.I.T., Press.
- JACOBS, Roderick A. e ROSENBAUM, Peter S. (1968). English transformational grammar. Waltham, Massachussets, Toronto, Xerox College Publishing.
- KATZ, Jerold J. e POSTAL, Paulo M. (1964). An integrated theory of linguistic descriptions. Cambridge, The M.I.T., Press.
- KIPARSKY, P. e KIPARSKY, C. (1971). Fact. In: Semantics: Steinberg and Jakobovits (eds.), Cambridge University Press. p.345-369.
- KLIMA, Edward S. (1964). Relatedness between grammatical systems. In: Modern studies in english. Reibel and Schane (eds.), New Jersey, Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, 1969. p.227-246.

- KURODA, S.Y. (1968). English relativization and certain related problems. In: Modern studies in english. Reibel and Schane (eds.), New Jersey, Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, 1969. p. 264-287.
- LAKOFF, George. (1966). Gramática profunda e gramática superficial. [Deep and surface grammar. In: Semántica y sintaxis en la lingüística transformatoria. Tradução de Victor Sánchez de Zavala], Madrid, Alianza Editorial S/A, 1974.p.47-132.
- LAKOFF, George. (1967). Los adverbios de instrumento y el concepto de estructura profunda. [Instrumental adverbs and the concept of deep structure. In: Semántica y sintaxis en la lingüística transformatoria. Tradução de Victor Sánchez de Zavala], Madrid, Alianza Editorial S/A, 1974. p.188-225.
- LAKOFF, George. (1970). Irregularity in syntax. New York, Holt, Rinehart and Winston.
- LAKOFF, George. (1971). On generative semantics. In: Semantics. Steinberg and Jakobovits (eds.), Cambridge University Press. p.232-296.
- LAKOFF, Robin. (1968). Abstract syntax and latin complementation. Cambridge, The M.I.T., Press.
- LANGENDOEN, T.D.(1970). Essentials of english grammar. New York, Holt, Rinehart and Winston.
- LEES, R.B. (1961). Grammatical analysis of the english comparative construction. In: Modern studies in english. Reibel and Schane (eds.), New Jersey, Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, 1969. p.303-315.
- LEES, R.B. e KLIMA, Edward S.(1963). Rules for english pronominalization. In: Modern studies in english, Reibel and Schane (eds.), New Jersey, Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, 1969. p.145-159.

- LESSA, Luiz Carlos. (1966). O modernismo brasileiro e a língua portuguesa. Rio, Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. (1974). Gramática normativa da língua portuguesa. 17.ed. São Paulo, Livraria José Olympio Editora.
- LUFT, Celso Pedro. (1976). Moderna gramática brasileira. Porto Alegre, Editora Globo.
- MC CAWLEY, James D. (1968). The role of semantics in a grammar. In: Universals in linguistic theory. Bach and Harms (eds.) New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1968.p. 124-169.
- MORAIS, Euzi R. (1971). O infinito flexionado em português: uma análise transformacional. Tese de Mestrado, Rio, UFRJ.
- NIVETTE, Joseph. (1974). Princípios de gramática gerativa. [Principes de grammaire générative. Tradução, adaptação ao português, glossário e bibliografia adicional de Nilton Vasco da Gama], São Paulo, Pioneira, 1975.
- PAREDES, Vera. (1976). Considerações sobre os complementos verbais regido de a. In: Revista brasileira de linguística. Vol. 3 - Nº1 - Ano II, Rio, Vozes. p.77-91.
- PERINI, Mário A. (1974). A grammar of portuguese infinitives. Dissertation of doctor of philosophy. The University of Texas at Austin.
- PERINI, Mário A. (1976). A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa. Belo Horizonte, Vigília.
- PERLMUTTER, David M. (1971). Deep and surface structure constraints in syntax. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc.
- PONTES, Eunice S.L. (1973). Verbos auxiliares em português. Petrópolis, Vozes.

- QUERIDO, Augusto A.M. (1967). Introduction a une grammaire transformationnelle du portugais. Thèse de doctorat de 3e.cycle de linguistique générale. École Pratique des Hautes Études, IV ème Section, Paris.
- QUICOLI, Antônio G.(1972). Aspects of portuguese complementation. A dissertation submitted to the faculty of the graduate school of state university of New York at Buffalo in partial fulfillment of the requirements for the degree of doctor of philosophy.
- RODRIGUES, Ada Natal.(1974). O dialeto caipira na região de Piracicaba. São Paulo, Ática.
- ROSENBAUM, Peter S.(1967). The grammar of english predicate complement constructions.Cambridge, The M.I.T., Press.
- ROSS, John Robert. (1966). A proposed rule of tree-pruning. In:Modern studies in english. Reibel and Schane (eds.), New Jersey, Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, 1969. p.288-299.
- ROSS, John Robert. (1967). Constraints on variables in syntax. PhD Dissertation.Reproduzido por Indiana University Linguistic Club.
- RUWET, Nicolas. (1967). Introdução à gramática gerativa. [Introduction à la grammaire générative. Tradução e adaptação ao português: Carlos Vogt, revisão: Mary Amazonas Leite de Barros] , São Paulo, Perspectiva, 1975.
- SAMARA, Samira. (1976). Análise das orações relativas introduzidas por onde. Dissertação de Mestrado em lingüística aplicada ao ensino de línguas. São Paulo, Puc.
- SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e. (1973). As orações relativas introduzidas pelo pronome que. Tese de Mestrado, São Paulo, Puc.

- SMITH, Carlota S. (1964). Determiners and relative clauses in a generative grammar of english. In: Modern studies in english. Reibel and Schane (eds.), New Jersey, Prentice - Hall, Inc., Englewood Cliffs, 1969. p.247-263.
- STOCKWELL, Robert et alii. (1973). The major syntactic structures of english. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc.
- THOMPSON, Sandra Annear. (1971). The deep structure of relative clauses. In: Studies in linguistics semantics. Fillmore and Langendoen (eds.), New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc. p.79-94.
- TONDO, Nádia Velhinho. (1974). Uma teoria integrada de comunicação linguística: introdução à gramática transformacional. 2.ed. Porto Alegre, Sulina.
- TORRES, Artur de Almeida. (1954). Regência verbal: novos verbos. Rio, Edição da Organização Simões.
- TUTESCU, Mariana. (1975). Précis de sémantique française. Paris, Librairie C.Klincksieck.
- ZAVALA, Victor Sánchez de (1974). Sémantica y sintaxis en la lingüística transformatoria: I comienzos y centros de la polémica. Madrid. Alianza Editorial S/A.